



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

LARISSA DE SANTANA SILVA

**O APAGAMENTO DO SUJEITO NO CRIOULO PORTUGUÊS DE
MALACA (MALÁSIA)**

Salvador
2020

LARISSA DE SANTANA SILVA

**O APAGAMENTO DO SUJEITO NO CRIOULO PORTUGUÊS DE
MALACA (MALÁSIA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alan Norman Baxter

**Salvador
2020**

Silva, Larissa de Santana.

O apagamento do sujeito no crioulo português de Malaca (Malásia) / Larissa de Santana Silva. - 2020.

108 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alan Norman Baxter.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2020.

1. Sociolinguística. 2. Linguagem e línguas - Variação. 3. Língua crioula - Malaca (Malásia).
4. Língua kristang. I. Baxter, Alan Norman. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras.
III. Título

CDD - 469.799

CDU - 81'282(595.11)

Aos falantes sobreviventes do kristang.

AGRADECIMENTOS

Fazer mestrado na Universidade Federal da Bahia era mais um sonho de uma menina negra, pobre, advinda de colégio público, suburbana, filha de mãe solteira, e que não acredita em pré-destinações.

Por isso, começo os agradecimentos dizendo muito obrigada a quatro pessoas mais que especiais em minha vida, minha avó, meu avô, minha mãe e a professora Márcia Lúcia, por nunca permitirem que eu desistisse, por mais árduo que tenha sido o processo.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Alan Norman Baxter, por se fazer tão presente a ponto de não me deixar sentir os milhares de quilômetros de distância entre o Brasil e a China. Obrigada pelo cuidado, confiança, compreensão, sensibilidade e puxões de orelha. Por me apresentar o mundo fantástico das línguas crioulas e me conduzir nesse caminho.

À negritude, Ezequiel, Jocilene, Maiane, Alessandro, Robson, Erivaldo, muito obrigada pela força e apoio.

À galerinha do Vertentes, muito obrigada a todos e todas pela acolhida.

À Thamires Coelho e à Ludquellen, pelo cuidado e pelas dicas valiosíssimas.

À professora Dr^a Edivalda Alves Araujo, pelas inesquecíveis aulas de sintaxe.

Aos meus alunos, que tanto me ensinaram e me motivaram, graças a vocês, percebi o quanto amo ser professora.

À Railane e a Alex, meus amigos de infância, por compreenderem minhas ausências.

A Vaguiner e ao meu primo Vitor, por me fazerem dar altas gargalhadas quando a exaustão com as codificações dos dados queria me vencer.

Sou incondicionalmente grata ao Senhor do Bonfim por ser luz em todo o meu caminho e por ter colocado pessoas de luz nessa minha trajetória.

À CAPES, pelo financiamento no meu mestrado, o qual me possibilitou na compra de livros, a ter internet em casa, a participar de eventos acadêmicos fora de Salvador, a comprar um computador novo, a me alimentar melhor dentro da universidade e assim ter um melhor rendimento nos estudos, e me possibilitou o luxo de não precisar trabalhar durante esses dois anos do mestrado.

À UFBA, por me conceder esse espaço de aprendizagem.

Enfim, por não me permitir acreditar em uma história única, eu fui lá e criei a minha própria história.

“A linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder. Se ela serve para bloquear - e disso ninguém tem dúvida - também serve para romper o bloqueio.”

(João Wanderley Geraldi)

“Você pode ser intelectual, você pode ter uma situação financeira... um salário razoável, você pode sair da periferia e morar em um condomínio fechado, mas você não pode esquecer quem você é, de onde você veio, que você é negro. Se você esquecer suas raízes, vai ter sempre alguém para te lembrar e quando alguém lembra é da forma mais perversa possível.”

(Vovô do Ilê)

SILVA, Larissa de Santana. O apagamento do sujeito no crioulo português de Malaca (Malásia). 108 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2020.

RESUMO

Esta dissertação investiga a variação no apagamento do sujeito na gramática do crioulo de base lexical portuguesa de Malaca, o kristang, fenômeno reportado inicialmente por Baxter (1988). O estudo focaliza a variável dependente, o sujeito pronominal, em termos de duas variantes: sujeito pronominal realizado e sujeito nulo. O interesse principal do estudo é investigar e descrever as condições estruturais, discursivas (pragmáticas) e extralinguísticas que permitem pronomes sujeitos nulos no kristang em dados extraídos de dezoito entrevistas sociolinguísticas. Dessa maneira, objetiva-se situar o kristang em relação às propostas tipológicas tradicionais e recentes sobre o parâmetro do sujeito nulo; e contribuir com conhecimentos para a tipologia comparada dos crioulos de base lexical portuguesa na Ásia. Como a taxa geral de sujeito nulo no corpus contemplado fica abaixo de 50%, trabalha-se com a hipótese de que o kristang seria uma língua de sujeito nulo parcial (D’ALESSANDRO, 2015). Para avaliar essa hipótese, e investigar o encaixamento do sujeito nulo nessa comunidade linguística, trabalha-se dentro do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 2008 [1972]). Com base em características de sistemas de sujeito nulo (D’ALESSANDRO, 2015; HOLMBERG, NAYADU e SHEEHAN 2009), formulou-se um conjunto de dez hipóteses para estudar a variação observada no corpus contemplado. Sete dessas hipóteses foram confirmadas como estatisticamente relevantes para o uso do sujeito nulo: frequência da referência anterior ao sujeito, forma da referência prévia, função discursiva da frase, localização estrutural do sujeito, tipo de verbo, marcação do tempo-aspecto, e faixa etária do falante. As três hipóteses não confirmadas como relevantes foram sujeito-número, turno na conversação, e sexo do falante.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Sujeito pronominal. Sujeito nulo. Língua crioula. Malaca.

SILVA, Larissa de Santana. Subject deletion in the Creole Portuguese of Malacca (Malaysia). 108 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2020.

ABSTRACT

This dissertation investigates variation in the deletion of the subject in the grammar of the Portuguese lexified creole language of Malacca, known as *kristang*, a phenomenon initially reported by Baxter (1988). The study focuses on the dependent variable, the pronominal subject, in terms of two variants: actual pronominal subject and null subject. The main interest of the study is to investigate and describe the structural, discursive (pragmatic) and extralinguistic conditions that permit null subject pronouns in *kristang* in data from eighteen sociolinguistic interviews. Thus, it is intended to situate *kristang* in relation to traditional and recent typological proposals concerning the null subject parameter and to contribute knowledge to the comparative typology of Portuguese-based Creoles in Asia. As the general null subject rate in the corpus in focus is below 50%, the study assumes the initial hypothesis that *Kristang* would be a partial null subject language (D’ALESSANDRO, 2015). To evaluate this hypothesis, and to investigate the sociolinguistic profile of null subject in this linguistic community, the study adopts the theoretical-methodological framework of Labovian Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). Based on characteristics of null subject systems (D’ALESSANDRO, 2015; HOLMBERG, NAYADU and SHEEHAN 2009), a set of 10 hypotheses were formulated and instrumentalized to study the variation observed in the corpus in focus. Seven of these hypotheses were confirmed as statistically relevant to the use of null subject: frequency of the previous reference to the subject, form of the previous reference, discourse function of the sentence, structural location of subject, type of verb, tense-aspect marking, and age-group of speaker. The three hypotheses not confirmed as relevant were subject person-number, conversational turn and sex of speaker.

Keywords: Sociolinguistics. Variation. Pronominal subject. Null subject. Creole language. Malacca.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa da África	21
Mapa 2 – Mapa da Ásia	25

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

GRÁFICO

Gráfico 1 – Perfil global da variável dependente na fala da comunidade kristang..... 72

TABELAS

Tabela 1 - Possíveis combinações das características do parâmetro do sujeito nulo em diversas línguas naturais.....	46
Tabela 2 - Frequência de aplicação da variável dependente na fala da comunidade kristang.	71
Tabela 3 - Variáveis independentes selecionadas para o apagamento do sujeito no kristang.	72
Tabela 4 - Efeito da menção prévia sobre o sujeito nulo.....	74
Tabela 5 - Efeito da forma da referência anterior ao sujeito sobre o sujeito nulo.....	76
Tabela 6 - Efeito da função discursiva da frase sobre o sujeito nulo	79
Tabela 7 - Efeito da Localização em relação ao antecedente sobre o sujeito nulo.....	82
Tabela 8 - Efeito do tipo de verbo sobre o sujeito nulo.....	84
Tabela 9 - Efeito da presença de marcador de TMA sobre o sujeito nulo.....	86
Tabela 10 - Efeito da faixa etária sobre o sujeito nulo	88
Tabela 11 - Efeito da pessoa do discurso sobre o sujeito nulo – variável não selecionada.....	90
Tabela 12 - Efeito da referência anterior por turno sobre o sujeito nulo – variável não selecionada.....	92
Tabela 13 - Efeito do sexo do falante sobre o sujeito nulo – variável não selecionada	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro pronominal do kristang.....	34
Quadro 2 – Propriedades do kristang.....	53
Quadro 3 – Variáveis independentes linguísticas.....	64
Quadro 4 – Variáveis independentes extralinguísticas.....	68
Quadro 5 – Variável independente discursiva.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS/SÍMBOLOS

L2	–	Segunda Língua
L1	–	Primeira Língua
TLI	–	Transmissão Linguística Irregular
CAG	–	Crioulos da Alta Guiné
CGG	–	Crioulos do Golfo da Guiné
NSP	–	Parâmetro do Sujeito Nulo (Null Subject Parameter)
EPP	–	Princípio de Projeção Estendida (Extended Projection Principle)
NSL	–	Língua de Sujeito Nulo (Null-Subject Languages)
EXE	–	Sujeitos nulos Expletivo
SI	–	Inversão livre entre sujeito e verbo
ND	–	Dados inconclusivos
TMA	–	Tempo Modo e Aspecto
DLP	–	Dados Linguísticos Primários
L-I	–	Competência linguística
L-E	–	Desempenho linguístico
R	–	Sujeito pronominal realizado
N	–	Sujeito pronominal nulo
Ø	–	Entidade nula
FUT	–	Partícula de tempo Futuro
AP	–	Partícula de Aspecto Perfectivo
PROG	–	Partícula de Aspecto progressivo
DEM	–	Demonstrativos
QUANT	–	Quantificador
PREP	–	Preposição
CONJ	–	Conjunção
ADV	–	Advérbio
ADJ	–	Adjetivo
GEN	–	Genitivo
NOM	–	Nome
AC	–	Marcador de acusativo
D	–	Marcador de dativo

POSS	–	Possessivo
COMP	–	Complementador
INTER	–	Pronome interrogativo
NEG	–	Negação
SN	–	Sintagma Nominal
NUM	–	Numeral
P1	–	Primeira pessoa do singular
P2	–	Segunda pessoa do singular
P3	–	Terceira pessoa do singular
P4	–	Primeira pessoa do plural
P5	–	Segunda pessoa do plural
P6	–	Terceira pessoa do plural
E	–	Entrevistador
I	–	Informante
DET	–	Determinante
AGR	–	Concordância
LF	–	Forma Lógica
ENF	–	Enfatizador
EXCL	–	Exclamação
ONGs	–	Organizações Não Governamentais
AI	–	Partícula de Aspecto Imperfectivo
REL	–	Pronome Relativo
PRS	–	Marcador de Tempo Presente
OBJ	–	Objeto
REP	–	Reportativo
HAB	–	Partícula de Eventos Habituais
NS	–	Sujeito Nulo (Null-Subject)
INFL	–	Flexão

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO	17
2.1 PANORÂMICA DOS CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA.....	17
2.1.1 África.....	21
2.1.2 Ásia.....	24
2.2 A CIDADE DE MALACA	28
2.2.1 Período português.....	29
2.2.2 Período holandês.....	30
2.2.3 Período britânico	31
2.3 A COMUNIDADE DE FALA KRISTANG.....	33
2.3.1 O kristang – alguns aspectos tipológicos	33
2.3.2 Influências do inglês e do malaio no kristang	38
2.3.3 Manutenção e revitalização do kristang.....	41
2.4 SÍNTESE	42
3. REVISÃO DA LITERATURA TEÓRICA	43
3.1 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO	43
3.2 PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS DE SUJEITO NULO	45
3.2.1 Interpretação por meio de uma estratégia que relaciona informação discursiva e estrutura	47
3.2.1.1 Topicalidade: FOREGROUND no discurso narrativo	50
3.3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E AS LÍNGUAS CRIoulAS.....	51
3.4 COMO SE COMPORTA O KRISTANG?	52
3.5 SÍNTESE	54
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS	55
4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	55
4.1.1 A sociolinguística variacionista	55
4.1.2 Diálogos possíveis - A Sociolinguística Paramétrica	57
4.2 METODOLOGIA.....	58
4.2.1 A escolha da comunidade.....	58
4.2.2 Origem e estrutura do corpus	59

4.2.3 O Goldvarb X.....	61
4.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS, EXTRALINGUÍSTICAS E DISCURSIVA.....	62
4.3.1 A variável dependente.....	62
4.3.2 As variáveis independentes linguísticas.....	63
4.3.3 As variáveis independentes extralinguísticas.....	68
4.3.4 Variável independente discursiva.....	69
4.4 SÍNTESE	70
5. RESULTADOS	71
5.1 PERFIL GLOBAL E VARIÁVEIS INDEPENDENTES SELECIONADAS	71
5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	73
5.2.1 Menção prévia.....	73
5.2.2 Forma da referência anterior	75
5.2.3 Função discursiva da frase	77
5.2.4 Localização em relação ao antecedente	80
5.2.5 Tipo de verbo	83
5.2.6 Presença de marcador TMA.....	85
5.3 VARIÁVEL EXLINGUÍSTICA	88
5.3.1 Faixa etária do falante.....	88
5.4 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARBX COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES PARA O APAGAMENTO DO SUJEITO EM KRISTANG.....	89
5.4.1 Pessoa do discurso	89
5.4.2 Referência anterior por turno	91
5.4.3 Sexo do falante	92
5.5 SÍNTESE	93
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – TABULAÇÃO CRUZADA ENTRE OS FATORES VERBOS MODAIS E RESPOSTAS A PERGUNTAS DIRETAS	108

1. INTRODUÇÃO

O estudo contemplado nesta dissertação versa sobre a língua kristang, uma língua crioula de base lexical portuguesa falada em Malaca, na Malásia. Trata-se de uma das várias línguas crioulas que tiveram origem na expansão colonial portuguesa na Ásia no século XVI. A sua gramática difere substancialmente do português e, embora tenha sido tema de vários estudos (HANCOCK, 1973; BAXTER, 1988; THURGOOD e THURGOOD, 1966, entre outros), o kristang ainda representa desafios significativos aos nossos conhecimentos da tipologia dos crioulos portugueses da Ásia.

Nesse sentido, o interesse do presente estudo radica no fato de que o kristang manifesta um mecanismo de sujeito nulo bastante dinâmico, apesar de não apresentar todo o conjunto de características gramaticais propostas na literatura como típicas desse mecanismo. Por exemplo, por um lado, está ausente no kristang a rica flexão verbal, uma das características fundamentais de línguas de sujeito nulo propostas por Rizzi (1986) e não admite inversão livre de sujeito e verbo, embora o kristang apresente um tipo de inversão de sujeito e verbo, esse fenômeno é pouco frequente e parece estar limitado a poucos verbos (*bai* ‘ir’, *beng* ‘vir’, *chegá* ‘chegar’) por isso não pode ser considerada inversão livre. Por outro lado, o kristang tem sujeitos nulos referenciais, tem pronomes expletivos obrigatoriamente nulos e permite extração do sujeito da cláusula incorporada (ausência do efeito That-T), embora a extração ocorra mais frequentemente sem a presença do complementador. Além disso, o kristang se ajusta parcialmente à proposta de Neeleman e Szendrői (2005) de que, em línguas que não tenham concordância verbal, o “*pro-drop* radical” ocorre graças a pronomes pessoais aglutinados para número e/ou outras características nominais cuja presença durante a derivação permite o *pro-drop* e facilita a recuperação da referência.

No trabalho atual são analisados dados de dezoito entrevistas sociolinguísticas. Como a taxa geral de sujeito nulo no corpus contemplado fica abaixo de 50%, trabalha-se com a hipótese inicial de que o kristang seria uma língua de sujeito nulo parcial (D’ALESSANDRO, 2015). Para avaliar essa hipótese, e investigar o encaixamento do sujeito nulo na gramática desta língua e na sua comunidade de fala, optou-se pela base teórica e metodológica da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 2008 [1972]). Com base em características de sistemas de sujeito nulo, D’Alessandro (2015); Holmberg, Nayadu e Sheehan (2009), formulou-se um conjunto de dez hipóteses para estudar a variação observada em dados extraídos do corpus analisado. Sete dessas hipóteses foram confirmadas como estatisticamente relevantes para o uso do sujeito nulo: frequência da referência anterior ao

sujeito, forma da referência prévia, função discursiva da frase, localização estrutural do sujeito, tipo de verbo, marcação do tempo-aspecto, e faixa etária do falante. As três hipóteses não confirmadas como relevantes foram sujeito-número, turno na conversação, e sexo do falante. Dessa maneira, espera-se contribuir com dados para a descrição comparada da tipologia dos crioulos de base lexical portuguesa na Ásia, e no geral.

A proposta da pesquisa se justifica por não existir nenhum estudo específico sobre o parâmetro do sujeito nulo em crioulos de base lexical portuguesa da Ásia. Em contrapartida, para os crioulos de base lexical portuguesa da região atlântica, esse fenômeno já conta com descrição e propostas teóricas em fase avançada (NICOLIS, 2008; BAPTISTA, 2002; KOUWENBERG, 1990).

O segundo capítulo dessa dissertação, *Contexto sóciohistórico*, apresenta um breve panorama da formação dos crioulos de base lexical portuguesa, uma visão do contexto sócio-histórico em que se desenvolveu o kristang, e algumas características notáveis da gramática do kristang. O terceiro capítulo dedica-se à revisão da literatura sobre o fenômeno tipológico do sujeito nulo, enquanto o quarto capítulo apresenta o enquadramento teórico-metodológico do estudo, a natureza dos dados contemplados e o seu tratamento, e as hipóteses a serem avaliadas. No quinto capítulo, são apresentados e comentados os resultados obtidos pela análise, tendo em mente as hipóteses de trabalho elencadas no capítulo três. As considerações finais da dissertação sintetizam o que foi logrado pela análise e comentam as suas implicações para a definição do quadro de sujeito nulo nesta língua crioula.

2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O presente capítulo fornece elementos do contexto sócio-histórico em que se desenvolveu a língua crioula de base lexical portuguesa de Malaca.

Na seção 2.1 apresenta-se um panorama da formação dos crioulos de base lexical portuguesa na África e Ásia, focando as peculiaridades desse processo nesta região. Em seguida, na seção 2.2, traça-se um breve perfil sócio-histórico do antigo enclave português de Malaca, na Malásia oriental, onde se encontra a grande maioria dos falantes do kristang. Finalmente, a seção 2.3 apresenta a comunidade de fala crioula e descreve alguns aspectos tipológicos desta língua.

2.1 PANORÂMICA DOS CRIoulos DE BASE LEXICAL PORTUGUESA

Os crioulos são línguas naturais que se originaram principalmente do processo de colonização europeia, em contextos onde diferentes culturas, etnias e línguas entraram em contato devido ao comércio: mercantil, agrícola e escravagista. Nesses cenários onde falantes de línguas mutuamente ininteligíveis precisavam comunicar-se, para atender às funções comunicativas imediatas, formaram-se variedades altamente diversass e instáveis de segunda língua (L2) rudimentar, com base no léxico da língua do poder (VELUPILLAI, 2015, p. 15-16). Esse processo é conhecido como pidginização, e a L2 produzida é chamada pidgin. Em contextos onde o uso do pidgin era prolongado, a gama de funções do pidgin cresceu e surgiram regras gramaticais comuns e mais estáveis, com o tempo esse pidgin pode se nativizar e a partir do nascimento de crianças que o aprendem como primeira língua (L1). A língua produto desse processo é denominada língua crioula.

Os crioulos de base lexical portuguesa resultaram do contato entre o português e diversas línguas encontradas durante o gradual processo da expansão colonial portuguesa em África e Ásia (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p. 670). Nessas circunstâncias, o português era adquirido por outros povos como variedades de L2 de qualidade muito variável; posteriormente, setores das populações locais desenvolveram esses modelos de L2 como L1, língua crioula. Na África, a maioria dos crioulos de base lexical portuguesa mantém uma certa vitalidade, enquanto que na Ásia estão em declínio. Nessa região, sobrevivem apenas alguns representantes, em populações pequenas, sendo que muitos

já entraram em extinção entre o século XIX e o século XX, tendo restado apenas registros documentais (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p. 670-672).

O crioulo é uma língua como qualquer outra língua natural, capaz de satisfazer qualquer necessidade linguística da comunidade de fala (VELUPILLAI, 2015, p. 43). Se as línguas crioulas são línguas como outras quaisquer, por que chamá-las de crioulas? Essa é uma pergunta muito frequente. O termo "crioulo" foi inicialmente usado para se referir aos descendentes de europeus que nasceram nas colônias, especialmente nas colônias caribenhas. A palavra entrou em inglês pelo *créole* francês, que, por sua vez, deriva da palavra crioulo em português e / ou do *criollo* espanhol "nativo". O termo passou a ser usado para qualquer pessoa, animal ou planta que tenha nascido, se criado ou crescido nas colônias, especialmente nas colônias do Caribe (VELUPILLAI, 2015, p. 44). Gradualmente, o termo "crioulo" passou a ser usado para se referir à (s) cultura (s) e à (s) língua (s) daqueles que vieram a formar a maior parte da população nas colônias. O primeiro uso conhecido de "crioulo" para se referir a uma língua é de um relato de viagem do português Francisco de Lemos Coelho em 1684 (Descrição da costa da Guiné), onde ele escreve sobre o crioulo de Cacheu (VELUPILLAI, 2015, p. 44).

Há um debate intenso acerca da formação das línguas crioulas, sobre o que vem a ser de fato uma língua crioula e como elas podem ser identificadas. As diferentes perspectivas sobre o processo de formação e a tipologia dessas variedades linguísticas podem ser resumidas essencialmente sob os seguintes temas: processos universais inatos inerentes à aquisição linguística, influência das línguas tradicionais pré-coloniais, efeito de processos envolvidos em qualquer situação de contato entre línguas, papel de processos normais no desenvolvimento histórico das línguas, e até um questionamento do mesmo conceito de língua crioula como entidade tipológica. Os seguintes parágrafos resumem algumas das perspectivas principais. O único ponto comum entre as várias perspectivas parece ser que as línguas crioulas com léxicos derivados principalmente de línguas europeias resultam de um processo de aquisição linguística natural em contextos sociolinguísticos históricos extremos (SINGLER, 2008).

Alguns especialistas têm argumentado a favor do papel de mecanismos universais, inatos, que entrariam em jogo em situações sócio-históricas em que uma população de falantes de diferentes L1 é obrigada a abandonar as suas línguas nativas, criando uma L2 de emergência que se serve do léxico de uma língua invasora e politicamente dominante (BICKERTON 1981, 1984). Nessa visão, que aponta para semelhanças estruturais entre os diferentes crioulos, as crianças teriam um papel fundamental como agentes da formação do

crioulo. Na ausência de evidências claras de DLP (dados linguísticos primários) a criança lançaria mão de disposições *default* da gramática universal (BICKERTON, 1981, 1988). Essa perspectiva foi popular nas décadas de 1980 e 1990, mas tem sido descartada quase inteiramente, devido a defeitos na amostragem dos dados comparados e na apreciação dos fatos sociolinguísticos históricos das línguas contempladas (VEENSTRA, 2008). Apesar disso, a hipótese do bioprograma teve o efeito muito positivo de focar a atenção dos especialistas no processo de aquisição natural pelo contato, re-avaliando o papel do substrato, questionando se a criouliização sempre foi abrupta e chamando a atenção para a importância dos pormenores demográficos da população criouliizante (ARENDS, 1995; VEENSTRA, 2008; CLEMENTS, 2009).

Alguns crioulistas consideram o substrato como fator fundamental na formação de pidgins e crioulos, e sublinham o fato de que esse tipo de língua possuía algumas propriedades derivadas de suas línguas de substrato e outras derivadas da língua de superstrato (LEFEBVRE, 2001; LUMSDEN, 1999). Nessa visão, a junção de características estruturais não acontece de forma aleatória. A hipótese da relexificação avançada por Lefebvre (2001), propõe que, enquanto as formas fonológicas das entradas lexicais de um crioulo provêm de expressões do superstrato, as propriedades semânticas e sintáticas dessas entradas lexicais seguem o padrão das línguas de substrato. É uma proposta que conta com respaldo em pesquisas sobre a formação do crioulo haitiano e em pesquisas sobre a aquisição de L2 (LEFEBVRE, 2011; LUMSDEN, 1999).

Ainda outros especialistas defendem que as línguas crioulas se desenvolvem com os mesmos processos de formação de línguas ditas não crioulas, argumentando que todas as línguas, incluindo as crioulas, são formadas a partir dos processos de Competição e Seleção, considerando a Evolução Linguística (MUFWENE, 2001, 2002, 2008). Há também os que defendem que não há nada excepcional na formação das línguas crioulas, que estas são resultados de mudanças linguísticas normais. Nessa abordagem, a emergência de qualquer nova língua ou variedade no contexto de contato linguístico chama atenção para os contextos sociohistóricos de formação das línguas e para o papel da aquisição de L1 e de L2 na construção de novas gramáticas a partir de inputs variáveis e complexos. (ABOH; DEGRAFF, 2017).

Em uma linha que também vê a criouliização como um fenômeno que envolve processos linguísticos normais, que ocorrem em situações de contato condicionados por fatores sociolinguísticos particulares, alguns especialistas consideram as chamadas línguas crioulas como produtos radicais do contato, sendo que o contato pode surtir efeitos

gradativos, alguns radicais e outros não. Essa perspectiva trabalha com o conceito de language shift (mudança de língua) a nível de comunidade (WINFORD, 2003). Uma população muda de língua L1 dominante, passando por uma fase de L2 e eventualmente assumindo essa nova L1 (ex-L2), mas reestruturando a L1 devido à incorporação de características da L2 (HOLM, 2004; LUCCHESI e BAXTER, 2009; WINFORD, 2003). Assim, na perspectiva de Lucchesi e Baxter (2009), sob a rubrica de Transmissão Linguística Irregular, nos casos de contato entre línguas, podem ocorrer situações que levam à formação de um crioulo radical, ou não. No caso negativo, é possível haver um processo de transmissão linguística geracional de tipo mais leve, como os autores sugerem ter ocorrido em variedades do PB, em que não se originou outra identidade linguística, mas uma variedade da língua alvo que evidencia traços de L2 adquirido pelo contato.

No que tange à identificação de uma língua crioula, alguns defendem que os crioulos podem ser identificados pela estrutura linguística que possuem, por exemplo, Bakker et al. (2011) e McWhorter (2007). Outros defendem uma linha mais histórica, argumentando que o viés para tratar uma língua como crioula está no âmbito sócio-histórico de formação dessas línguas, por exemplo, Degraff (2003), (VELUPILLAI, 2015, p. 43-44). No entanto, mesmo em meio a todo esse debate nenhum linguísta sério questiona o status do crioulo enquanto uma língua natural, nem a importância central da aquisição linguística, das interferências inter-linguísticas e o papel orientador da sócio-história e demográfica na formação dessas línguas.

Baseando-se nas principais perspectivas de cerca de cinco décadas de pesquisa, as perspectivas mais atuais, embora talvez enfatizem um aspecto particular do processo de crioulição, têm linhas comuns que apontam para uma conjugação de fatores relativos à demografia, processos de aquisição de linguagem e dados de superestrato e substrato, de modo que nenhuma explicação única para a gênese crioula é suficiente (KOWENBERG e SINGLER, 2008). Entre esses fatores, o desenvolvimento da gramática crioula por meio da aquisição natural da linguagem por adultos e crianças é mediado pela natureza da incorporação de dados, envolvendo as frequências e a transparência dos dados disponíveis como modelos, a influência do substrato e os requisitos gerais da linguagem humana como sistema de comunicação (CLEMENTS, 2018, 2019; LEFEBVRE, 2011).

A perspectiva adotada nesta dissertação, relativamente à formação dos crioulos de base lexical portuguesa no geral, considera que as origens destes crioulos só podem ser contempladas desde uma perspectiva que compreende processos de aquisição natural pelo

contato, incluindo a influência do substrato, e a complexidade sociolinguística histórica do contexto específico do contato.

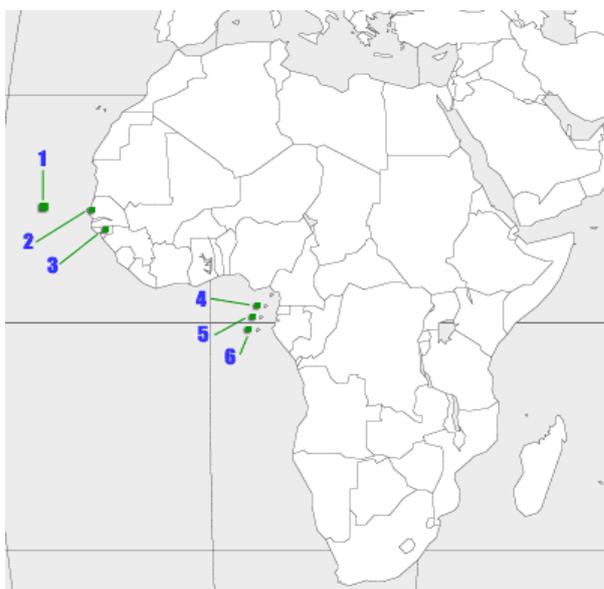
A perspectiva adotada nesta dissertação, relativamente à formação dos crioulos de base lexical portuguesa no geral, é eclética, e considera que as origens destes crioulos só podem ser contempladas desde uma perspectiva que compreende processos de aquisição natural pelo contato, incluindo a influência do substrato, e a complexidade sociolinguística histórica do contexto específico do contato.

2.1.1 África

Em África, devido à expansão comercial portuguesa a partir do século XV formaram-se dois grupos de crioulos portugueses, os da Alta Guiné (em Cabo Verde, Guiné Bissau e Casamansa) e os do Golfo da Guiné (em São Tomé, Príncipe e Ano Bom). Desses, os que apresentam maior vitalidade são o caboverdiano, falado em Cabo Verde, o kriyol, falado na Guiné-Bissau, e o crioulo de Casamansa, falado na região de Casamansa, mais especificamente, no Senegal, (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p. 670-672).

O mapa 1 a seguir ilustra a localização das duas regiões citadas a cima, Alta Guiné e Golfo da Guiné.

Mapa 1 – Mapa da África



LEGENDA

Crioulos da Alta Guiné

- 1 Cabo Verde
- 2 Casamansa (Senegal)
- 3 Guiné-Bissau

Crioulos do Golfo da Guiné

- 4 Príncipe
- 5 S. Tomé (Santomense e Angolar)
- 6 Ano Bom

Alguns estudiosos defendem que os Crioulos da Alta Guiné (CAG) originaram-se de um proto-crioulo da Alta Guiné que se desenvolveu na ilha de Santiago num contexto de escravidão e de contato linguístico entre o português e várias línguas africanas do grupo atlântico ocidental, pelos fins do século XV e início do século XVI (DUARTE, 2003; JACOBS, 2010). Os crioulos desta região são: o crioulo de Cabo Verde, o crioulo de Casamansa e o crioulo da Guiné Bissau.

O grupo de crioulos do Golfo da Guiné (CGG) compõe-se de quatro línguas, que teriam tido uma origem comum em São Tomé em finais do século XV em um contexto de escravidão de engenho, neste caso envolvendo contato entre o português e línguas da região do Congo, faladas originalmente no delta do Níger (HAGEMEIJER, 2011).

Esses dois grupos de crioulos portugueses do Atlântico caracterizam-se pela uniformidade tipológica em relação a diversas características (FERRAZ, 1987), das quais, para os fins desta dissertação, serão mencionadas apenas as seguintes:

(i) ordem SVO (HUBER et al. 2013), como no seguinte exemplo do Fa d'Ambô, adaptado de Post (2013):

- (1) *May laba mina sunzu.*
 Mãe lavar criança suja
 'A mãe lava a criança suja'

(ii) um sistema de partículas TMA em que verbos estáticos com referência de tempo presente e verbos dinâmicos com referência de tempo passado e aspecto perfectivo não levam um marcador TMA (MAURER et al. 2013c), como nos seguintes exemplos do crioulo de Cabo verde, variedade de Sotavento, adaptados de Baptista (2002, p.76), com um verbo estativo em (2) e um verbo dinâmico em (3):

- (2) *N ka sabe kuze ki tene-m duenti.*
 P1 NEG saber que COMP ter-me doente
 'Não sei o que está me deixando doente.'

- (3) *N anda tudu txon di Ponta.*
 P1 andar QUANT terra PREP Ponta
 'Andei por Ponta toda.'

(iii) com exceção do Principense, que exibe certas restrições à coocorrência do negador com marcadores TMA, todos os demais crioulos de base lexical portuguesa do Atlântico permitem que o negador padrão coexista com um ou mais marcadores de tempo, modo ou aspecto. (HASPELMATH; MICHAELIS et al., 2013), como no seguinte exemplo do crioulo de São Tomé, adaptado de Hagemeijer (2013):

- (4) *Zon na tava ka kume fa.*
 Zon NEG estar AI comer NEG
 'Zon não estava comendo'

(iv) As cláusulas relativas representando o SN instrumento manifestam um pronome resumitivo para representar o SN instrumento, independentemente de o início da cláusula relativa estar marcado por um pronome relativo ou por uma partícula relativa ou sem marcação (HASPELMATH; MICHAELIS et al., 2013), como no seguinte exemplo do crioulo caboverdeano de São Vicente, adaptado de Swolkien (2013):

- (5) *Kel pedra k N kebrá janéla k el*
 DEM pedra REL P1 quebrar janela PREP P3
 'A pedra com a qual quebrei a janela (lit. a pedra que quebrei a janela com ela)'

(v) formas pronominais dependentes, quasi-afixais, representando sujeito e/ou objeto (HASPELMATH et al., 2013a) como nos seguintes exemplos do crioulo caboverdeano da ilha de Brava, adaptados de Baptista (2013):

- (6) *Ami, N nese na Braga.*
 Me P1 nascer PREP Braga
 'Quanto a mim, eu nasci em Braga'

- (7) *El tinji-m na pulmon.*
 P3 alcançou-me PREP pulmão
 'Alcançou os meus pulmões'

Essas características não são encontradas nos crioulos de base lexical portuguesa da Ásia e, portanto, diferenciam os crioulos de base lexical portuguesa do Atlântico. Por sua

parte, as variedades asiáticas também apresentam uma série de características tipológicas não encontradas entre as variedades atlânticas (FERRAZ, 1987; HOLM, 1988; MICHAELIS et al, 2013).

Essas diferenças são explicadas por dois fatores fundamentais: uma demografia sócio-histórica diferente e diferentes linguagens de substrato. As variedades atlânticas são majoritariamente crioulas do tipo plantation, formadas em situações que envolvem o deslocamento geográfico de populações subordinadas que falam línguas da África subsaariana. Em contraste, na Ásia, a crioulização ocorreu em enclaves de comércio onde as línguas locais e comerciais preexistentes continuaram a ser faladas durante e após a formação dos crioulos (HOLM, 1988). Além disso, as línguas substrato dos contextos asiáticos são de quatro famílias de línguas tipologicamente distintas: indo-ariana, dravidiana, austronésia e sino-tibetana. Alguns aspectos-chave da tipologia diferencial dos crioulos de base lexical portuguesa da Ásia serão apresentados próxima seção.

2.1.2 Ásia

Os portugueses chegaram às costas da Ásia em 1498. Instalado-se inicialmente na costa do Malabar, no sul da Índia, eles logo estabeleceram uma rede de entrepostos comerciais chegando até a Ásia Insular e eventualmente à China e ao Japão. Os padrões de colonização portugueses diferiram consideravelmente na África, Ásia e América, e isso teve efeitos muito profundos sobre a natureza do contato entre línguas em cada continente (HOLM, 1988, p.259-260). Ao contrário dos crioulos de base lexical portuguesa do Atlântico, que se desenvolveram principalmente em ilhas anteriormente desabitadas, os crioulos asiáticos surgiram em ambientes multilíngues onde as línguas locais continuaram a coexistir com o crioulo. A língua portuguesa, transportada por comerciantes, missionários, soldados da Coroa e mercenários teve influência em várias línguas asiáticas, sem contar na ampla distribuição geográfica dos crioulos de base portuguesa que surgiram ao longo da rede de entrepostos comerciais oficiais e não oficiais, que se estendeu da Índia para a Ásia sudeste e oriental (CARDOSO; BAXTER; NUNES, 2012, p. 3).

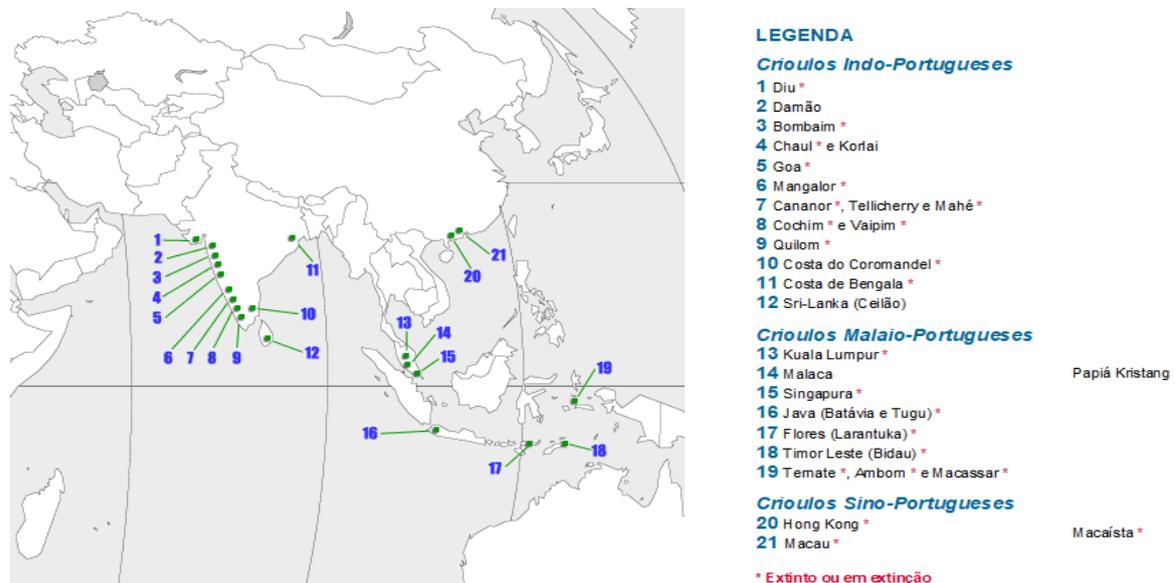
Embora Goa, a eventual capital da Ásia portuguesa, tenha sido um centro populoso, houve poucos estabelecimentos com uma grande população portuguesa, pois a maioria dos enclaves eram modestos. Estes consistiam tipicamente em um pequeno número de portugueses nascidos na Europa, geralmente um feitor, padres, mercadores e possivelmente

soldados, junto com um número mais elevado de mestiços, cristãos nativos e escravizados, porém em número muito menor em relação à população indígena (BAXTER, 1996, p.300). Além dos estabelecimentos oficiais, falantes de língua portuguesa, missionários, comerciantes independentes e mercenários operavam em uma área ainda maior (CARDOSO; BAXTER; NUNES, 2012, p. 3-4). Este é o cenário sócio-histórico em que se formaram os crioulos de base lexical portuguesa na Ásia.

Em vários sentidos, os crioulos da Ásia são menos conhecidos quanto os da África. Há poucas informações seguras sobre seu processo histórico, e sua sobrevivência, e alguns desses crioulos ainda carecem de descrições linguísticas pormenorizadas. Tradicionalmente, essas línguas têm sido classificadas em três grupos, a partir de critérios estritamente geográficos e parcialmente a partir dos seus substratos, Ásia meridional (Índia, Sri Lanka, Bangladesh, Birmânia), Sudeste asiático (Malaca) e Ásia oriental (Macau, Hong Kong), (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015) e (CARDOSO; BAXTER; NUNES, 2012).

O mapa dois a seguir ilustra a localização das três regiões e os seus crioulos de base lexical portuguesa.

Mapa 2 – Mapa da Ásia



Fonte: Instituto Camões – geografia/mapa04 – março de 2019.

Segundo Holm (1988, p.284-285), os crioulos da Ásia meridional, conhecidos como Indo-Portugueses foram classificados em dois ramos já no século XIX pelo crioulista Hugo Shuchardt: o Gauro-Português, influenciado pelas línguas índicas (os crioulos de Diu e Damão, influenciados pelo guzerate, e os de Bombaim e Goa, influenciados pelo marathi) e o

Dravido-Português, influenciado pelas línguas da família dravidiana não relacionada (os crioulos de Cannanore e Cochin, influenciados pelo Malayalam; o de Mahé, influenciado pela kannada; e o de Nagappattinam, influenciado pelo tâmil). Foi nesta zona da Ásia meridional que tiveram início os contatos entre o português e as línguas das populações locais, e o surgimento de variedades de português L2, primeiro em Calecute, em 1498. Foi inicialmente em Cochin, e só posteriormente em Goa, que se estabeleceu o centro administrativo de todo o império português no Oriente (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p.3). Os crioulos que, neste contexto de expansão colônial se formaram na Ásia meridional foram falados em diversos locais da costa das atuais Índia, Sri Lanka, Bangladesh e Birmânia, mas as duas primeiras tiveram maior expressão.

Os crioulos do sudeste asiático são conhecidos pela classificação de Shuchardt como malaio-portugueses (HOLM, 1988). A importante cidade-porto de Malaca foi tomada pelos portugueses em 1511. Durante o século XVI e XVII até a sua conquista pelos Holandeses, em 1642, Malaca foi um entreposto chave na rede de comércio e postos de administração portuguesa que se estendiam de Goa às Molucas e Macau (BAXTER, 2012). Sendo assim pode-se afirmar que Malaca teve um papel crucial na difusão da língua portuguesa por todo o sudeste asiático, incluindo a sua parte insular, e também pelo Oriente, ao norte. O crioulo que se formou em Malaca subsiste até os dias de hoje, e é conhecido tradicionalmente como papiá kristang, literalmente ‘falar cristão’, ou simplesmente kristang, termo pelo qual os seus falantes se referem a si mesmos e a sua religião.

Todos os demais crioulos desta região, e do oriente, são em boa parte derivados do kristang (BAXTER, 1996). Na região imediata, esse é o caso do crioulo de Batavia/Tugu. Hoje em dia é uma língua extinta, mas anteriormente era falada na cidade de Batavia (hoje em dia Jacarta) na Indonésia. O crioulo português desta cidade foi importado de antigas localidades portuguesas conquistadas pelos holandeses. Muitos escravos trazidos para a Batávia pelos holandeses vieram do sul da Índia (MAURER, 2013a). No entanto, o parente mais próximo do crioulo da Batavia é o próprio crioulo de Malaca. Após a conquista de Malaca pelos holandeses, em 1641-2, uma parte da população de Malaca foi levada para Batavia (GROENEBOER, 1998, p.37).

O crioulo da Batavia, que foi uma língua plenamente funcional até a segunda metade do século XVIII, foi progressivamente substituído pelo malaio, e já para finais do século XIX, era extinta (MAURER, 2013a). Porém, um desdobramento desse crioulo sobreviveu na aldeia de Tugu, fora da cidade de Batavia, graças a cerca de 150 escravos libertados que se

estabeleceram na localidade em 1660. Essa variedade do crioulo tornou-se obsoleto na primeira metade do século XX.

Mais um dos crioulos que se desenvolveram nessa região é o crioulo de Bidau, em Timor, derivado a partir do kristang, e com elementos do crioulo de Macau. O crioulo de Bidau foi registrado pela primeira vez na década de 50 do século XX (BAXTER, 1990) e desde então terá entrado no grupo das línguas extintas.

Na região norte, o grupo de crioulos da Ásia oriental, conhecidos como Sino-Português, conforme a classificação de Shuchardt, também são aparentados com o crioulo de Malaca. O crioulo de maior expressão no Oriente era o crioulo de Macau, que hoje em dia está em vias de extinção, e não possui mais falantes funcionais (HOLM, 1988; BAXTER, 2009). No passado, em Hong Kong e Xangai, também houve comunidades que falavam o crioulo de Macau. É bem possível também que este crioulo tenha sido utilizado em outras áreas da Ásia oriental, no Japão (Nagasaki) em consequência da feitoria portuguesa estabelecida nessa localidade em meados do século XVI (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p.674).

Na sua tipologia, os crioulos de base lexical portuguesa da Ásia constituem um conjunto bastante distinto, em comparação com os do Atlântico. As aparências superficiais entre os dois grupos são enganosas, e geralmente se devem à base lexical comum, especialmente ao léxico referencial. Certamente, é possível encontrar semelhanças em subcomponentes da gramática e entre sub-grupos desses crioulos. Por exemplo, na maioria dos crioulos de base lexical portuguesa na Alta Guiné e na maioria daqueles da Ásia, o demonstrativo é usado como um artigo. No entanto, a diferença entre os dois grupos se torna muito clara, em muitos outros aspectos. Os crioulos asiáticos não exibem, como grupo, as características globais das variedades atlânticas mencionadas na seção anterior. Embora a maioria das variedades asiáticas exiba a configuração SVO, entre os crioulos indo-portugueses, a ordem SOV é preferida na variedade de Korlai e é a norma na variedade do Sri Lanka. Nenhum dos crioulos asiáticos exibe as outras características morfossintáticas mencionadas na seção anterior.

Por outro lado, as variedades asiáticas, e especialmente o grupo indo-português do sul da Ásia, e o grupo do sudeste asiático e oriente, apresentam características não encontradas no Atlântico (FERRAZ, 1987; CLEMENTS, 2000), notavelmente:

(i) a marcação do objeto, como no exemplo seguinte do crioulo de Korlai, adaptado de Haspelmath et al., (2013b):

- (8) *Yo ulyo ku padgar*
 P1 olhar AC padre
 'Vi o padre'

(ii) partícula genitiva pós-nominal ou pós-pronominal, como no seguinte exemplo do crioulo do Sri Lankan, adaptado de Smith (2013):

- (9) *Tiimas-su fiyu kum Delfas-su fiyu ta-kustumaa-ski*
 Timus-GEN filho CONJ Delfus-GEN filho PRS-praticar-REP
 'O filho de Timus e o filho de Delfus estão praticando, dizem'

(iii) uma negação especial, que incorpora negação e tempo futuro, como no seguinte exemplo do crioulo de Batavia, adaptado de Maurer et al. (2013a):

- (10) *Eo nada larga kung ela.*
 P1 FUT.NEG deixar OBJ P3
 'Não vou deixá-la.'

O crioulo de Malaca, o kristang, exhibe essas e outras características que são típicas das variedades de crioulo de base lexical portuguesa do sudeste e leste da Ásia, e em certos casos típicas do substrato local, o malaio, como será comentado na seção 2.3.1.

2.2 A CIDADE DE MALACA

Malaca, o berço do crioulo kristang, é o terceiro menor estado da Malásia. Ocupa uma área de 1.650km², equivalente a 1,3% da superfície da Malásia. Divide-se em três distritos: Malaca Central (314km²), Alor Gajah (660km²) e Jasin (676 km²). O estado encontra-se adjacente à ilha de Sumatra, no sul-ocidental da Península Malaia com o estado de Negeri Sembilan ao norte e Johor a leste. A cidade de Malaca é a capital do estado e possui uma população de aproximadamente 872.900 (2015) habitantes.

A cidade de Malaca foi fundada entre 1401 e 1402 e governada ao longo do século como sultanato malaio. Posteriormente, passou por três períodos coloniais: português (1511-1641), holandês (1641-1795; 1818-1825) e britânico (1795-1818; de 1825 até a independência

da Malásia, em 1957) (SANDHU; WHEATLEY, 1983, p.496-98 apud BAXTER, 1988, p.1-3).

2.2.1 Período português

Durante o sultanato malaio do século XV, Malaca estabeleceu-se economicamente a ponto de no início do século XVI, ter se tornado um grande complexo internacional, um entreposto de redes comerciais que se estendiam por todo o Sudeste asiático, sul da Ásia, Filipinas, leste da China, norte da África e oeste do Oriente Médio (BAXTER, 1988, p.3). As principais mercadorias comercializadas em Malaca eram têxteis, especiarias, drogas, jóias, metais preciosos, metais comuns, cerâmica, conchas do mar e escravos. A partir do seu forte centro comercial, Malaca desenvolveu um caráter multiétnico, pois povos da maioria dos países nas rotas de comércio frequentavam o porto nessa época, sendo os principais grupos étnicos, árabes, javaneses, tâmiles, pársis, bengalis, gujaratis. Pires (1944) afirma que até 84 línguas eram faladas nessa localidade. Há indícios de que a língua franca desta comunidade multiétnica era uma forma pidginizada do malaio, Bazaar Malay (BAXTER, 1988, p.3).

A ocupação portuguesa, em Malaca, teve início em 1511, quando os portugueses cortaram a rota comercial árabe para a Europa e assim conseguiram o controle do comércio de especiarias (NOONAN, 1968, p. 66-67). A origem do kristang advém dessa conquista. O exército invasor era bastante diversificado, em que constavam portugueses e soldados indianos (WILKINSON, 1912, p. 73 apud BAXTER, 1988, p.3). Cabe perguntar qual teria sido o impacto linguístico da ocupação portuguesa. Nesse período, os portugueses não estavam estabelecidos há tempo suficiente na Índia para um crioulo ter se desenvolvido, mas Clements (2000, 2009) com base em dados comparados dos crioulos da Índia e das regiões orientais da Ásia, observa que a formação de um pidgin com características bastante definidas é mais do que provável. Nesse sentido, Baxter (1988, p. 4-6) sugere que as tropas indianas falavam um pidgin português além de sua(s) própria(s) línguas(s), mas sublinha que em Malaca os invasores teriam encontrado uma língua franca pré-existente: uma forma pidgin (L2 rudimentar) do malaio utilizado na comunicação interétnica (BAXTER, 1988, p. 4-6), baseada na língua predominante da região e em elementos das várias línguas presentes nesse porto internacional, incluindo o chinês hokkien (ADELAAR; PRENTICE, 1996). Portanto, em Malaca, o pidgin português (L2 rudimentar) que antecedeu e co-existiu com o kristang

certamente tenha recebido influência de um pidgin português incipiente falado no sul da Índia e do pidgin malaio, além da influência geral do malaio indígena.

Quando o pidgin português começou a ser adquirido por crianças, foi criouliizado, ou seja, tornou-se uma língua de socialização primária. Porém, deve-se ter em conta sempre que o crioulo não era a única língua falada por essas pessoas, pois como afirma Holm (1988, p. 284-285) na Ásia as línguas contribuintes do substrato continuaram a coexistir com o crioulo.

Desse modo, o crioulo de base lexical portuguesa de Malaca foi desenvolvido no contexto multilíngue típico de um entreposto português na Ásia. O português dos missionários e soldados, e pidgin português na boca de escravos, soldados indianos e comerciantes de diversas origens, junto com o uso do malaio veicular e das outras línguas dos mercadores indianos e chineses, teriam sido correntes nas trocas entre os diferentes elementos da cidade. Nesse contexto, conjugou-se a criouliização, um produto da catequese, e da mestiçagem que, segundo observadores contemporâneos, foi prolífica (BAXTER, 1988, p.5).

2.2.2 Período holandês

Em 1640, os holandeses, interessados no rico comércio de Malaca, cercaram a cidade, conquistando-a após um sítio demorado. No período subsequente a população de Malaca diminuiu consideravelmente (LEUPE, 1859, p. 116 apud BAXTER, 1988, p. 6-7). Muitos dos portugueses ricos receberam passagem livre para Negapatnam e Goa, na Índia, enquanto padres, prisioneiros portugueses, portugueses livres e cidadãos domésticos (eurasianos) foram transportados para Batavia (LEUPE, 1859, p. 64-76 apud BAXTER, 1988, p. 6-7).

Quase quarenta anos mais tarde, em 1680, documentos da administração holandesa deixam entrever que a população “portuguesa”, era bastante diversificada. Havia 40 europeus, 61 mestiços, que nesse caso incluíam descendentes de homens portugueses com mulheres asiáticas de várias origens, 537 negros (pessoas de diversas procedências na Ásia Sul/Suldeste) que incluíam cristãos convertidos, compostos de índios, e alguns chineses, malaios e bugis, 529 escravos de várias origens, extraídos principalmente das regiões indonésia, siamesa, birmanesa e bengalesa, mas havia também alguns africanos orientais (FERNANDO, 2004, p. 166-175 apud BAXTER, 2018, p.253-255).

Após alguns meses da tomada holandesa, já há relatos de casamentos entre holandeses e portuguesas (LEUPE, 1859, p. 73 apud BAXTER, 1988, p. 6), que seriam, muito provavelmente, mestiças luso-asiáticas. Segundo Boxer (1965, p. 223-224) e Hesseling (1979,

p. 24-25), conforme citado por Baxter (1988, p. 6-7), um número muito reduzido de mulheres holandesas emigraram para o Oriente e os rigorosos sistemas religiosos de castas e sociais dos países colonizados acabaram por restringir os holandeses a mulheres de origem eurasiática, de classe baixa ou escrava. Assim, enquanto o holandês era a língua oficial da administração, o crioulo português passou a ser usado amplamente pelos holandeses.

A força do número deve ter contribuído consideravelmente para a manutenção da língua crioula durante esse período, uma vez que em 1678 o número de falantes de pidgin/crioulo português pode ter excedido 2.000 (BAXTER, 1988, p.6-7). Assim, o crioulo, nesta fase, teria constituído um grupo linguístico significativo dentro da área da cidade. Aliás, segundo Borschberg (2010), a comunidade “portuguesa” constituiu o maior grupo na cidade até a segunda metade do século XVIII. Em contrapartida, os próprios holandeses possivelmente tinham pouco impacto sobre o *status quo* linguístico, já que eram a minoria. Para a comunidade crioula, além da força de números, outros fatores teriam favorecido a manutenção da língua: a sua forte filiação católica, e o fato de que muitos pertenciam à classe socioeconômica baixa com a base ocupacional da pesca.

2.2.3 Período britânico

Em 1795, com a invasão francesa da Holanda, Malaca foi tomada por um comando britânico. Exceto por um curto período de sete anos (1818-1825) quando voltou para as mãos holandesas, e a ocupação japonesa de 1942-45, Malaca permaneceu sob domínio britânico até a independência da Malásia, em 1957.

Nas primeiras décadas do século XIX, a população crioula rondava mais de 2.000, um fato confirmado pelos censos da administração britânica, na década de 1820, que também notou que todos falavam um português crioulo (BAXTER, 1988, 2018). Nesse período, a população crioula estava espalhada pela cidade toda, com os 'ricos' no bairro norte e os pobres (a maioria) no bairro sul. Baxter (2018) apresenta evidências de que houve alguma diferenciação dialetal na população crioula, conforme o lugar de residência: Trankera (acroletal), Hilir (ao sul da cidade, basiletal). Um relatório da administração britânica colonial, de 1827, centra a maioria da comunidade crioula na área sul-costeira da cidade (Hilir), chamando a atenção para a sua pobreza, à dedicação quase exclusiva à pesca, e para a integridade linguística crioula do grupo (BAXTER, 1988, p.8-9; 2018, p.272). Ao longo do século XIX, e estendendo para a primeira metade do século XX, a população crioula manteve

essa mesma distribuição geográfica diferenciada pela condição econômica. Inclusive, na sétima década do século XX, embora com a maioria da população crioula já na periferia sul da cidade, ainda se notava vestígios desse mesmo perfil (CHAN, 1967, p.102 apud BAXTER, 1988, p.10).

Relativamente ao perfil genético, vale ressaltar que a comunidade tinha (e tem) descendência de diversas origens, incluindo portugueses, malaios, indianos, chineses, filipinos, timorenses, africanos, e holandeses. A partir do século XIX, haveria descendentes de ingleses.

Se no período holandês o número de falantes de crioulo português, em Malaca, pode ter excedido 2.000, durante o período britânico essa realidade foi bem diferente, devido à migração (CHAN, 1969, p.65-100 apud BAXTER, 1988, p.8-10) para Penang, Singapura e os Estados Federados Malaios, que nesse período eram áreas de crescimento. A migração foi uma resposta à estagnação econômica, e ao alto índice de pobreza que Malaca experimentava nesse período. Dessa forma, Malaca não conseguiu competir com Penang e Singapura.

Era de se esperar que o processo de migração causaria certas mudanças no comportamento dos falantes crioulos: no final do século XIX e no século XX, muitos se afastaram da pesca em tempo integral para exercer outras atividades. No entanto, um pequeno grupo restante, em Malaca, continuou nas atividades pesqueiras a tempo integral e hoje ainda é praticada embora em menor grau.

A Missão Portuguesa de 1894 a 1906 nos bairros de Hilir e Trankera administrava duas escolas de meninos, e uma escola de meninas começou a funcionar em 1903, em Trankera. Essas escolas teriam funcionado principalmente em português. Contudo, não demorou muito para a educação britânica ser implantada em Malaca, pois já em 1826, a Escola Livre de Malaca (Malacca Free School) oferecia educação gratuita em inglês para crianças pobres de todos os grupos étnicos, e a documentação dessa escola menciona a inclusão de crianças da comunidade crioula (HARRISON, 1983, p. 306 apud BAXTER, 1988, p. 8-10; BAXTER, 1996). Assim, membros da comunidade crioula, principalmente do sexo masculino, teriam adicionado o inglês ao seu repertório linguístico de kristang e malaio. No entanto, como poucos britânicos ainda, em Malaca, é possível que o inglês não fosse ainda muito utilizado pela maioria pobre do povo crioulo. Mesmo assim, parece que desde cedo os crioulos reconheceram a importância do inglês como qualificação para conseguir emprego na colônia britânica, um fato chave a emigração para as cidades de Singapura, Penang e Kuala Lumpur, e a formação de uma classe média de descendentes de kristangs que iria assumir o inglês como língua dominante (BAXTER, 1988, p.8-9).

Mais tarde, foram estabelecidas várias escolas: a Instituição de São Francisco, o Convento Conossiano, Convento Francês e a Escola Secundária Anglo-Chinesa, todas lecionando em língua inglesa, sendo o público a população crioula (BAXTER, 1988, p. 10). Desde o início do século XX, a população crioula passou a falar bastante o inglês.

2.3 A COMUNIDADE DE FALA KRISTANG

Na atualidade, o kristang é a última língua crioula de base lexical portuguesa vital na Ásia sudeste e oriental, tendo em média cerca de seiscentos falantes em Malaca. A língua é falada por uma pequena comunidade no subúrbio de Hilir, em Malaca, havendo pequenos números de falantes também em outros lugares da Malásia e em Singapura. Na atualidade, o kristang está ameaçado de extinção¹ (BAXTER, 2005, 2012).

Nesta seção serão apresentadas algumas características tipológicas da gramática do kristang, e serão comentadas algumas influências que a língua sente hoje, o seu status de língua ameaçada de extinção e suas perspectivas de sobrevivência.

2.3.1 O kristang – alguns aspectos tipológicos

O kristang apresenta uma série de características morfossintáticas que não surpreendem em uma língua crioula. Não possui morfologia flexional de número, não tem concordância de sujeito-verbo e não flexiona seu verbo para tempo, modo ou aspecto. Contudo, é importante registrar o fato de que essas características, e outras que iremos mencionar abaixo, são compatilhadas em parte com a gramática do malaio (BAXTER, 1983), e também, em termos funcionais, distanciam este crioulo asiático da tipologia dos crioulos de base lexical portuguesa do Atlântico (HOLM, 1988).

Como em muitas línguas crioulas de base lexical românica, os pronomes e a maioria dos substantivos e adjetivos não exibem distinção de gênero. De um modo geral, quando é necessário sinalizar o sexo de um referente nominal, o kristang forma compostos com *machu*

¹ A dinâmica social e a vitalidade do kristang têm sido estudadas em uma série de pesquisas que identificam um severo declínio no uso da língua e na sua transmissão geracional (NUNES, 1996; DAVID e NOOR, 1999; SUDESH, 2000; LEE, 2004, entre outros). Na versão on-line do *UNESCO Atlas of the World's Languages in Danger* (MOSELY, 2010), o kristang é classificado como língua severamente ameaçada, categoria 3: a língua é falada pelos avós e pelas gerações mais velhas; embora a geração dos pais possa entender, eles não falam para os filhos ou entre si.

‘macho’ e *femi* ‘fêmea’ como pode-se verificar nos exemplos retirados de Baxter (2010, p. 129-130) em (11):

- (11) *Baka machu* ‘boi’, *baka femi* ‘vaca’
Abo machu ‘avô’, *abo femi* ‘avó’

Este processo tem um paralelo em malaio que usa o mesmo mecanismo para representar o gênero, por exemplo *lembu jantan* ‘bovino macho’ e *lembu betina* ‘bovino fêmea’.

Contudo há um pequeno número de substantivos e adjetivos que mostram uma distinção de sexo por ter formas femininas e masculinas distintas para referentes humanos: *belu/bela* – ‘velho/velha’; *gordo/gorda* – ‘gordo/gorda’ *fila/filu* – ‘filho/filha’; *kuzinyera/kuzinyeru* – ‘cozinheiro/cozinheira’; *madrinya/ padrinya* – ‘madrinha/padrinho’; *nóiba/nóibu* – ‘noiva/noivo’; *raínya/re* – ‘rainha/rei’; *sogra/sogru* – ‘sogra/sogro’ (BAXTER, 1988, p.49-50). O motivo para a incorporação e retenção da flexão etimológica de gênero nesses casos pode estar em um substrato dravidiano, pois as línguas dravidianas manifestam uma distinção morfológica semelhante, e no tipo de DLP de português disponível nas fases de aquisição que moldaram o kristang (BAXTER, 2010, p.136-137 e 150).

Quanto aos pronomes pessoais, o kristang apresenta o seguinte repertório:

Quadro 1 – Quadro pronominal do kristang

	Singular	Plural
1	<i>yo</i> - eu	<i>nus</i> - nós
2	<i>bos/bo</i> - você	<i>bolotu</i> - vocês
3	<i>eli/el/e</i> - ele/ela	<i>olotu/olo</i> - eles/elas

O sistema pronominal não diferencia o caso. Nesse paradigma, o pronome *olotu* tem uma história interessante. De acordo com Baxter (1988, p. 53) *olotu* é derivado de *eli+otru* que seria ‘ele + uma outra pessoa/coisa’. Essa forma pode ser o resultado de uma derivação analógica, inspirada no pronome *bolotu* ‘vocês’ obviamente derivado do português *vos + outros*. No decorrer da história pode-se observar o seguinte contínuo de formas do pronome: *elotro - olotro - olotu* ou *olo* em alguns casos.

O kristang não flexiona seu verbo para tempo, modo ou aspecto, utilizando partículas pré-verbais, que são: *ja* (marcador de aspecto perfectivo) ocorre em dois tipos de contexto

temporal – tempo absoluto e tempo relativo; *logu/lo* (marcador de futuro), mas também pode ser usado para marcar eventos habituais no passado ou presente; *ta* (marcador de aspecto progressivo/não pontual) ocorre em qualquer contexto temporal de passado ou presente. Nesses sentidos, o kristang privilegia o aspecto verbal e não indica a noção de tempo inerente na diferença que existe em português entre *ela estava falando* e *ela está falando*. É de notar que o futuro é o único valor temporal formalmente indicado, pois o sistema verbal do kristang privilegia o aspecto verbal, assemelhando-se às línguas austronésias e sino-tibetanas. Embora o malaio apresente um sistema semelhante, com *(s)udah* (aspecto perfectivo), *telah* ou *sedang* (aspecto imperfectivo), e *nanti* (futuro), as funções não se alinham totalmente com as do kristang, e deve-se ter em conta o fato de os sistemas dos crioulos de base lexical portuguesa do sul da Índia e do Sri Lanka também apresentam certas semelhanças com o sistema do kristang.

Há três partículas de negação: *ngka* (nega o valor de verdade da cláusula para contextos presentes, passados e habituais); *nang* (confere o valor do imperativo negativo à cláusula); e *nadi* (nega a cláusula e confere o valor de futuro irrealis). É neste último caso que se pode apreciar uma diferença significativa entre o malaio e o kristang, pois o malaio não tem uma forma funcionalmente equivalente a *nadi*, que é um item que pertence ao repertório morfológico comum aos crioulos da Ásia.

Relativamente às preposições, a preposição *kù*, átona, constitui um caso notável de multifuncionalidade, um fenômeno há muito tempo associado às línguas crioulas (BAXTER, 1995). *Kù* exerce várias funções em kristang: marcador de acusativo humano definido; marcador de dativo; conjunção, e preposição comitativa, como nos exemplos (12), (13), (14) e (15) respectivamente:

(12) *Maria mbezu kù Luzia* [STEM49]

Maria invejar AC Luzia
‘Maria inveja Luzia’

(13) *Olotu ja da kù yo ake kaza* [THEF40]

P6 AP dar D P1 DEM casa.
‘Eles me deram aquela casa’.

(14) E: *Tudu malayu, na sibrisu?* I: *Malayu kù moru* [SAVM19]

E: QUANT malaio PREP trabalho? I: Malaios CONJ indianos.

E: ‘Todos são malaios, no trabalho?’. I: ‘Malaio e indianos.’

(15) *Eli ja beng kù Luzia.* [STEM49]

P3 AP ir PREP Luzia.

‘Ela veio com Luzia.’

A dupla função observada em (12) e (13), marcando o acusativo e o dativo, é uma característica tipológica dos crioulos da Ásia (HOLM, 1988; BAXTER, 1995). Contudo, cabe mencionar que no malaio veicular, em variedades fortemente influenciadas pelo chinês hokkien, também existe um mecanismo de marcação acusativa/dativa, embora com certas diferenças de função, e menos elaborado (BAXTER, 1988, p.167-168).

Um fenômeno interessante em kristang é a reduplicação dos substantivos, que é uma característica compartilhada com o malaio. Não é apenas uma característica da classe substantiva, mas também das classes dos adjetivos, advérbios e verbos (BAXTER, 1988, p.102). Na classe substantiva, a reduplicação é utilizada para demonstrar a pluralidade, como em (16):

(16) *Eli gosta di mule mule prenya.* [FERF67]

P3 gostar PREP mulheres grávidas

‘Ela (a mulher vampira) gosta de mulheres grávidas.’

No entanto, a reduplicação não é o único meio de sinalizar a pluralidade nos substantivos. Isso pode ser feito também por meio de pré-modificadores, exemplo: *dos kaza* ou pelo contexto que deixa claro que há mais de uma entidade do mesmo tipo. Nesse caso usa-se o nome sem quantificador e sem numeral. Em alguns casos, um substantivo pode reduplicar apenas parcialmente. Certos adjetivos podem reduplicar para expressar intensidade como pode ser visto no exemplo (17):

(17) Nus sibrí aké pesi **Kanikaninu** [SAVM19]

P4 servir DEM peixe ADJ

‘Nós servimos o peixe muito pequeno.’

O kristang não tem artigo definido, diferentemente do português, mas semelhante ao malaio (BAXTER, 1983, 1988, p.87-91). Para indicar a referência definida, o kristang usa os

demonstrativos *isi/isti* ‘este(s)/esta(s)’; *aké/akeli* ‘aquele(s)/aquela(s)’, como nos exemplos (18) e (19) abaixo, mas também admite substantivos com referência definida desprovidos de determinante (substantivos nus), como no exemplo (20). Por sua parte, a referência indefinida pode ser representada pelo numeral *ngua* ‘um/uma’ como pode ser visto nos exemplos (21):

(18) *Isti mule pun gapia tona kù eli* [NOEM80]

DEM mulher ADV acenar ADV D P3

‘A mulher também lhe retribuiu o aceno.’

(19) *Ake (akeli) belu ja applear* [ERIM80]

DEM velho AP aparecer

‘O velho apareceu’

(20) \emptyset *mestri di skola ta falá* [PINF19]

\emptyset professor PREP escola PROG falar

‘O professor da escola estava falando.’

(21) *Ngua belu ja appear nali.* [ERIM80]

NUM velho AP aparecer ADV

‘Um velho apareceu ali.’

O kristang é uma língua essencialmente oral, uma característica de muitas línguas crioulas. Não há uma tradição de escrever a língua. A maioria dos poucos materiais escritos em kristang tem usado uma grafia confusa, baseada em português ou em uma mistura de elementos portugueses, ingleses e malaios (BAXTER, 1988). Essa falta de uniformidade e o fato de que a maioria dos falantes não tinham acesso a esses textos significava que essas tentativas de escrever o kristang tiveram pouca influência na comunidade.

O Professor Ian Hancock, da Universidade do Texas (Austin) (HANCOCK, 1973), propôs uma ortografia para o kristang, baseada no malaio pelo fato de as duas línguas terem fonologias semelhantes e pela ortografia malaia ser um sistema com o qual a maioria dos falantes estão familiarizados. Na opinião do Professor Hancock, se a comunidade adotasse essa ortografia, todo mundo, de um dia para outro, podia escrever kristang. A mesma ortografia, minimamente modificada é usada por Baxter (1988) na sua gramática do kristang,

e em Baxter e Silva (2004), no seu dicionário bilíngue. Efetivamente, para ajudar a manter a língua, uma ortografia uniforme poderia contribuir muito, se materiais didáticos e culturais que circulam no dia-a-dia estivessem realmente disponíveis em kristang. Nesse sentido, nas duas últimas décadas, a ortografia derivada do sistema do malaio tem sido utilizada em iniciativas internas à comunidade, e com o apoio de ONGs, todas bem sucedidas, de ensinar a língua e de fomentar/encorajar um uso da escrita em boletins. Porém, a recente publicação de um manual didático de kristang (SINGHO et al, 2016) diverge radicalmente dessa linha, com uma ortografia mista incorporando elementos de ortografia portuguesa, incluindo o uso de acentos ortográficos.

2.3.2 Influências do inglês e do malaio no kristang

O peso socioeconômico do inglês, como língua da administração colonial, junto com a crescente rede de escolas, em Malaca, no século XX, fez com que o inglês se espalhasse entre os falantes de crioulo. O inglês nesse período era e continua sendo uma língua de prestígio, uma porta aberta para o mundo do trabalho, o kristang não era. Uma consequência disso foi o crescimento de uma classe média kristang predominante nos maiores centros urbanos da Malásia.

Com a independência da Malásia, o malaio tornou-se a língua oficial e substituiu o inglês como a principal língua da educação (GAUDART, 1987, p. 533 apud BAXTER, 2005, p. 18). Uma questão difícil de responder é até que ponto a educação em malaio desde a década de 1970 tem exercido alguma influência.

Por um lado, é importante lembrar que o malaio sempre foi parte do repertório linguístico do falante de crioulo e, assume-se que o malaio foi um elemento fundamental na formação do kristang e no seu percurso sociolinguístico até hoje. A seção anterior permitiu uma breve visão do grau de paralelos entre as gramáticas das duas línguas. A gramática do kristang tem fortes influências do malaio. Também, considerando a natureza multi-étnica e multilíngue da sociedade, seria de esperar que houvesse alternâncias de código na comunicação inter-étnica e intra-étnica, conforme os temas e os contextos. Portanto, é natural que o falante de kristang introduza léxico malaio quando se trata de algum conceito comum ao kristang e ao malaio, que têm origem na cultura malaia. Esse é o caso da palavra *rawé*, no exemplo (22) a seguir:

(22) *Yo bai rawé.* [THEM71]

P1 ir rede de pesca

‘Eu vou pescar com **rede**.’

No caso do exemplo (22), existe a palavra *redi* ‘rede’ em kristang por ser um conceito presente há tempos no cotidiano kristang, mas *rawé* se refere a uma variedade específica de rede utilizada em uma atividade de pesca tipicamente malaia. Porém, existe um outro tipo de inserção e substituição que Baxter (2005) detetou, que é diferente disso no kristang, que é a incorporação de palavras malaias que têm equivalentes no crioulo. Trata-se de palavras malaias de alta frequência natural no discurso, e sobretudo advérbios e conectivos, por exemplo *pun* ‘também’, *kalu* ‘se’. Desde a década de 1930, certas palavras parecem ter caído no esquecimento para serem substituídos por itens malaios. O exemplo apresentado em (23), que também tem um referente em kristang *niora niora* ‘com frequência’, representa um caso desse tipo de substituição. É um fato que o falante de kristang que, de repente, não se lembra de algum termo em kristang, facilmente lança mão do termo equivalente em malaio, ou até em inglês.

(23) *Olotu fala isi slalu.* [KATHF22]

P6 dizer DEM sempre.

‘Eles dizem isso sempre.’

Contudo, deve-se mencionar que há palavras de origem malaia que estão plenamente incorporadas no léxico kristang e adaptadas à morfofonologia desta língua, como por exemplo *champurá* ‘misturar’, que é derivada do malaio *campor* ‘misturar’.

No entanto, embora o povo kristang tenha sido educado em malaio desde o início dos anos 70, o inglês permaneceu presente na comunidade. Em entrevistas de campo com falantes do kristang, em Malaca, nos anos 80, Baxter (2005, p.18) detetou que o prestígio do inglês era notável. Em muitas famílias de alto status socioeconômico, o inglês era a língua dominante e o kristang não estava sendo transmitido, a menos que houvesse nas casas parentes idosos que falavam o kristang como no seguinte comentário de uma avó idosa falante de kristang, sobre seus netos (BAXTER, 2005, p.19):

“*Yo lo papiá neta netu, papiá kristang. Mas, papiá kristang olotu ngka mutu chadu la (...)*
kauzu olotu sa mai pai ke papiá ingres. Yo papiá kristang, olotu membe kere resposta”

*inggres.”*²

Nas igrejas em geral usa-se o inglês e o malaio, mas para a comunidade kristang as missas são em inglês. O inglês é também a língua que os crioulos escutam no rádio e na televisão. Nas entrevistas analisadas neste trabalho foi claramente perceptível uma forte influência do inglês no kristang, embora haja também resquícios do malaio, principalmente no léxico. Os exemplos (24) e (25) apresentam exemplos da influência do inglês.

(24) *Yo di ake tempu kére fika sportswuman.* [PINF19]

P1 PREP DEM tempo querer tornar-se sportswoman

‘Eu naquele tempu queria tornar-me **esportista.**’

(25) *Nu lagá nus sa klas kotor.* [PINF19]

P4 deixar P4 GEN sala de aula sujo

‘Nós deixamos nossa **sala de aula** suja.

Vale salientar que esse tipo de empréstimo exemplificado em (24) e (25), por exemplo, é inevitável. O kristang tem um léxico limitado, e há conceitos que não encontram léxico em kristang.

A influência do inglês também se reflete na estrutura linguística. Dois casos merecem ser mencionados. O primeiro envolve a partícula genitiva *sa*. Esta partícula, parte da tipologia dos crioulos portugueses da Ásia e cuja função parece vir do substrato dravidiano (BAXTER; BASTOS, 2012), é tradicionalmente obrigatória com possessivos pronominais na sequência ‘possuidor + possuído’, por exemplo *yo sa kaza* – EU + GEN + CASA ‘minha casa’. No entanto, alguns falantes principalmente os mais jovens, variam na omissão da partícula genitiva com possuidores de primeira pessoa do singular e com os termos de parentesco. Assim, a inovação *yo pai* – EU Ø PAI ‘meu pai’ varia com a forma tradicional *yo sa pai* – EU + GEN + PAI. Não parece insustentável atribuir essa inovação mais a influência do inglês do que do malaio, já que o inglês desaprova os genitivos pronominais com apóstrofo *-s* e que codifica posse, pessoa e número em um único determinante (BAXTER, 2005, p. 29).

O segundo diz respeito à partícula pré-verbal *ja*. Em dados analisados por Baxter (1988) e Thurgood & Thurgood (1996), o *ja* é identificado como um marcador de aspecto

²‘Eu falo com meus netos em kristang. Mas eles não são muito aptos em falar kristang (...) porque seus pais querem falar inglês. Eu falo kristang com eles, mas eles querem responderem inglês.’ (Tradução nossa).

perfectivo. Mas cada um desses autores detetou divergências no uso dessa partícula pelos informantes mais jovens, chegando à conclusão de que esse comportamento era influenciado pelo inglês. Alguns dos falantes mais jovens observados por esses pesquisadores pareciam estar usando o *ja* como se fosse um marcador de tempo e não de aspecto. A influência do inglês poderia estar por trás disso, uma vez que o inglês assim como o português é uma língua que privilegia o tempo diferentemente de línguas como o malaio, o chinês, e o próprio kristang, que privilegiam o aspecto verbal. Ou seja, os falantes mais jovens estariam marcando o tempo passado por meio do *ja*.

2.3.3 Manutenção e revitalização do kristang

Um programa de revitalização e manutenção é viável.

Na atualidade, há relativamente poucos falantes jovens de kristang, mas se a pouca comunidade restante se mantiver unida para preservar e manter a língua, talvez se torne mais fácil alcançar esse objetivo que parece mais difícil a cada dia que passa. Em 2018 a comunidade perdeu o seu último contador de histórias tradicionais, esse acontecimento sensibilizou não apenas os kristangs, mas também os estudiosos da língua.

Nesse cenário faz-se de fundamental importância que um programa de revitalização seja implementada e liderada por membros da comunidade de fala, e não por pessoas de fora dela. Embora a comunidade possa consultar especialistas não membros da comunidade, é fundamental que haja participação ativa no programa de falantes fluentes em kristang, de todas as faixas etárias possíveis (BAXTER, 2005, p. 31-33). Um outro passo importante seria a introdução do kristang nos programas de pré-escola e escola primária, uma possibilidade permitida a toda comunidade conforme a legislação do governo da Malásia sobre o ensino das línguas étnicas.

Em Padri sa Chang (‘a terra do padre’, nome comum do bairro crioulo) a professora de escola primária Sara Santa Maria desenvolve no quintal de casa trabalhos de alfabetização em kristang, para um pequeno número de crianças que estão sendo alfabetizadas em malaio e inglês na escola oficial.

O trabalho desenvolvido pela professora Sara é de “formiguinha” e tende a remar contra uma forte correnteza: a inércia da administração da comunidade e a ideia de inferioridade do kristang que foi implantada durante todos esses anos na cabeça de muitos

falantes³. Este último fator parece ser muito mais devastador do que o primeiro, pois de nada adianta um programa de revitalização e manutenção do kristang se a própria comunidade falante não se der conta de que estão perdendo uma parte fundamental da sua cultura, a língua.

2.4 SÍNTESE

Neste capítulo, foi visto que os crioulos de base lexical portuguesa resultaram do contato entre o português e diversas línguas encontradas durante o gradual processo da expansão colonial portuguesa em África e Ásia (CARDOSO; HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2015, p. 670). Sublinhou-se que os padrões de colonização e os contextos do contato linguístico diferiram consideravelmente no Atlântico e na Ásia, levando à formação de dois grandes grupos de crioulos tipologicamente diferentes (HOLM, 1989, p.259-260). Na Ásia, configurou-se um grande número de crioulos que hoje em dia apresenta poucos sobreviventes, relativamente pouco estudados em comparação com aqueles do Atlântico.

Com base nessa contextualização, em seguida foi esboçado um breve perfil sócio-histórico do antigo enclave português de Malaca, traçando aspectos essenciais para compreender a sociolinguística do crioulo de Malaca nos três períodos coloniais: português (1511-1641), holandês (1641-1795; 1818-1825) e britânico (1795-1818; 1825-1957).

Finalmente, o capítulo apresentou a comunidade de fala crioula e comentou algumas características tipológicas do crioulo, a natureza das influências do malaio e o inglês que a língua sente hoje, e o seu status como língua ameaçada de extinção.

O panorâma traçado nos ajuda a compreender o contexto sócio-histórico de formação do kristang e a sua realidade atual.

³ Infelizmente, essa ideia é reforçada por turistas e cooperantes de ONGs portuguesas, devido à uma certa ignorância relativamente às línguas crioulas de base portuguesa (comunicação pessoal com os professores Alan Baxter (Universidade de São José, Macau) e Sílvio Moreira (Macau University of Technology), 28 de fevereiro de 2020.

3. REVISÃO DA LITERATURA TEÓRICA

Este capítulo fornece uma revisão da literatura sobre o parâmetro do sujeito nulo. Na seção 3.1 apresenta-se a noção do parâmetro do sujeito nulo, que foi proposto no âmbito da teoria de princípios e parâmetros (CHOMSKY, 1981). A seção 3.2 aborda as propriedades que caracterizam uma língua de sujeito nulo, na ótica paramétrica, e apresenta alguns desenvolvimentos recentes relativamente à identificação da referência do *pro*-nulo em línguas com sujeito nulo radical. Em seguida, a seção 3.3 fornece um breve panorama acerca do sujeito nulo nas línguas crioulas. O capítulo conclui, na seção 3.4 com um breve mapeamento do kristang quanto às propriedades elencadas na literatura como características das línguas de sujeito nulo.

3.1 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

A teoria de Princípios e Parâmetros apresentada por Chomsky (1981), propõe que a gramática universal detém Princípios que regem a tipologia estrutural de cada língua. O Parâmetro é entendido como a realização particular de um Princípio. Ou seja, os Princípios são sempre os mesmos para todas as línguas, o que varia é o modo como eles são representados: o Parâmetro. Um dos Parâmetros propostos na década de 1980 é o Parâmetro do Sujeito Nulo (*Null Subject Parameter*, doravante NSP), também conhecido como Parâmetro *pro-drop*⁴ (KATO, 2002, p.314-315). O Princípio de que todo predicado deve ter um sujeito, denominado EPP (Extended Projection Principle), explicaria a existência de sujeitos expletivos como *there* e *it* no inglês. Mas como ficariam as línguas que permitem que a posição do sujeito não seja preenchida, como acontece com a maioria das línguas românicas? Essa seria uma violação do Princípio, ou o caso de uma parametrização? A solução desse impasse foi a postulação de um pronome sujeito nulo (*pro*), identificável pela concordância no verbo. O EPP seria inviolável, pois o preenchimento do sujeito poderia ser feito por um pronome vazio. O NSP aponta para a possibilidade de uma língua omitir o sujeito (parâmetro positivo) ou exigir que ele tenha forma lexical e fonológica (parâmetro negativo) como pode-se ver nos exemplos (1) e (2)⁵:

⁴ O termo língua *pro-drop* surge por se considerar que nestas línguas se deixa cair (não se pronuncia foneticamente) o sujeito pronominal (LOBO, 2016, p.559).

⁵ Exemplos (1) e (2) retirados de D'Alessandro, 2015, p.201.

(1) (Voi) *state leggendo um libro*. [ITALIANO]

‘Vocês estão lendo um livro.’

(2) *(*You -PL*) *are reading a book*. [INGLÊS]

‘Vocês estão lendo um livro.’

Conforme esta perspectiva, as línguas humanas constituiriam dois grandes grupos: (i) línguas que permitem o apagamento do sujeito pronominal, como o italiano e o espanhol; (ii) línguas nas quais a realização fonética do sujeito é obrigatória, como o inglês e o francês.

Pesquisas mais recentes, como as de Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), sobre línguas que permitem sujeito nulo (*Null-Subject Languages*, doravante NSL(s)) já não apontam mais para uma simples dicotomia entre línguas de sujeito nulo *versus* línguas de sujeito preenchido.

A literatura atual identifica uma gama de possibilidades de sistema que se valem de estratégias diversas de extração de sujeito, que vão desde a inexistência de flexão verbal (como por exemplo, o chinês), até línguas que não admitem nem mesmo expletivos nulos (como por exemplo, o finlandês descrito por Holmberg e Nikkane (2002)). O trabalho de Huang (1984), em relação a línguas como o chinês, propõe que existem dois tipos principais de NSLs: aquelas que são orientadas pela sintaxe e aquelas que são orientadas pelo discurso (isto é, com recuperação facilitada por informação que está além da sentença). Conforme mais línguas vão sendo estudadas, mais detalhado se torna o quadro de propriedades que podem ser relacionadas ao parâmetro do sujeito nulo.

Estudos mais recentes, como os de Holmberg (2010) e D’Alessandro (2015), propõem diferentes hipóteses e apresentam uma classificação rica de tipos de línguas NSL(s):

(i) NSLs canônicas são línguas em que todas as pessoas do discurso, em todos os tempos verbais, podem apresentar um pronome sujeito nulo. Essas línguas caracteristicamente possuem um rico sistema de concordância para cada pessoa do discurso, geralmente em todos os tempos (por exemplo, o italiano);

(ii) NSL radical ou NSL orientada pelo discurso são línguas que permitem sujeitos nulos livremente, mas parecem carecer de marcação de concordância de qualquer tipo. Acredita-se que as NSLs radicais constituam um tipo diferente das NSLs canônicas pelo fato de que o argumento omitido pode ser recuperado do discurso e não da gramática (por exemplo, o chinês);

(iii) NSL Parcial são aquelas cujo sujeito nulo é restrito a algumas estruturas específicas ou à composição de características dos pronomes subjetivos. Por exemplo, o finlandês é uma NSL parcial em que alguns sujeitos referenciais podem ser nulos, mas não todos: enquanto sujeitos de 1ª e 2ª pessoa podem ser omitidos, os de 3ª pessoa não podem. Outros exemplos de LSN parcial são a língua marathi, e o português brasileiro;

(iv) NSL Expletivo são línguas como o holandês que permitem um sujeito expletivo nulo, mas não um sujeito referencial nulo.

3.2 PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS DE SUJEITO NULO

A generalização de que o sujeito nulo é condicionado por um rico sistema de morfologia flexional, foi sugerido primeiro por Taraldsen (1978) e posteriormente detalhado por Rizzi (1982, 1986). A idéia básica é que um paradigma de flexão verbal rica apresenta características que facilitam a recuperação do conteúdo de sujeitos omitidos (TARALDSEN, 1978; RIZZI 1982, 1986, entre outros).

A bem conhecida proposta de Rizzi elenca quatro características chave das línguas de sujeito nulo:

1. Rica flexão do verbo
2. A existência de sujeitos nulos gramaticais referenciais e não-referenciais (expletivos).
3. Inversão livre de sujeito e verbo
4. Extração do sujeito da cláusula incorporada (ausência do efeito That-T)

No entanto, a caracterização de sujeito nulo proposta por Rizzi baseia-se numa pequena amostra de línguas da Europa Ocidental e não se sustenta transversalmente como um fato tipológico quando se contempla uma gama de línguas mais ampla (HUANG, 1984; GILLIGAN, 1987).

Obviamente, uma teoria que depende da noção de concordância (*agreement*) não pode dar conta do fenômeno do sujeito nulo em línguas que não têm uma morfologia de concordância, como o japonês e o chinês. Na verdade, o sujeito nulo observado nessas línguas parece ser mais difundido nas línguas em geral do que o tipo de sujeito nulo observado em línguas como o italiano, em que qualquer sujeito pronominal pode ser omitido. A literatura refere-se a esse fenômeno como *pro-drop* radical (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2006, p. 299-300). Além disso, há o problema das línguas de sujeito nulo parcial (D'ALESSANDRO,

2015), por exemplo, o finlandês em que alguns sujeitos referenciais podem ser nulos, mas não todos (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009, p.26).

A formulação de Rizzi (1986) do Parâmetro de Sujeito Nulo é problemática também porque requer que as suas quatro características fundamentais ocorram conjuntamente. Gilligan (1987), em um estudo comparativo com um total de 100 línguas de famílias diferentes investigou as combinações das quatro características propostas por Rizzi, como pode ser observado na tabela 1. Na interpretação da tabela de Gilligan, “yes-yes” significa que a língua tem a primeira propriedade e a segunda; “yes-no” significa que a língua tem a primeira propriedade, mas não a segunda e assim por diante.

Tabela 1 - Possíveis combinações das características do parâmetro do sujeito nulo em diversas línguas naturais.

	yes-yes	yes-no	no-yes	no-no	ND
pro- EXE	24	0	15	2	61
pro-SI	22	49	11	15	4
pro- THAT	5	3	2	1	89
EXE-SI	14	25	1	1	61
EXE-THAT	7	2	0	1	90
SI-THAT	4	0	3	4	89

Fonte: Gilligan, 1987.

Os resultados obtidos por Gilligan (1987) mostram que as características elencadas por Rizzi (1986) não são tão coocorrentes como suponha esse autor. Uma notável contra-evidência para o NSP de Rizzi é a falta de correlação entre o efeito that-t e a inversão livre. Nesse caso, Gilligan chama a atenção para o papiamento, na qual a extração é sempre possível enquanto a inversão nunca é.

Outros pesquisadores propuseram que os sujeitos nulos possam ser determinados pela natureza do paradigma do verbo. Jaeggli e Safir (1989) sugerem que os sujeitos nulos são permitidos apenas em línguas que apresentam uma uniformidade morfológica no paradigma verbal. Conforme essa visão, um paradigma é considerado morfológicamente uniforme se é constituído ou de formas “derivadas” (que podem incluir desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto, etc. como é o caso do italiano) ou de formas “não derivadas” (constituídas pelo radical apenas, como é o caso do chinês). A identificação do sujeito nulo se faria, no primeiro caso, por meio das marcas de concordância e, no segundo, pela coreferência comum do tópico presente no contexto discursivo. Entretanto, se um paradigma é misto, ou seja, se apresenta formas morfológicamente complexas e formas simples, o sujeito nulo não é licenciado. Uma NSL deve, portanto, ter uma rica concordância ou nenhuma concordância.

Roberts (2010) propõe duas classes de línguas: línguas com concordância rica (*rich agreement*) e línguas com concordância empobrecida. Nessa ótica, a concordância rica existe quando cada combinação de pessoa-número é realizada por uma flexão diferente, e quando não há empobrecimento pré-sintático que cria formas sincréticas no paradigma. Se o paradigma é empobrecido, o componente T⁶ não tem um traço D e, portanto, não pode licenciar a exclusão do pronome sujeito. As línguas uniformemente flexionadas ou uniformemente não flexionadas licenciam sujeito nulo. Os paradigmas empobrecidos só podem licenciar sujeitos nulos parciais ou expletivos.

A proposta de Neeleman e Szendrői (2006), que também cita a variação no léxico, mantém a hipótese baseada na concordância verbal para as línguas relevantes, mas no caso das línguas que não possuem concordância verbal, o *pro-drop* é permitido de acordo com as características morfológicas do paradigma pronominal.

Assim, o *pro-drop* radical é permitido se os pronomes pessoais apresentam formas aglutinadas para representar o caso gramatical, número ou alguma outra característica nominal. As línguas cujos os pronomes são fusionais⁷, não permitem *pro-drop* radical. Este é um exemplo claro do inglês, cujos pronomes não podem ser omitidos. O mesmo acontece com o italiano. O fato é que o caso nos pronomes italianos é representado por morfologia fusional que bloqueia *pro-drop* radical, como consequência a omissão do sujeito é condicionada pela concordância (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2006, p.300).

Esses desenvolvimentos ocorrem paralelamente a avanços na teoria da gramática gerativa que sinalizam um afastamento da abordagem de parâmetros clássicos, em direção a uma visão que atribui a variação nas línguas às diferenças nos traços dos itens léxicais. Esta nova visão dos parâmetros desloca a variação para o léxico (D'ALESSANDRO, 2015).

3.2.1 Interpretação por meio de uma estratégia que relaciona informação discursiva e estrutura.

Estudos recentes sobre línguas de sujeito nulo radical oferecem várias pistas sobre o papel da estrutura da informação no licenciamento do sujeito nulo. No que diz respeito à Ásia

⁶ T é um super conjunto de traços os quais estão contidos: D (traço de número e pessoa); M (traço de modo indicativo, subjuntivo e imperativo); e T (traço de tempo passado, presente e futuro).

⁷ Línguas fusionais também conhecidas como língua flexionais ou sintéticas são línguas que combinam afixos associando-os vários significados (AZUAGA, 1996, p.242-243), como por exemplo o verbo comi do português cujo morfema -i contém as informações de modo indicativo, aspecto perfectivo, tempo pretérito, primeira pessoa do singular.

oriental e ao Sudeste Asiático, as línguas mais focadas na literatura recente são o japonês, o coreano e, sobretudo, o chinês, que certamente tem muita relevância para o estudo do kristang, devido ao contato entre o kristang e o chinês hokkien. Por outro lado, infelizmente, o malaio, que também é reconhecida como uma língua de sujeito nulo sem morfologia de concordância sujeito-verbo, não conta ainda com estudos pormenorizados sobre o sujeito nulo, embora não faltem estudos de variedades regionais que mencionam essa característica, por exemplo o de McWhorter (2007, p.223).

Tomioka (2003), propondo a generalização do *pro-drop* discursivo (*discourse pro-drop generalization*), sugere que há uma relação entre as línguas com *pro-drop* radical e a tipologia de SNs nus. A ideia central é que, nessas línguas, o pronome nulo deriva do apagamento do SN, sem deixar um DET 'encalhado'. O autor sugere que o *pro-drop* discursivo (*discourse pro-drop*) depende da disponibilidade de SNs nus no papel de argumento, e que essa situação é determinada pelo parâmetro semântico do nome e pela projeção nominal. Dessa maneira, Tomioka afirma que o pronome nulo pode ser interpretado por meio dos mesmos mecanismos do discurso que são utilizados para interpretar os SNs nus. No entanto, a sua proposta enfrenta um problema básico: enquanto que as línguas com *pro-drop* radical manifestem SNs nus, não é necessariamente verdade que as línguas com SNs nus exibam *pro-drop* radical.

Por sua parte, Saito (2007), com base em dados do japonês, propõe a existência de um único mecanismo gramatical encoberto que licencia o *pro-drop* a partir de informações fornecidas pelo discurso que seriam copiadas para a posição argumental de sujeito, sempre na ausência de mecanismos de concordância (AGR). Em resumo, Saito associa o *pro-drop* radical à elipse de argumentos, conforme a ideia de que uma derivação pode se servir de itens de LF (forma lógica) construídos no discurso antecedente.

Proeminente entre essas perspectivas, a muito recente pesquisa de Frascarelli e Casentini (2019) sobre o chinês mandarim também apoia e promove a hipótese de que o licenciamento do *pro*-sujeito nulo envolve estratégias de interpretação baseadas na estrutura informacional do discurso.⁸ Estes pesquisadores propõem que a interpretação de um pronome referencial depende de uma relação correspondente com um tipo específico de tópico: o Tópico-A (*Aboutness-shiftou(A)-Topic*). Essa perspectiva depende do conceito do split

⁸ Frascarelli (2007, 2018) desenvolveu essa hipótese inicialmente a partir do estudo de línguas com *pro-drop* consistente e *pro-drop* parcial. Esta abordagem tem sido validada em dados de várias línguas de tipologias diferentes, entre as quais o somali (PUGLIELLI; FRASCARELLI, 2009), o espanhol (JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, 2016), e o finlandês (FRASCARELLI, 2018).

Cdomain, na sintaxe gerativa, avançada por Rizzi(1997), que propõe que o COMP (Complementizador) compreende pelo menos duas categorias funcionais - a Força ilocucionária (“Illocutionary Force” ou *speech-actmodality*), e Finitude (“Finiteness”). O Tópico-A (*Aboutness-shift* (A)-Topic) envolve força ilocucionária. Em termos formais:

the A-Topic is merged in the highest topic position in the split C-domain (cf. Rizzi 1997), termed ShiftP, whose head is specified for the [aboutness]; [shift] features. Consequently, the A-Topic has the discourse property of proposing “what the sentence is about”...(..)... it is an *initiating* speech act providing the “entry” under which the subsequent proposition (an assertion, a question, a command, etc.) will be stored. (Frascarelli; Consentini 2019, p.3 4)

Esta qualificação implica que o Tópico-A só pode ser realizado em cláusulas de raiz (*root clauses*), pois apenas as cláusulas de raiz são dotadas de força ilocucionária para permitir uma mudança na conversa (*conversational move*) (BIANCHI; FRASCARELLI, 2010, p.41). Assumindo o fato de que toda predicação envolve um tópico, Frascarelli e Consentini (2019, p.4) concluem que toda cláusula de raiz deve ativar um Tópico-A. Além disso, se um Tópico-A se mantém por mais sentenças, ele não precisa ser realizado abertamente (ou seja: foneticamente) em cada domínio C subsequente. Isso dá lugar a cadeias de tópicos nas quais Tópicos-A nulos licenciam uma relação de antecedência entre o Tópico-A contínuo e cada sujeito nulo subsequente.

Na sua pesquisa sobre o chinês mandarim, Frascarelli e Consentini limitam-se a considerar sujeitos nulos da terceira pessoa. Propõem dois princípios que orientam o sujeito nulo: o critério do tópico (FRASCARELLI, 2007, p. 35) e a condição da cadeia de tópicos (FRASCARELLI, 2018, p.19), explicitados a seguir:

Critério do tópico (*Topiccriterion*)

a) A área de tópico, no domínio C, inclui uma posição onde o traço [+ shift] é codificado em correspondência (via AGR) como sujeito-nulo de terceira pessoa, local.

b) Quando é contínuo, o Tópico-A pode ser nulo (ou seja, sem forma fonética ('silent')).

Condição da cadeia de tópicos (*Topicchaincondition*)

a) Uma cadeia de Tópicos-A só pode ser iniciada a partir de um domínio C tipo raiz (ou semelhante a tipo raiz).

b) O tópico A da cadeia de tópicos pode ficar em silêncio (ou seja: sem ser expressa por

forma fonética).

Por meio de um questionário que recolheu dados de 97 participantes, Frascarelli e Casentini (2019) analisaram a aceitabilidade e a interpretação de sujeitos nulos em chinês mandarim, em cláusulas de complemento, cláusulas matriz, e também em cláusulas adverbiais. As conclusões gerais foram que a inserção do Tópico-A e a continuidade do tópico dá origem a cadeias de Tópicos A silenciosos (nulos), permitindo uma relação de antecedência local entre o Tópico A (continuado) e todos os NS na frase seguinte. Portanto, a aceitabilidade e a interpretação do sujeito nulo dependem nitidamente de uma estratégia/um mecanismo que resgata informações da estrutura do discurso.

3.2.1.1 Topicalidade: FOREGROUND no discurso narrativo

Embora não associado diretamente com a questão do sujeito nulo, um fator que exerce uma importante orientação sobre a estruturação do discurso e a proeminência relativa dos eventos apresentados, e os seus protagonistas, é a noção de foreground em estruturas narrativas (LABOV, 1972; HOPPER, 1979).

O FOREGROUND é constituído por eventos que pertencem à estrutura essencial do discurso e que avançam ao discurso no eixo temporal, de maneira sequencial (HOPPER, 1979; DRY, 1983). Entende-se que o ponto de referência temporal de cada evento no FOREGROUND segue ao evento precedente. Portanto, o foreground compreende tópicos e atores centrais à narrativa. Em contrapartida, a função do BACKGROUND é de apoiar o FOREGROUND. Segundo Hopper (1979), o background fornece material de apoio que elabora ou avalia os eventos do foreground. O background não narra os eventos centrais.

O foreground compreende os eventos centrais ao discurso e os seus protagonistas, portanto existe uma forte relação entre os tópicos, cadeias de tópicos (topic chain ou topic continuity) e o foreground (GIVÓN, 1983). Diversas pesquisas a partir do trabalho fulcral de Hopper (1979) têm observado que existe uma relação entre as formas aspecto-temporais perfectivas e o conteúdo discursivo do FOREGROUND, enquanto que as formas aspecto-temporais imperfectivas se relacionam com o BACKGROUND (DAHL, 1984; HOPPER, 1979; ANDERSEN e SHIRAI 1996; BARDOVI-HARLIG, 2000). Tendo isso em conta, pareceria viável a possibilidade de que o aspecto verbal e o aspecto lexical dos verbos possam fornecer informação para a identificação de um SN tópico.

3.3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E AS LÍNGUAS CRIOULAS

Os pontos comuns às propostas apontadas nas seções concernem o papel dos paradigmas morfológicos, à conexão entre extração e sujeitos expletivos e referenciais, e ainda ao papel da estrutura informacional do discurso. Relativamente às línguas crioulas, Nicolis (2008) apresenta várias afirmações sobre o status do sujeito nulo afirmando que as línguas crioulas pertencem à classe de línguas que manifestam *pro-drop* parcial.

Apontando para o fato de que os crioulos em geral não têm uma morfologia de concordância verbal, Nicolis (2008) sustenta que a previsão de que eles não devem permitir sujeitos nulos referenciais é confirmada, uma vez que o pronome referencial não pode ser licenciado para identificação. Além disso, ele aponta que, em uma amostra de 8 línguas crioulas (crioulo holândes de Berbice, crioulo caboverdiano, crioulo haitiano, crioulo jamaicano (basileto e mesoleto), kriyol da Guiné-Bissau, crioulo mauriciano, papiamento e o crioulo Saramaccan), todas carecem da regra de inversão livre mas, não exibem efeitos *that-t*. Esses fatos contradizem a afirmação de Rizzi (1986) de que haveria uma correlação entre esses recursos, pois, segundo esse pesquisador, a falta de tal efeito *that-t* nas NSLs depende da possibilidade de extrair o sujeito da posição de inversão livre. Por outra parte, Nicolis sugere que a ausência de efeitos *that-t* nessas línguas está relacionada à disponibilidade de pronomes expletivos nulos (NICOLIS, 2008, p.12-16).

Das línguas crioulas apresentadas por Nicolis (2008, p.7), todas permitem pelo menos alguns exemplos de expletivos nulos, com a provável exceção da variedade mesoletal do crioulo da Jamaica descrita por Veenstra e den Besten (1995), que parece ser tipologicamente bem próximo do inglês padrão. A situação mais comum entre essas línguas é a possibilidade de coexistência tanto de expletivos nulos quanto explícitos, como em galego, espanhol dominicano e finlandês (NICOLIS, 2008, p.9). No entanto, conforme Nicolis (2008, p.17), não há nenhum caso convincente de uma língua totalmente desprovida de expletivos nulos que permita, ao mesmo tempo, sujeitos nulos referenciais. Dos crioulos de base lexical portuguesa contemplados, o crioulo cabo-verdiano é a única língua crioula dentre os oito crioulos apresentados por Nicolis (2008) que manifesta expletivos nulos em todos os contextos e que não tem expletivos explícitos. Contudo, as recentes propostas relativas ao *pro-drop* em crioulos do Atlântico apontam para o papel facilitador dos clíticos de sujeito e dos pronomes fracos (KOUWENBERG e SCOTT, 2010; HAGEMEIJER, 2009; VEENSTRA, 2009) que, sem ocuparem a posição de um sujeito lexical, pertencem ao domínio TMA, e funcionam como marcadores de concordância. Os crioulos neste grupo

incluem caboverdeano e papiamentu.

Como será a situação nos crioulos de base lexical portuguesa da Ásia?

Até agora, nenhuma pesquisa foi realizada sobre o parâmetro do sujeito nulo nessas variedades. No caso do kristang, essa lacuna remete à incessante curiosidade: qual o comportamento do kristang diante das propriedades descritas pelos pesquisadores mencionados nas seções anteriores?

3.4 COMO SE COMPORTA O KRISTANG?

No kristang existe o seguinte cenário: por um lado, esta língua não manifesta certas características consideradas centrais à tipologia de língua de sujeito nulo proposta por Rizzi (1986) e outros linguistas⁹. O kristang não tem flexão verbal, como se vê nos exemplos (3), (4), (5) e (6), portanto a identificação de traços de pessoa/número de um sujeito nulo não pode ser efetuada via a morfologia verbal.

(3) *Oloto ja komprá pesi* [THEM71]

P6 AP comprar peixe

‘Eles/elas compraram peixe’

(4) *Maria ja komprá pesi* [THEM71]

Maria AP comprar peixe

‘Maria comprou peixe’

(5) *Bos ja komprá pesi* [THEM71]

P2 AP comprar peixe

‘Você comprou peixe’

(6) *Yo ja komprá pesi* [THEM71]

P1 AP comprar peixe

‘Eu comprei peixe’

⁹ Os exemplos elencados nesta seção foram retirados do corpus contemplado. Os exemplos (3) a (6) correspondem à tipologia verbal detalhada em BAXTER (1988, 2012). Por outro lado, o comportamento dos exemplos (7) a (10) relativamente aos restantes fatores Rizzianos, embora evidente no corpus, foi avaliado junto a falantes nativos do kristang, graças à intermediação do orientador da dissertação.

Por outro lado, o kristang admite inversão do sujeito e verbo, como no exemplo (7). No entanto, não é muito frequente e parece estar limitado a poucos verbos (*bai* ‘ir’, *beng* ‘vir’, *chegá* ‘chegar’). Portanto, não pode ser considerado inversão livre. Admite extração de oração subordinada nominal introduzida por complementador (*ki*), embora a extração ocorra mais frequentemente sem a presença do complementador (*ki*), como no exemplo (8), tem pronomes expletivos obrigatoriamente nulos, como no exemplo (9), um recurso típico das línguas de sujeito nulo, e também exibe sujeitos nulos referenciais, como no exemplo (10), embora de maneira variável.

(7) *ja beng Maria* [STEM49]

AP ir Maria

‘Veio Maria’

(8) *keng (ki) bos ja falá (ki) ja bai Singapura* [FERF67]

INTER COMP P2 AP falar COMP AP ir Singapura

‘Quem você disse que foi para Singapura?’

(9) *Parsé logu kai chua* [STEM49]

Parecer FUT cair chuva

‘Parece que vai chover’

(10) *Yo lembrá (ki) Ø nsabe papaiá kristang* [COSM39]

P1 lembrar que (P6) NEG-saber falar kristang

‘Eu acho que (eles) não sabem falar kristang’

O quadro a seguir resume esse panorâma:

Quadro 2 – Propriedades do kristang

	pro+ref	pro-ref	Inv. Livre	No that-t
Kristang	+	+	-	+ -

Finalmente o kristang apresenta um grau de aglutinação nos pronomes, no contraste entre os pronomes singulares e plurais de segunda e terceira pessoa – *bo(s)* ‘você’ e *bolotu* ‘vocês’ (<*bo (s) + otru*>), e *eli* ‘ele/ela’ e *olotu (elo t(r)u)* ‘eles/elas’ (>*eli+otru*).

A partir dos fatos anteriores, surgem as seguintes questões:

- a) Das quatro principais tipologias de línguas de sujeito nulo identificadas na literatura especializada, a qual tipo pertence o kristang?
- b) Quais fatores linguísticos e/ou mecanismos pragmáticos (condições do discurso) interferem no condicionamento do sujeito nulo no kristang?

O presente estudo se habilita a responder estas duas questões por meio de uma análise variacionista, conforme as bases teóricas e metodológicas detalhadas no capítulo 4. Os resultados da análise, apresentada e comentada no capítulo 5, fornecem respostas relativamente à tipologia de sujeito nulo inerente ao kristang, e os fatores linguísticos e extralinguísticos que norteiam o uso do sujeito nulo.

3.5 SÍNTESE

Este capítulo apresentou a teoria de Princípios e Parâmetros para compreender a noção clássica do parâmetro do sujeito nulo e as propriedades que caracterizam uma língua de sujeito nulo, na ótica paramétrica. Foram apresentadas algumas colocações recentes relativamente à utilidade ou não da classificação tradicional, e nomeadamente a proposta de Neeleman e Strendröi (2006) que chamam a atenção para a relevância da presença de aglutinação morfológica no paradigma pronominal como fator licenciador em línguas que não possuem concordância verbal. Relativamente a esse tipo de língua, também foram comentadas algumas propostas de um mecanismo para resgatar informações da estrutura do discurso relevantes para a configuração de uma cadeia de tópicos representados por sujeitos nulos. Tendo em conta a relevância da identidade do tópico discursivo para o licenciamento do *pro*-nulo, foi comentado brevemente a noção de FOREGROUND e a sua conexão com o tópico na estrutura discursiva, e o papel do aspecto verbal na identificação de eventos proeminentes na sequência narrativa. Com base nesse panorama, em seguida considerou-se a questão do sujeito nulo e as línguas crioulas a partir do estudo comparativo de Nicolis (2008). A avaliação do kristang relativamente às propriedades de línguas de sujeito nulo elencadas na literatura especializada revelou que o kristang não manifesta certas características consideradas centrais à tipologia de língua de sujeito nulo, o que levanta novamente perguntas básicas sobre o tipo de licenciamento de *pro*-nulo existente nesta língua.

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos que orientam a análise efetuada no estudo atual.

A análise é baseada nos conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) que serão apresentados na seção 4.1, enquanto que o fenômeno variável será contemplado à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) apresentada no capítulo anterior, junção que localiza a proposta de trabalho no âmbito da Sociolinguística Paramétrica, cuja perspectiva será apresentada na seção 4.1.2. A seção 4.2 elabora a metodologia de estudo, contemplando a escolha da comunidade, origem e estrutura do *corpus* e o programa estatístico Goldvarb. Finalmente, a seção 4.3 apresenta as variáveis independentes, linguísticas, extralinguísticas e discursiva a serem avaliadas e as hipóteses que representam relativamente à variação na representação do sujeito pronominal no crioulo de Malaca.

4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1.1 A sociolinguística variacionista

A Sociolinguística Variacionista foi iniciada pelo linguísta norte-americano William Labov com seu primeiro estudo, em 1963, sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). O modelo de análise proposto por Labov veio questionar a ausência do componente social em outras escolas linguísticas, como o Estruturalismo, o qual defende que a língua é um sistema homogêneo e uniforme. Acreditando no princípio de que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008[1972], p.21) e que sistema linguístico não é sinônimo de homogeneidade sendo sim possível fazer uma descrição sistemática da variação existente em uma língua. Numa concepção laboviana de língua, a heterogeneidade é algo natural, inerente ao sistema linguístico.

Se nas abordagens formalistas o objeto de estudo é a língua em si mesma e por si mesma (SAUSSURE, 2006), na perspectiva da sociolinguística o objeto de estudo são os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala, grupo

de pessoas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros (LABOV, 2008[1972], p.150). Para a Teoria Variacionista, a variação é motivada, está correlacionada a fatores internos e externos à estrutura da língua, a mudança implica necessariamente variação, mas a variação não implica necessariamente mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.125).

São nas comunidades de fala que serão observadas as formas linguísticas em variação. As análises realizadas dentro da Sociolinguística Variacionista observam as variações sistemáticas, dentro de uma heterogeneidade ordenada na comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.125). Sendo assim, não há um caos linguístico, e sim um sistema associado à heterogeneidade da língua falada. Considera-se a língua em seu contexto sócio-cultural, visto que parte considerável das explicações para a variação observada no uso da língua se baseia em fatores extralinguísticos, não apenas em fatores internos ao sistema linguístico.

Dentro desse contexto da comunidade de fala poder-se-á observar uma variação estável ou mesmo uma situação de mudança em curso (LABOV, 2008[1972], p.19-20). Com relação à variação estável, entende-se que a realidade encontrada na comunidade de fala se manterá inalterada por algum tempo, já que nenhuma das formas em uso se sobrepõe à(s) outra(s). Já a mudança em curso mostra a possibilidade de uma variante linguística sobrepor-se a outra(s), tendo o seu uso bastante difundido, de forma que uma variante chegue a cair em desuso, e a outra se sobressaia manifestando uso categórico (LABOV, 2008[1972], p.20).

Para investigar a evolução de um processo de mudança, seria ideal analisar o comportamento da variante na comunidade em um período real de tempo.

Esse estudo – denominado estudo da mudança em tempo real – pode ser realizado tanto através de textos antigos que registrem a variação do fenômeno, comparando-os com dados recentes, quanto realizando o mesmo estudo em dois períodos de tempo diferentes. Nesse segundo caso, o estudo pode ser do tipo painel, o qual deve ser realizado com os mesmos informantes ou do tipo tendência, o qual pode ser realizado com informantes diferentes com o mesmo perfil.

Não é tão simples realizar pesquisas em tempo real. As pesquisas realizadas em tempo real contam com a impossibilidade de voltar à comunidade para refazer gravações com os mesmos informantes, pois, muitas vezes, os mesmos já faleceram, mudaram-se para outra cidade ou até mesmo não querem mais participar da entrevista. No intuito de superar essas dificuldades utiliza-se o recurso do estudo em tempo aparente. Os estudos em tempo aparente consistem, então, em uma projeção sincrônica da mudança, que se dá no plano diacrônico. O

estudo nesse modelo é realizado através da estratificação dos informantes em faixas etárias, e o comportamento das faixas revela os rumos da variável que está sendo analisada.

Um estudo sociolinguístico tem o objetivo de descrever um fenômeno variável observado em uma comunidade de fala, a fim de analisá-lo, apreendendo e sistematizando as variantes linguísticas em uso. Para esta análise, lança-se mão de recursos estatísticos, buscando calcular a influência exercida por cada um dos fatores relacionados, linguísticos e extralinguísticos, estabelecendo uma relação entre o processo de variação e mudança que se operam na estrutura da língua.

4.1.2 Diálogos possíveis - A Sociolinguística Paramétrica

Cada vez mais estudos linguísticos vêm sendo realizados numa tentativa de integrar conceitos, metodologias e resultados advindos de diferentes escolas teóricas no intuito de dar conta da complexidade dos fatos linguísticos (CYRINO; REICH, 2002). O termo Sociolinguística Paramétrica foi usado inicialmente por Tarallo em 1987. Tarallo e Kato (1989) apresentam a conceitualização de Sociolinguística Paramétrica, que propõe a interação entre a análise quantitativa de dados empíricos de língua falada com conceitos sintáticos da teoria gerativa, duas correntes teóricas ditas opostas, pois uma das perspectivas trabalha com língua-E (desempenho linguístico) e a outra trabalha língua-I (competência do falante). Devido a isso surgiram várias críticas quanto aos estudos à luz da sociolinguística paramétrica. De fato, as diferenças teóricas e metodológicas entre as duas perspectivas foram polarizadas ao extremo.

Uma maneira de justificar a combinação entre as duas perspectivas ditas opostas é lançar mão da noção de DLP (Dados Linguísticos Primários) - conceito do gerativismo.

O surgimento de uma gramática em uma criança é sensível às condições iniciais de DLP, ou seja, para desenvolver a sua gramática, a criança precisa de gatilhos linguísticos (LIGHTFOOT, 2006, p.88), e esses gatilhos só podem provir da fala. Portanto, a fala (língua-E) contém informações fundamentais para a configuração da língua-I. Naturalmente, a língua-E alimenta a língua-I. Portanto, a combinação de uma abordagem que lida com Língua-E e uma abordagem que lida com Língua-I faz todo sentido, pois pode lançar luz sobre a interação de L-E e L-I. Já que como dizem Tarallo e Kato (1989, p.38), “Ambas as teorias são grandes e igualmente importantes. Cada uma cresce à medida que da outra se alimenta”.

Sendo assim, interpretações orientadas pela teoria gramatical ajudam no estabelecimento de hipóteses e grupos de fatores para a análise variacionista, a medida que os resultados dessas análises ajudam a atualizar assunções da teoria gerativa e a definir as propriedades dos parâmetros estudados (SOARES DA SILVA, 2013, p.49).

Só assim ter-se-a finalmente conseguido deixar de lado, ou se importar menos com a oposição entre racionalismo e empirismo que, durante tanto tempo, evitou que mais progresso tivesse sido feito nos estudos sobre a linguagem (TARALLO; KATO, 1989).

4.2 METODOLOGIA

4.2.1 A escolha da comunidade

A escolha da comunidade se deu, em primeiro lugar, por um contato inicial com o kristang durante um período como bolsista de Iniciação Científica, decorrente das pesquisas do meu orientador, Professor Dr. Alan Norman Baxter. Em segundo lugar, a escolha da comunidade kristang para o projeto de dissertação foi motivada pela falta de pesquisas sobre o NSP em crioulos de base lexical portuguesa da Ásia.

As descrições gramaticais existentes sobre as pequenas comunidades linguísticas que ainda sobrevivem desse grupo de crioulos asiáticos (Diu, na Índia (CARDOSO, 2009); Korlai, na Índia (CLEMENTS, 1996); Malaca (BAXTER, 1988); Trincomalee, no Sri Lanka (SMITH, 1977)) apenas apontam para casos da queda do pronome sujeito, sem entrarem em pormenores. Em contrapartida, para os crioulos de base lexical portuguesa da região atlântica, esse fenômeno já conta com descrições e propostas teóricas em fase avançada (NICOLIS, 2008; BAPTISTA, 2002; KOWENBERG, 1990, 2010; HAGEMEIJER, 2009; VEENSTRA, 2009). Portanto, o estudo atual é o primeiro a tratar do sujeito nulo nos crioulos de base portuguesa da Ásia. Nesse sentido, o estudo do kristang contribuirá para o enriquecimento de conhecimentos sobre a tipologia dessa língua na Ásia e o seu lugar na tipologia geral dos crioulos de base lexical portuguesa.

Além disso, o kristang é uma língua que está ameaçada de extinção e é a última língua crioula de base lexical portuguesa vital na Ásia sudeste e oriental, tendo hoje em média cerca de seiscentos falantes (BAXTER, 2005). Assim como a pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano, faz-se também necessário contribuir para a comunidade em estudo. O presente estudo recai sobre uma língua que está ameaçada de

extinção, sendo o maior agravante o fato de que essas pessoas falantes do kristang estão perdendo uma parte fundamental da sua cultura, a língua. Dessa forma, estudar uma língua minoritária é lhe dar uma certa visibilidade e força, já que um dos grandes motivos pelos quais a língua vem perdendo falantes é em prol de línguas politicamente e funcionalmente mais fortes. Os estudos linguísticos do kristang, acabam ajudando as pessoas que desenvolvem atividades de reforço linguístico na comunidade, por exemplo, na preparação de materiais pedagógicos, tarefa que requer conhecimentos fundamentais da gramática da língua. Sendo assim, a maior compreensão do NSP no crioulo tem também relevância para a conservação do crioulo.

4.2.2 Origem e estrutura do corpus

A coleta e a transcrição das gravações que compõem o *corpus* deste trabalho foram feitas sob a perspectiva da sociolinguística (LABOV, 2008[1972]), entre 1980 e 1983, pelo professor Dr. Alan Norman Baxter. Um bom motivo pelo uso desse material é que provém de uma época em que o perfil sociolinguístico da comunidade era diferente. O kristang tinha mais espaço. Todos os informantes eram pessoas que usavam o kristang no seu dia a dia. A maioria dos falantes tinha o kristang como língua dominante (entre as três línguas que falavam). Hoje em dia, há pouquíssimos falantes desse gênero, embora haja ainda uma boa quantidade de pessoas que falam a língua, mas não como língua dominante.

O corpus compreende amostras da fala vernácula, aquela tida como menos monitorada pelo falante (LABOV, 2008[1972], p.244), em 18 entrevistas labovianas de duração de uma hora cada uma, estratificadas por idade e sexo em três faixas etárias, de 19 a 30 anos, de 39 a 50 anos, e com 60 anos ou mais. Esta amostra é constituída por seis células e, em cada uma delas, há três informantes, o que corresponde a seguinte distribuição:

- a) Faixa 1 (19 a 30 anos): três mulheres e três homens
- b) Faixa 2 (39 a 50 anos): três mulheres e três homens
- c) Faixa 3 (60 anos ou mais): três mulheres e três homens

O estudo dos dados provenientes das entrevistas labovianas permitirá avaliar se a variação em um determinado ponto da estrutura da gramática de uma comunidade de fala, observada sincronicamente é estável ou não, no plano diacrônico. Desse modo, busca-se

captar o *tempo real*, em que se dá o desenvolvimento diacrônico da língua, no chamado *tempo aparente* (LABOV, 2008[1972], p.163).

Pensando no paradoxo do observador: são necessárias amostras de fala vernácula, no entanto a presença do entrevistador, alguém externo à comunidade, interfere na naturalidade da situação de comunicação (LABOV, 2008[1972], p.244). Essa interferência foi um tanto que minimizada no corpus do presente trabalho, uma vez que o entrevistador, o professor Dr. Alan Norman Baxter, depois de um período de aprendizagem intensiva da língua, em Singapura, residiu na comunidade em estudo durante dois anos, realizando as gravações labovianas apenas depois dos primeiros 6 meses de residência e socialização em regime de pesquisador participante. Sendo assim, ele já não era um completo estranho naquele ambiente. Também, no intuito de superar o paradoxo do observador, como sugere Labov no clássico *Padrões Sociolinguísticos*, procurou-se conversar sobre assuntos de domínio do informante como narrativas de experiência pessoal, assuntos que remetam fortes emoções, no intuito do informante se envolver com a narrativa prestando atenção no que fala e não como fala (LABOV, 2008[1972], p.244-245).

Tendo em vista a alta frequência do fenômeno analisado, o levantamento dos dados foi processado por cotas, recolhendo-se trezentas ocorrências em cada entrevista analisada.

Nesse levantamento, foram considerados apenas os sujeitos pronominais de referência definida em sentenças finitas, sendo excluídos da base de dados:

a) Imperativos

(1) *Eli falá: "Ø Perá eli beng.* [FELF41]

P3 falar esperar P3 ir

‘Ela fala: “Espere ele vim”.’

(2) *Ø Da tona aké anel.* [FELF41]

Dar ADV DEM anel

‘Dê de volta o anel.’

b) Sujeitos Nulos Ambíguos

(3) *Aké g(r)itá Skola Masang.*[FELF41]

DEM chamar escola ameixa

‘Aquele chama(va)m ‘escola ameixa.’’

Este último caso é ambíguo porque pode ser interpretado como passiva: ‘aquela é chamada de Skola Masang’ ou pode ser interpretado como ‘aquela nós chamamos de Skola Masang’ ou ‘aquilo eles/elas/as pessoas chamam de Skola Masang’.

c) Generalizações

(4) *Lo falá isorti.* [THEF40]

HAB falar ADV

‘As pessoas falam assim.’

(5) *Lo kotrá sa unya.* [THEF40]

HAB cortar GEN unha

‘Há quem corte suas unhas.’

Após o levantamento, os dados foram codificados de acordo a uma chave de codificação derivada do Projeto Vertentes¹⁰. Tal chave contém uma lista de hipóteses instrumentadas como variáveis independentes potenciais condicionantes da variação. Essas hipóteses são formuladas com base em considerações que decorrem da literatura teórica e tipológica sobre o tema do sujeito nulo.

Para o processamento quantitativo dos dados, foi utilizado o pacote estatístico GoldVarb X, que possibilita a contagem dos dados apresentados na codificação, e a sua análise e avaliação por critérios estatísticos, para a nossa posterior interpretação dos resultados.

4.2.3 O Goldvarb X

O pacote de programas estatísticos GOLDVARB X funciona a partir da formulação de regras variáveis, realizando uma análise multivariada de regressão logarítmica que tem como objetivo separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística (GUY; ZILLES, 2007, p. 33-34). Vale salientar que embora seja um recurso estatístico confiável, não se deve usar como lei para a compreensão do fenômeno linguístico em estudo, mas como uma ferramenta para ajudar, auxiliar o processo de descobertas do pesquisador em testagens de hipóteses (GUY; ZILLES, 2007, p. 32). Sendo

¹⁰ Informações sobre o Projeto Vertentes no site www.vertentes.ufba.br

assim, é o linguista o principal responsável pela análise e interpretação dos dados gerados pelo Goldvarb.

As inferências para a identificação dos prováveis condicionamentos, conforme as hipóteses estabelecidas pelo linguista são geradas pelo pacote estatístico. Para isso, são usadas medidas de confiabilidade, tais como *input*, *log-likelihood*, nível de significância e peso relativo. Cada uma dessas medidas desempenha um papel específico na formulação dos resultados finais.

Os valores dos *log-likelihood* e dos níveis de significância são os responsáveis pela indicação de determinado fator como influente no condicionamento da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p.209).

Há uma margem de 0.05 convencionalmente definida para o nível de significância, de modo que os fatores que apresentam ao longo da rodada de processamento índices superiores a este valor são indicados como irrelevantes no condicionamento do fenômeno em estudo. Ou seja, um nível de significância menor a 0.05 equivale a possibilidade de negar a hipótese nula, que afirma que as variáveis independentes não influenciam as variáveis dependentes (GUY; ZILLES, 2007, p.86). Os valores de peso relativo acima ou abaixo, respectivamente, favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra em questão. Valores iguais ou muito próximos a 0.50 indicam que o fator não exerce nenhum tipo de influência sobre a variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p.206).

4.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS, EXTRALINGUÍSTICAS E DISCURSIVA

O fenômeno linguístico variável que se pretende descrever e analisar é designado variável dependente. Para o estudo dessa variável faz-se necessário delimitar um conjunto de contextos linguísticos, extralinguísticos e discursivos (pragmáticos) que possam condicionar a realização das variantes linguísticas, denominadas variáveis independentes.

4.3.1 A variável dependente

Para investigar a variação, propôs-se uma variável dependente <sujeito pronominal>, com duas variantes:

(R) Sujeito pronominal realizado

(6) *Nu (nus) podi mata tudu ake (akeli) ratu* [NOEM80]

P4 poder matar QUANT DEM rato

‘Nós podemos matar todos os ratos.’

(N) Sujeito nulo

(7) *Sa mule ja kai na pekadu,*

POSS mulher AP cair LOC pecado,

Ø *ja pari ngua filu matchu.* [STEM49]

(P3) AP parir NUM filho

‘Sua mulher caiu no pecado. (Ela) pariu um filho.’

Com a finalidade de situar e determinar o funcionamento do NSP na gramática do kristang, avalia-se o condicionamento da variável dependente por uma série de variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. Partimos da assunção de que das quatro principais tipologias de línguas de sujeito nulo identificadas amplamente na literatura especializada, o kristang seria do tipo “semi – *pro-drop*” (*pro-drop* parcial). Essa é a hipótese principal que se pretende testar nesse estudo. Para avaliar essa hipótese, formulou-se um conjunto de hipóteses de avaliação com base em características de sistemas de NSL parcial, observadas em outros trabalhos. Para isso as hipóteses foram instrumentalizadas como variáveis independentes que poderiam condicionar a variável dependente.

4.3.2 As variáveis independentes linguísticas

O Quadro 3 apresenta as variáveis independentes linguísticas que foram avaliadas:

Quadro 3 – Variáveis independentes linguísticas

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	
VARIÁVEL	FATORES
Pessoa do discurso	P1, P2, P3, P4, P5, P6
Função discursiva da frase	<ul style="list-style-type: none"> - Declarativa - Negativa - Interrogativa - Resposta a uma pergunta QU- - Resposta epistêmica
Tipo de verbo	<ul style="list-style-type: none"> - Verbo de movimento - Outros - Verbo discendi - Verbo de percepção - Verbo modal - Verboepistêmico
Forma da referência anterior	<ul style="list-style-type: none"> - SN - Pronome - Nulo
Menção prévia	<ul style="list-style-type: none"> - Primeira menção - Sujeito mencionado apenas uma vez previamente - Sujeito mencionado mais de uma vez previamente
Localização em relação ao sujeito antecedente	<ul style="list-style-type: none"> - Sem encadeamento sintático - Outro período - Principal posposta à subordinada em que está o antecedente - 1º/2º/3º oração assindética, - 1º/2º/3º oração sindética - Oração relativa - Oração completiva - Oração adverbial
Presença de marcador Tempo Modo e Aspecto	Partículas TMA ja, ta, lo(gu)) à esquerda do verbo na oração

Pessoas do discurso - Esta variável foi proposta no intuito de avaliar se as pessoas do discurso condicionariam de maneira diferencial o sujeito nulo em kristang.

Neeleman e Srendöi (2006), propõem que uma língua só permite *pro-drop* radical se seus pronomes pessoais manifestam aglutinação morfológica, para caso ou alguma outra característica nominal. Portanto, nas línguas que não têm um paradigma pronominal aglutinante, a omissão de pronomes é possível, mas mediante uma concordância verbal rica. Além disso, os referidos autores argumentam que as línguas crioulas quando distinguem o número nos pronomes, a expressão da pluralidade é tipicamente fusional (NEELEMAN; SRENDÖI, 2006, p.35). Sendo assim, as línguas crioulas não devem permitir *pro-drop* radical.

Função discursiva da frase - com essa variável buscou-se avaliar a hipótese de que os diferentes tipos de frases influenciam a escolha do sujeito nulo. Os estudos de Pešková (2013) mostram que os sujeitos realizados tendem a aparecer mais em sentenças interrogativas (WH e interrogativas absolutas) do que em declarativas. Tomando como base tal estudo, supõe-se que as sentenças declarativas podem ser mais propícias ao apagamento do sujeito em comparação as interrogativas.

Tipo de verbo – Com essa variável, pretende-se avaliar a hipótese de que o caráter semântico do verbo da sentença em análise influencia o apagamento do sujeito em kristang. Diversos estudos detectam um condicionamento do sujeito nulo pela classe semântica do verbo. Alguns estudos se concentram na realização de pronome sujeito em orações subordinadas a determinadas classes semânticas. Assim, por exemplo, Bizarri (2015), sobre o russo, e Frascarelli (2018), sobre o italiano e o finlandês, contemplam o efeito da presença na sentença matriz de verbos factivos (verbos que introduzem uma proposição verdadeira, conhecida) em oposição a verbos *bridge* (verbos de dizer ou opinião, verbos assertivos). No entanto, vários estudos enfocam diretamente o sujeito de verbos de diferentes classes semânticas.

Em árabe, os resultados apresentados por Altamimi (2015, p.79) sugerem que os verbos de ação física favorecem mais o *pro-drop* do que os verbos de estado mental o evento mental. Para o português brasileiro, Silva e Faccio (1981, p. 202) afirmam que, em um corpus extraído do NURC/SP, os verbos de opinião favorecem à realização do pronome sujeito. Em contrapartida, o estudo de Menon (2002, p.165, p.167-168) com dados de Vitória (M.G.), não identificou a classe verbal como condicionador estatisticamente relevante.¹¹ Por outro lado,

¹¹ O estudo contemplou nove classes de verbo: de ligação, epistémico, existencial, de estado, de ação, de percepção, *dicendi*, volitivo e modal.

em uma série de estudos variacionistas sobre variedades de espanhol, a classe semântica do verbo é relevante, e em geral os verbos de percepção favorecem o sujeito pronominal (OROZCO, 2016, p. 6-7; OTHEGUY e ZENTELLA 2012, p.164; SILVA-CORVALÁN, 1994, p.162; TRAVIS e TORRES CACOULLOS, 2012, p. 12; entre outros). Contudo, outras classes - verbos de movimento, *dicendi* e epistémicos - embora influenciadas, exercem diferentes efeitos conforme a variedade de espanhol em questão (OROZCO, 2016, p.7). Relativamente aos verbos epistémicos e de percepção, Pešková (2013, p.132) argumenta que, nos corpora analisados, os verbos epistémicos são mais propícios à realização do sujeito do que os verbos de percepção. Segundo o estudo de Travis (2007, p.117), que contempla apenas a primeira pessoa do singular, o favorecimento do pronome por verbos de natureza epistêmica relaciona-se com o fato de que expressam a opinião do sujeito, e o próprio sujeito essencialmente sublinha o seu papel na expressão dessa opinião. Esta ideia aponta para o possível papel da pessoa e número do sujeito no uso do pronome.

No trabalho atual, adotando a classificação usada por Orozco (2016), mas incluindo a classe dos modais, iremos contemplar as seguintes classes de verbo: de percepção, movimento, epistêmico, *dicendi*, e uma classe "outro" para os verbos que não entram nas classes anteriores.

Forma da referência anterior - Nesta variável procurou-se avaliar a hipótese de que a forma da referência anterior ao sujeito motiva a escolha da variável dependente. Cruz, Furest e Sánchez (2016) mostram em seus resultados que não havendo co-referência há uma certa neutralidade em relação ao preenchimento do sujeito, enquanto a co-referência com o sujeito anterior tende a favorecer o sujeito nulo. Lucchesi (2009, p.180), investigando como a forma do sujeito antecedente - pronome, SN ou apagado - pode afetar a forma da referência subsequente, identificou uma significativa diferença de efeito entre essas três formas. No referido estudo, o sujeito nulo é favorecido quando há a presença de um referente SN na oração anterior, enquanto que um referente nulo na oração anterior favorece a não realização do sujeito pronominal subsequente, assim mantendo um mesmo padrão de marcação. (LUCCHESI, 2009, p.180).

Menção prévia - Com esta variável pretende-se observar se o pronome sujeito mencionado previamente motiva de alguma forma o apagamento do sujeito, desta maneira avaliando uma segunda dimensão dos achados de Cruz, Furest e Sánchez (2016) e ainda aspectos da perspectiva de Frascarelli e Casentini (2019) sobre a relevância das cadeias de tópicos.

Portanto, supõe-se que o sujeito mencionado previamente uma ou mais vezes poderia condicionar o apagamento do sujeito no *kristang*.

Localização em relação ao sujeito antecedente - Nessa variável pretende-se observar se o encadeamento sintático condiciona a variável dependente. Em cláusulas subordinadas, os sujeitos nulos devem ser coreferenciais com o sujeito da oração matriz mesmo quando a concordância permitir uma interpretação clara (BIZARRI, 2015). Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009) também afirmam que os sujeitos nulos inseridos em línguas de sujeito nulo parciais possuem antecedente na oração matriz. Sendo assim, supõe-se que haverá uma tendência para o apagamento do sujeito muito mais nas orações subordinadas do que nas orações matrizes.

Presença de marcador Tempo Modo e Aspecto - Esta variável foi proposta no intuito de avaliar se a presença dos marcadores de Tempo Modo e Aspecto (TMA) poderia trazer implicações relativamente à identidade do sujeito. Em pesquisas variacionistas sobre *pro-drop* em variedades do espanhol, Silva-Corvalán (1996), Bayley e Pease-Álvarez (1997) observaram que o efeito do TMA sobre o uso do pronome sujeito deve ser entendido em relação à estrutura do discurso, com pronomes sujeitos ocorrendo mais com valores de TMA associados a informações de segundo plano e ocorrendo menos com valores de TMA associados a informações de primeiro plano. No presente estudo, exploramos a variável TMA por causa de sua potencial conexão com a manutenção e continuidade do tópico.

Diversas pesquisas sublinham a relevância do tempo-aspecto na estrutura do discurso (HOPPER, 1979; DAHL, 1984; GIVÓN, 1983, ANDERSEN e SHIRAI 1996; LABOV, 1972 entre outros) em termos de duas partes essenciais: o FOREGROUND e o BACKGROUND. O FOREGROUND é constituído por eventos que pertencem à estrutura essencial do discurso e que avançam ao discurso no eixo temporal, de maneira sequencial (HOPPER, 1979; DRY, 1983). Portanto, o foreground compreende tópicos e protagonistas centrais à narrativa. Em contrapartida, o BACKGROUND fornece material de apoio que desenvolve ou esclarece os eventos no FOREGROUND, mas não narra os eventos principais (BARDOVI-HARLIG, 2000, p282).

Na avaliação desta variável, espera-se que os verbos marcados por valores aspecto-temporais tipicamente relacionados ao FOREGROUND, nomeadamente perfectivos, fossem favoráveis ao sujeito pronominal nulo, enquanto que os verbos marcados por valores aspecto-temporais tipicamente relacionados ao BACKGROUND fossem favoráveis ao pronome fonético.

4.3.3 As variáveis independentes extralinguísticas

Quadro 4 – Variáveis independentes extralinguísticas

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	
Faixa etária	- Faixa I (informantes de 25 a 35 anos) - Faixa II (informantes de 45 a 55 anos) - Faixa III (informantes com 60 anos ou mais)
Sexo do informante	- Feminino - Masculino

Uma inspeção de inquéritos de pessoas de diferentes idades e sexos leva ao seguinte questionamento: há condicionamento do sujeito nulo no kristang por parte dos fatores extralinguísticos sexo e faixa etária?

A variável **faixa etária** é uma das mais importantes e mais exploradas nos estudos sociolinguísticos, pois é a partir dela que o linguista tem a possibilidade de realizar um estudo em tempo aparente para perceber se na comunidade há variação estável ou uma mudança em curso. No caso das entrevistas, supõe-se que haverá um condicionamento etário, porque a língua está passando por um processo de ‘encolhimento’ – a transmissão geracional está falhando e as línguas inglesa e malaia estão penetrando cada vez mais no espaço sociocultural dos crioulos (BAXTER, 2005, 2012). Essa situação gera efeitos de diluição e enfraquecimento no que diz respeito à integridade gramatical do kristang.

Quanto à variável **sexo** a hipótese que tem sido aceita muitas vezes como ‘clássica’ é que as mulheres teriam atitudes linguísticas mais conservadoras que coincidem com as formas de maior prestígio em relação aos homens mesmo quando não estão claramente associadas ao prestígio ou à falta dele, as mulheres também lideram a favor da mudança (CHAMBERS; TRUDGIL, 1994, p. 132-134). Contudo, essa hipótese foi formulada inicialmente com base em estudos urbanos norte americanos. Posteriormente, outros estudos nem sempre confirmaram essa tendência. Os estudos sociolinguísticos das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, por exemplo, apontam para a liderança dos homens em relação a mudança para a variável de prestígio (LUCCHESI, 2009, p. 181). Por isso, é de fundamental

importância em estudos que controlam a variável sexo do falante considerar a natureza da comunidade de fala em estudo, pois o que determinará o comportamento linguístico e social de homens e mulheres é o contexto sociolinguístico-cultural e os papéis desempenhado por esses na comunidade de fala que vivem. No caso da comunidade de Malaca, supõe-se que o sexo do falante irá condicionar o uso do sujeito nulo, ou seja, que as mulheres terão uma maior tendência ao apagamento do sujeito pronominal do que os homens, porque as mulheres exerciam o papel tradicional de maternidade e trabalho doméstico em geral. As mulheres mais velhas das famílias geralmente partilhavam o papel de mãe para as crianças mais novas, deixando a mãe real para exercer as atividades como lavar roupas, cozinhar, etc... (BAXTER, 1988, p.12). Além dessas atividades, as mulheres da comunidade também faziam bolos e biscoitos, os chamados *kukis*, e as crianças mais crescidas ajudavam na venda, essa era mais uma maneira das famílias pobres se sustentarem. Enquanto que os homens, além da pesca, trabalhavam em fábricas e repartições.

4.3.4 A Variável independente discursiva

Quadro 5 – Variável independente discursiva

VARIÁVEL DISCURSIVA	
Referência anterior por turno	<ul style="list-style-type: none"> - Mesmo turno - Outro turno

Referência anterior por turno - Com essa variável procurou-se verificar se a estrutura do discurso influencia no uso da variável dependente em estudo. Cruz, Furest e Sánchez (2016) argumentam que a mudança de turno é um motivador para preencher a posição do sujeito. Sendo assim, supõe-se a continuação do discurso do mesmo falante poderia favorecer o apagamento do sujeito em kristang.

4.4 SÍNTESE

Neste capítulo foram expostos os pressupostos teóricos e metodológicos do presente trabalho. A seção 4.1 contemplou os conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) que fornece a base para a análise a ser apresentada e comentada no capítulo 4. Em seguida foi apresentada a noção da Sociolinguística Paramétrica, justificativa da interação entre duas correntes teóricas ditas opostas contempladas no presente estudo. A seção 4.2 apresentou o motivo da escolha da língua em foco, que se deu pela falta de pesquisas sobre o NSP em crioulos de base lexical portuguesa da Ásia. Descreveu-se a natureza do *corpus*, o levantamento e preparação dos dados e o programa estatístico Goldvarb utilizado para quantificar e testar a significância dos diversos fatores potenciais condicionadores da variável linguística em estudo. Finalmente, a seção 4.3 apresentou a variável dependente e as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas e as hipóteses que representam. Com essa base, os resultados da análise efetuada serão apresentados e comentados no capítulo 5.

5. RESULTADOS

Este capítulo expõe os resultados obtidos através da análise quantitativa dos dados da variável dependente em estudo, sujeito pronominal, nulo e realizado, no *corpus* da comunidade de fala kristang. O capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 5.1 apresenta-se um perfil global de apagamento do sujeito em kristang e em seguida são elencadas as variáveis selecionadas pelo GoldvarbX (em ordem de seleção) e as variáveis rejeitadas pelo GoldvarbX (em ordem de rejeição).

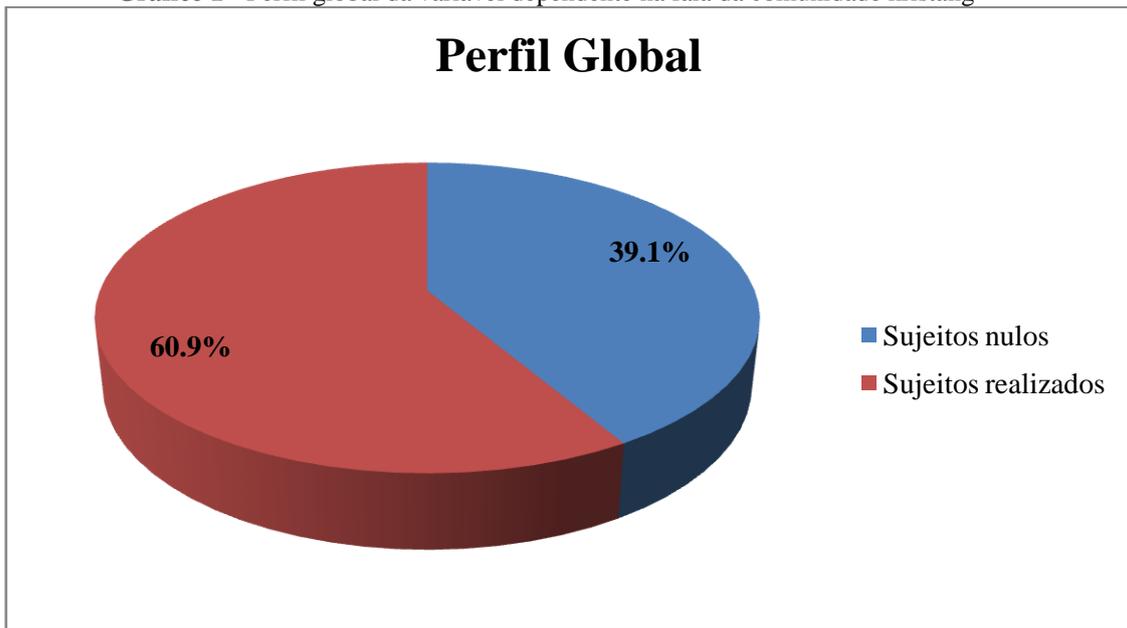
À continuação, nas seções 5.2 e 5.3, são apresentadas e comentadas respectivamente as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas selecionadas. Finalmente, a seção 5.4 comenta as variáveis não selecionadas pelo GoldvarbX como estatisticamente relevantes para o apagamento do sujeito em kristang, mas que se mostraram interessantes para o entendimento da variação.

5.1 PERFIL GLOBAL E VARIÁVEIS INDEPENDENTES SELECIONADAS

A análise registrou em dezoito entrevistas sociolinguísticas 5400 dados da variável dependente (sujeito realizado, sujeito nulo) dos quais 2112 foram de sujeito nulo, percentual de 39.1% e 3288 de sujeito realizado, percentual de 60.9%. Esses dados podem ser melhor visualizados na tabela 2 e no gráfico 1:

Tabela 2 - Frequência de aplicação da variável dependente na fala da comunidade kristang

Variável dependente	Ocorrências/Total	Frequência
Sujeito nulo	2112/5400	39.1%
Sujeito realizado	3288/5400	60.9%

Gráfico 1 - Perfil global da variável dependente na fala da comunidade kristang

No intuito de analisar o apagamento do sujeito no kristang, foram avaliados os efeitos de 10 variáveis independentes: 7 linguísticas e 3 extralinguísticas.¹² A tabela 3 apresenta as variáveis selecionadas (em ordem de seleção) como condicionadoras do apagamento do sujeito no kristang.

Tabela 3 - Variáveis independentes selecionadas para o apagamento do sujeito no kristang

Variáveis independentes selecionadas	Ordem de seleção
Menção prévia	+1
Forma da referência anterior	+2
Função Discursiva da frase	+3
Localização em relação ao antecedente	+4
Tipo de verbo	+5
Presença de marcador TMA (ja, ta, lo(gu) à esquerda do verbo na oração	+6
Faixa etária	+7
Variáveis independentes rejeitadas	Ordem de rejeição
Pessoa do sujeito	-1
Referência anterior por turno	-2
Sexo	-3

¹² Cabe esclarecer que a variável <caracterização semântica do sujeito> se revelou estatisticamente inviável para a análise por meio do Goldvarb-X pois o desequilíbrio radical na distribuição dos dados impossibilita uma análise de confiança por meio do programa VARBRUL do pacote GoldvarbX (GUY; ZILLES, 2007, p.171). A grande maioria dos sujeitos são de caracterização + animado / + humano, correspondendo a 98.4% dos dados do corpus, tendo o restante das caracterizações semânticas do sujeito pouquíssimas ocorrências, correspondendo a 0.6% do total dos dados para +animado/-humano, 0.6% para -animado/+abstrato, e 0.3% no fator -animado/+concreto.

Os pormenores registrados pelas variáveis selecionadas são comentados nas próximas seções seguindo a ordem de seleção.

5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

5.2.1 Menção prévia

Esta variável está estruturada em três fatores:

(i) Mencionado apenas uma vez previamente.

(1) *Nu bai skola, Ø sabe papiá inglés.* [SILF39]

P4 ir escola, P4 saber falar inglês

‘Nós vamos a escola, (nós) sabemos falar inglês.’

(ii) Primeira menção

(2) *Eli membes teng mpoku doda, ake ora nus anumbés ngka fai*

P3 ADV ter QUANT ADJ, DEM hora P4 ADV NEG fazer

nus sa sibrisu retu. [KATHF22]

P4 GEN trabalho ADJ

‘Ela está um pouco doida, às vezes. Naquela ocasião, **nós** talvez não fizéssemos nosso trabalho direitinho.’

(iii) Mencionado mais de uma vez previamente.

(3) *Yo ngka mutu chadu papiá, Ø bai skola ngka mutu chadu,*

P1 NEG ADV ADJ falar, P1 ir escola NEG ADV ADJ,

Ø ngka toma buku prende. [STAF70]

P1 NEG pegar livro aprender

‘**Eu** não era muito talentosa na hora de falar, (**eu**) ia para a escola mas (eu) não era muito inteligente, (**eu**) não pegava no livro para aprender.’

A tabela 4 apresenta os resultados da análise da variável <efeito da menção prévia>, a primeira variável selecionada pelo programa:

Tabela 4 - Efeito da menção prévia sobre o sujeito nulo

Menção prévia	Sujeito Nulo	Peso Relativo
Mencionado uma vez	1000/1983 50.4%	0.645
Primeira menção (ocorrências que não estão ligadas a uma ocorrência anterior)	201/1959 10.3%	0.276
Mencionado mais de uma vez	911/1458 62.5%	0.619

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

Os resultados revelam que o sujeito sendo mencionado previamente, seja uma ou mais vezes, favorece o uso do sujeito nulo, o fator <mencionado uma vez> com peso relativo de 0.645 e frequência de 50.4%. O fator <mencionado mais de uma vez> com peso relativo de 0.619 e frequência de 62.5%. Em contrapartida, o fator <primeira menção> desfavorece o uso de sujeito nulo, com peso relativo de 0.276 e frequência de 10.3%. Dessa maneira, confirma-se a hipótese de que o sujeito mencionado previamente condiciona o apagamento do sujeito no kristang. A semelhança de pesos entre uma única referência prévia e uma sequência de referências prévias vem sublinhar o que foi avançado por Frascarelli e Consentini (2019). Quando a primeira menção constitui um tópico novo, ela vai servir de âncora para licenciar o *pro*-nulo e, à sua vez, o *pro*-nulo vai permitir instâncias sequenciais de *pro*-nulo representando o mesmo tópico numa cadeia referencial. Noutras palavras, o ouvinte vai se servindo de uma referência anterior que introduziu o sujeito, bem identificado, e os casos subsequentes, nulos, vão sendo associados a essa primeira referência. Quando se trata de uma primeira menção é esperado que o sujeito esteja realizado para que o interlocutor possa identificar a referência do novo tópico plenamente.

Acarga referencial dependeria de fatores estruturais do tipo tratado pelas variáveis <tipo de frase> e <localização estrutural em relação ao antecedente>, e notavelmente de fatores semântico-pragmáticos, como a possibilidade de o referente do sujeito ter desempenhado outros papéis temáticos no discurso anterior além daquele de sujeito, como se pode apreciar no exemplo seguinte:

- (4) *Nus sà jenti ki ja olá, e(li) ja bai judá kù eli.*
 P4 POSS gente REL AP olhar, P3 AP ir ajudar AC P3

Ø *Ja tirá riba, tera, mas Ø ja mure.* [SAVM19]

P3 AP tirar acima, terra, CONJ P3 AP morrer

‘Nossa gente que olha, ela ajudou **ele**. (**Ele**) tira acima, terra, mas (**ele**) morreu.’

5.2.2 Forma da referência anterior

Esta variável foi estruturada em três fatores:

- (i) A referência anterior sendo um SN

- (5) *Yo sa abo ja moré, Ø ja largá aké chang kù*
 P1 POSS avó AP morrer, P3 AP deixar DEM chão PREP

sa familia, dozi familia. [THEF40]

POSS filhos, NUM filhos.

‘**Minha avó** morreu, (**ela**) deixou a terra com seus filhos, doze filhos.’

- (ii) A referência anterior sendo um pronome

- (6) *Ka(bá) e(li) ta fika kù Mendes tan tempu,*
 ADV P3 PROG tornar-se PREP Mendes QUANT tempo

e(li) ja da aké chang ku Mendes. [THEF40]

P3 AP dar DEM chão D Mendes.

‘Então, **ela** ficava com Mendes muito tempo, **ela** deu a terra ao Mendes.’

- (iii) A referência anterior sendo um sujeito nulo

- (7) *E: kora bos krensa naki, ki nasang bringku bolotu bringká?*
 E: ADV P2 criança ADV CONJ tipo brinquedo P5 brincar

‘Quando você era criança aqui, que tipo de brinquedo vocês brincavam?’

I: *Nasang nasang di brinku, Ø lo bringká <turut>*

Todos os tipos PREP brinquedo P4 FUT brincar esconde-esconde

Ø lo bringká bola. Ø lo bringka piang,

P4 FUT brincar bola. P4 FUT brincar pião

Ø lo bringká goli... [THEF40]

P4 FUT brincar gude...

‘Todos os tipos de brinquedo, (nós) brincamos de esconde-esconde [R: hm] (nós) brincamos de bola. (Nós) brincamos de pião, (nós) brincamos de gude.’

A tabela 5 apresenta os resultados do efeito da variável **forma da referência anterior** que revelam que os antecedentes <Nulo> favorecem bastante o uso do *pro-nulo*, com peso relativo de 0.759 e frequência de 80.5%. A referência anterior por meio de <SN> favorece levemente o uso do sujeito nulo com peso relativo de 0.530 e frequência de 61.2%, enquanto que a referência anterior por <Pronome> desfavorece, com peso relativo de 0.348 e frequência de 41.3%.

Tabela 5 - Efeito da forma da referência anterior ao sujeito sobre o sujeito nulo

Forma de referência anterior	Sujeito Nulo	Peso Relativo
SN	189/307 61.2%	0.530
Pronome	845/2047 41.3%	0.348
Nulo	877/1090 80.5%	0.759

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

Esses resultados apontam para o papel do que se poderia chamar de ‘força de recuperabilidade do referente’. Quando o sujeito antecedente é representado por pronome nulo, entendemos que o sujeito nulo subsequente é licenciado com base na força de identidade do *pro-nulo* prévio. Conforme o resultado registrado na Tabela 5, é viável assumir que, no kristang, um *pro-nulo* tem a mesma referência do que o *pro-nulo* precedente, o que vem

ratificar o que foi comentado a respeito da variável <referência anterior ao sujeito> e as colocações de Franscarelli e Consentini (2009).

Naturalmente, um SN prévio pode fornecer identificação suficiente para permitir um *pro-nulo* subsequente. Portanto, à primeira vista, os resultados para este fator poderiam parecer estranhos. A presença de um SN prévio poderia ou não envolver a introdução de um referente novo, ou seja, um tema novo, uma mudança de tema. Uma referência não suficientemente clara poderia ser retomada por meio do pronome fonético, enquanto que a referência clara permitiria o *pro-nulo*. De maneira semelhante, interpretamos o resultado do antecedente pronominal, desfavorável ao *pro-nulo*, como um indício de que poderiam ocorrer dificuldades de identidade, por exemplo devido ao grau de menções prévias, ou a alguma falta de clareza na referência no caso dos pronomes de 3^o pessoa, ou à localização do referente prévio na estrutura. Contudo, é importante ter em mente que a localização do referente anterior também incide sobre esses casos.

O perfil apresentado na Tabela 5 relembra os resultados obtidos por Cruz, Furest e Sánchez (2016) com dados do espanhol, e por Lucchesi (2009, p.180) na sua análise do sujeito pronominal nulo no Português Afro-Brasileiro, uma variedade com flexão verbal muito reduzida. No estudo de Lucchesi, o pronome nulo é favorecido quando há um referente nulo na oração anterior, levemente favorecido quando o referente anterior é um SN, mas, diferente do que se observa no kristang, o referente anterior pronominal não exerce efeito. Reportando esse perfil, Lucchesi lança mão do conceito de *paralelismo formal*, proposto por Scherre e Naro (1993): uma tendência a se manter um mesmo padrão de marcação em orações que esteja, na mesma sequência, conservando o mesmo referente. Contudo, nos perguntamos por que haveria um paralelismo formal apenas relevante para o pronome nulo? Pensamos que pode haver uma explicação alternativa mais simples, no sentido de que o pronome nulo representaria os sujeitos com referentes amplamente identificáveis.

5.2.3 Função discursiva da frase

Na análise dessa variável foram considerados seis fatores: nessa variável o fator <Resposta epistêmica> foi excluído por conter um total inferior a 30 dados.

(i) Interrogativa

(8) I: *Oiteru bandera* Ø *ngka bai ola riba?* [STAF70]

Festa de São Pedro P2 NEG ir olhar ADV
 ‘Festa de São Pedro (**você**) não vai lá em cima olhar?’

E: *Nenang*

NEG

‘Não.’

(ii) Afirmativa

(9) *Yo ta bizá yo sa irmang ku irmang.* [CRUF75]

P1 PROG observar P1 POSS irmãos

‘Eu estou olhando meus irmãos.’

(iii) Resposta a uma pergunta QU- (*Wh- Questions*)

(10) E: *Aké tempu kora bos krensa, kora ta bringka*

DEM tempo ADV P2 criança, ADV PROG brincar

akí kù bos sa kambradu kambradu,

ADV PREP P2 POSS amigos

ki nasang bringku bos bringká?

CONJ tipo brinquedo P2 brincava?

‘Aquele tempo quando você era criança, quando brincava aqui com seus amigos, que tipo de brincadeira você brincava?’

I: *Nus bringká getak* [THEF40]

P4 brincar elástico de borracha

‘Nós brincávamos de elástico de borracha.’

(iv) Resposta a pergunta direta do tipo *YES/NO question*

(11) E: *Bos sempri fiká naké naké kaza?*

P2 ADV ficar PREP+DEM casa

‘Você sempre fica naquela casa?’

I: *Ah, di keninu sampe grandi Ø fiká naki* [SAVM19]

EXCL PREP pequeno ADV grande P1 ficar ADV

‘Ah, desde pequeno até grande (**eu**) fico aqui.’

(12) E: *Mas aké chang, olotu ja bendé kù Mendes?*

CONJ DEM chãõ, P6 AP vender D Mendes

‘Mas aquela terra, eles venderam ao Mendes?’

I: *Ngka! Ø Ngka vendé kù Mendes.* [THEF40]

NEG P6 NEG vender D Mendes

‘Não! (Eles) não venderam ao Mendes.’

(v) Negativa

(13) *Nus irmang ku irmang papia kristang*

P4 irmão PRE irmão falar kristang

Ø *ngka papia ropianu* [BENF29]

P6 NEG falar inglês

‘Nossos irmãos falam kristang, (eles) não falam inglês.’

Os resultados desta variável estão apresentados na tabela 6.

Tabela 6 - Efeito da função discursiva da frase sobre o sujeito nulo

Tipo de sentença	Sujeito Nulo	Peso Relativo
Interrogação	21/68 30.9%	0.538
Afirmativa	1608/4249 37.8%	0.490
Resposta a uma pergunta QU- (<i>Wh-Questions</i>)	84/248 33.5%	0.348
Resposta a pergunta direta do tipo <i>YES/NO question</i>	97/163 59.5%	0.632
Negativa	297/656 45.3%	0.584

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

O perfil desta variável revela que os tipos de enunciados que requerem significativa clareza de referência geralmente desfavorecem um sujeito nulo. Por um lado, uma pergunta do tipo WH solicita uma resposta que requera introdução de um referente novo, portanto a resposta é medianamente desfavorável ao sujeito nulo, com um peso relativo de 0.348. Por outro lado, a afirmação, que registra um peso relativo levemente desfavorável, de 0.490, pode introduzir um referente novo e, portanto, requer a presença do sujeito fonético, ou pode representar um referente já introduzido que ocorre com sujeito nulo ou não. O estudo de Pešková (2013, p.132-133) já apontava para essa direção, mostrando que os sujeitos realizados tendem a aparecer mais em sentenças interrogativas (WH e interrogativas absolutas) do que em declarativas, enquanto que a afirmação introduz um referente novo e representa referentes já introduzidos. Relativamente ao resultado das interrogativas, acredita-se que o leve favorecimento se explica pela possibilidade de a interrogativa focar um referente já conhecido.

Uma resposta a uma pergunta sim-não, e a negação de uma afirmação contém confirmação ou rejeição de informações já fornecidas. Assim, o favorecimento mediano do *pro*-nulo em uma resposta a uma pergunta sim-não, com peso relativo de 0.632, parece lógico, tendo em conta que o falante poderia também preencher o sujeito com uma forma fonética. O resultado na negação, medianamente favorável ao sujeito nulo, com um peso relativo de 0.584, segue a mesma lógica, pois se trata de negação de uma afirmação prévia.

5.2.4 Localização em relação ao antecedente

Com esta variável buscou-se observar se o encadeamento sintático condiciona a variável dependente. Para esta análise, o grupo foi estruturado levando em conta doze fatores: dos quais nessa variável os fatores <2ª oração assindética >, <3ª oração assindética em diante>, <2ª coordenada sindética>, <3ª coordenada sindética em diante>, <principal posposta à subordinada em que está o antecedente>, <adverbial (antecedente na principal) >, <relativa (antecedente na principal)> foram excluídos por apresentar um total inferior a 30 dados. Sendo assim, para esta variável foram contemplados os cinco fatores que seguem:

i) Sem encadeamento sintático

(14) *Isti agora, sibrisu mas lebi, di aké tempu.*

DEM ADV, trabalho ADV leve, PREP DEM tempo

Aké tempu nus fai tantu, mastantu sibrisu. [THEF40]

DEM tempo P4 fazer QUANT ADV+QUANT trabalho

‘O trabalho agora é mais leve do que naquele tempo. Aquele tempo **nós** fazíamos muito, muito mais trabalho.’

ii) Outro período

(15) *Yo fai sibisu assistant store koper.*

P1 fazer trabalho assistente logista

Ø Ja bai sibisu konta di ungua anu. [THEM71]

P1 AP ir trabalho conta PREP NUM ano

‘Eu trabalhei como assistente de loja. (**Eu**) trabalhei por um período de um ano.’

iii) 1ª oração assindética

(16) *Nus fika juntado, Ø ngka kazá.* [SILF39]

P4 ficar juntos, P4 NEG casar.

‘Nós ficamos juntos (**mas**) (**nós**) **não casamos.**’

iv) 1ª coordenada sindética

(17) *Nus papiá malayu kù olotu.*

P4 falar malaio PREP P6

Mas nus prendé tudu na ropianu. [THEF40]

CONJ P4 aprender QUANT PREP inglês

‘Nós falamos malaio com eles. **Mas nós aprendemos tudo em inglês.**’

v) Completiva

(18) *Eli fala eli ja fai sibrisu ungua tempu na ospial.* [SILF39]

P3 falar P3 AP fazer serviço NUM tempo PREP hospital

‘**Ele** disse que **ele** trabalhou um tempo no hospital.’

(19) *Yo lembra eli ja pari na Malaca.* [KATHF22]

P1 lembrar P3 AP nascer PREP Malaca

‘**Eu** lembrei que **ele** nasceu em Malaca.’

Tabela 7 - Efeito da Localização em relação ao antecedente sobre o sujeito nulo

Localização em relação ao antecedente	Sujeito Nulo	Peso Relativo
Em outro período (= período claramente marcado por pausa) ¹³	1719/3122 55.1%	0.527
Sem encadeamento sintático	176/1768 10.0%	0.441
Na primeira oração assindética (= primeira oração justaposta dentro do mesmo período)	114/167 68.3%	0.727
1° coordenada sindética	35/135 25.9%	0.380
Completiva	64/193 33.2%	0.480

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

Nos resultados apresentados na tabela 7, o fator mais favorável ao apagamento do sujeito é a localização do antecedente na primeira oração assindética, com peso relativo de 0.727 e frequência de 68.3%. Em contrapartida, verifica-se que o apagamento é desfavorecido quando se trata do sujeito da primeira coordenada sindética, com peso relativo de 0.380 e frequência de 25.9%. Neste caso, assumimos que a presença da conjunção coordenativa interfere na recuperação da referência na sequência de tópicos.

Quando as orações antecedentes estão em outro período, revela-se um resultado bem leve, com peso relativo de 0.527 e frequência de 55.1%. Na falta de um encadeamento sintático, registra-se um valor próximo do ponto neutro, com peso relativo de 0.441. Nas orações completivas (estando o antecedente na oração matriz) o apagamento é levemente desfavorecido e registra-se um valor próximo do ponto neutro, com peso relativo 0.480. Neste caso, o encaixe sintático deve neutralizar a possibilidade de licenciar o *pro*-nulo, pois a referência nesses casos tanto podia ser idêntica ao sujeito da matriz como podia envolver uma entidade diferente, levantando dificuldade para a identificação do referente.

¹³ Neste caso, conforme a transcrição, trata-se de uma pausa acompanhada de uma entonação que marca o fim de um período. Na transcrição, esta pausa é diferenciada da pausa que ocorre antes da primeira oração assindética, que é mais breve e não precedida da entoação que marca o fim de um período.

5.2.5 Tipo de verbo

Com essa variável objetivou-se analisar se o caráter semântico-sintático do verbo da sentença em análise influencia ao apagamento do sujeito em kristang. Esta variável está estruturada em 6 fatores, exemplificados a seguir:

i) Verbo de movimento

(20) Ø *bai aké lugá di faze aros.* [FERF67]

P6 ir DEM lugar PREP fazer arroz.

‘Eles **vão** naquele lugar de fazer arroz.’

ii) Verbo modal

(21) Ø *keré papiá ku eli.* [THEF40]

P4 querer falar PREP P3

‘(Nós) **queremos** falar com ele.’

iii) Outro verbo – verbo não contemplado nas outras classes

(22) *Yo ja parí na isti bairu.* [SAVM19]

P1 AP nascer PREP DEM bairro

‘Eu **nasci** neste bairro.’

iv) Verbo de percepção

(23) *Yo ja olá yo sà kambradu na skada* [NUNM20]

P1 AP olhar P1 POSS amigos PREP escada

‘Eu **olhei** meus amigos na escada.’

v) Verbo epstêmico

(24) *Yo lembrá aké tempu.* [ASTM61]

P1 lembrar DEM tempo

‘Eu **lembro** daquele tempo.’

vi) Verbo *discendi*

(25) Ø ja **falá** isorti. [FELF41]

P3 AP falar assim

‘(Ela) falou assim.’

Tabela 8 - Efeito do tipo de verbo sobre o sujeito nulo

Tipo de verbo	Sujeito Nulo	Peso Relativo
modal ($V_{\text{modal}}+V$)	298/624 47.8%	0.591
de movimento	363/846 42.9%	0.536
Outro (= verbos que não são das outras classes)	1126/2787 38.1%	0.492
de percepção	61/193 31.6%	0.450
epistêmico	89/324 27.5%	0.442
<i>dicendi</i>	170/617 27.6%	0.439

Loglikelihood = -2711.909 Significance = 0.033

Os resultados revelam apenas dois grupos favoráveis ao sujeito nulo: os verbos modais em estruturas $V_{\text{modal}}+V$ (peso relativo 0.591 e frequência de 47.8%), e os verbos de movimento (peso relativo 0.536 e frequência de 42.9%). Os verbos da classe Outro registram um valor próximo do ponto neutro. Por outro lado, nota-se um desfavorecimento leve da parte dos verbos de percepção (peso relativo 0.450), epistêmicos (peso relativo 0.442), e *dicendi* (peso relativo 0,439), todos promovendo a presença do pronome sujeito. Estes resultados relembram os perfis de variação registrados em estudos variacionistas sobre o *pro-drop* em variedades de espanhol latino-americano (Orozco, 2016, p.6-7). O resultado registrado pelos verbos de percepção confirma a presença na gramática do *kristang* do comportamento diferencial comum nesses trabalhos. Os resultados registrados pelos verbos de movimento, favoráveis ao *pro-drop*, e dos *dicendi* e epistêmicos desfavoráveis, encontram paralelos nas variedades de espanhol estudadas por Travis (2007) e Pešková (2013). A perspectiva de Travis (2017) relativamente ao favorecimento do pronome sujeito por parte dos verbos epistêmicos, que expressam a opinião do sujeito e onde a presença do pronome sujeito parece sublinhar o papel do sujeito na expressão dessa opinião, pode ser aplicada também ao comportamento dos verbos *dicendi* que também são verbos assertivos.

À primeira vista, o favorecimento do *pro-nulo* pelos verbos modais chama a atenção, mas esse resultado terá a ver com o seu papel em respostas a perguntas diretas que exigem

uma confirmação, como no exemplo (26). Efetivamente, uma tabulação cruzada revela uma co-ocorrência de 73% entre esses dois fatores¹⁴.

(26) E: *Bos rezá ungua orsang, olotu mpodi toká kù bos?* [THEF40]
 P2 reza NUM oração P6 NEG+poder tocar PREP P2
 ‘Você reza uma oração, eles não podem tocar você?’

I: \emptyset *Mpodi toká kù yo*
 P6 NEG+poder tocar PREP P1
 ‘(Eles) não podem tocar em mim.’

Grosso modo, a variável <tipo de verbo>, embora selecionada, não se revela ser muito importante para explorar os efeitos do verbo sobre o uso do pronome sujeito, pelo menos nos moldes da configuração utilizada na presente análise. Na nossa ótica, a variável merece uma futura investigação mais apurada, contemplando diferentes classificações, por exemplo, classificando os verbos em termos do aspecto lexical, ou em termos do papel semântico dos seus sujeitos, ou também avaliando um cruzamento entre classe de verbo e pessoa-número do sujeito.

5.2.6 Presença de marcador TMA

Para a análise dessa variável, foram avaliados quatro fatores correspondendo aos quatro marcadores de TMA nesta língua: os três marcadores fonéticos e um marcador zero. Estes fatores podem ser melhor visualizados a partir dos exemplos abaixo:

i) lo(gu) (tempo-modo futuro)

(27) *Ungua bela lo bai. \emptyset Lo bai fala ku nus sa pai mai.* [STAF70]
 NUM velha FUT ir. P3 FUT ir falar PREP P4 POSS pais
 ‘Uma velha irá. (Ela) irá falar com nossos pais.’

¹⁴ Os dados da tabulação cruzada entre os fatores verbos modais e respostas a perguntas diretas podem ser melhor visualizados no Apêndice A.

ii) *ja* (*aspecto perfectivo*)

(28) \emptyset *Ja nasé na Padri sa Chang* . [THEF40]

P1 AP nascer PREP Padri sa Chang

‘(Eu) nasci em Padri sa Chang.’

iii) *ta* (*aspecto não pontual*)

(29) *Yo ta fala ungua stori*. [COSM39]

P1 PROG falar NUM estória

‘Eu contava uma estória.’

iv) \emptyset (*aspecto contínuo*)

(30) *Eli \emptyset da binti sen* [FELF41]

P3 \emptyset dar NUM centavos

‘Ele deu/costumava dar vinte centavos.’

A Tabela 9 apresenta os resultados da análise do efeito da presença de marcador de tempo-modo-aspecto sobre a realização do sujeito pronominal.

Tabela 9 - Efeito da presença de marcador de TMA sobre o sujeito nulo

Marcador de TMA	Sujeito Nulo	Peso Relativo
\emptyset (<i>aspecto contínuo</i>)	1461/3913 37.3%	0.473
<i>ta</i> (<i>aspecto progressivo</i>)	80/232 34.5%	0.501
<i>ja</i> (<i>aspecto perfectivo</i>)	432/978 44.2%	0.550
<i>lo(gu)</i> (<i>tempo-modo futuro</i>)	137/275 49.8%	0.615

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

O perfil da variável revela que estamos perante dois marcadores favoráveis ao sujeito nulo: o marcador *lo(gu)* indica tempo-modo futuro com peso relativo de 0.615 e frequência de 49.8%, e o marcador de aspecto perfectivo, *ja*, com peso relativo de 0.550 e frequência de 44.2%.

Em contrapartida, o marcador *ta*, de aspecto progressivo, registra um peso relativo de 0.501, justo acima do ponto neutro, e frequência de 34.5%, enquanto que o marcador \emptyset desfavorece levemente o uso do sujeito nulo, com peso relativo de 0.479 e frequência de 37.3%.

Os resultados reportados para *lo(gu)* e *ja* podem ser explicados parcialmente pelo fato de que os valores de tempo e aspecto representados por estes marcadores estariam mais diretamente relacionados com os temas centrais e atores na narrativa, a parte geralmente referida como FOREGROUND. O marcador *ja*, tem uma função única, marcando a perfectividade de verbos ativos. Nesse sentido, pode-se dizer que os resultados relembram as afirmações de Silva-Corvalán (1997), relativamente à relação entre valores TMA e a estrutura do discurso, na orientação do *pro-drop*.

Por um lado, o marcador *ja*, tem uma função única, marcando a perfectividade de verbos ativos. Por outro lado, embora o marcador de tempo futuro *lo(gu)* possa também representar um valor de habitual condicional, no nosso corpus, é praticamente exclusiva a representação do valor de tempo futuro, e nesse papel ele marca verbos ativos. Na interpretação do resultado favorável ao sujeito nulo, seguimos as perspectivas de Depraetere (1996, p.715) e Bardovi-Harlig (2000, p.416) sobre o tempo passado e o tempo futuro. Observamos que, em contraste com outros pesquisadores, como Givón (1983), Depraetere (1996), considera o tempo futuro como protípico do FOREGROUND (embora também possa atribuir ao BACKGROUND). Para Bardovi-Harlig (2000) no discurso, o verbo no passado compreende uma coincidência de dois fatores, o tempo-momento de referência e o evento, anteriores ao momento de fala, por outro lado, o verbo no futuro também, o tempo-momento do evento e o tempo-momento de referência coincidem, mas ocorrem depois do momento de fala. Como hipótese para uma futura investigação sugerimos que as ocorrências de *lo(gu)* seriam com verbos associados aos atores e tópicos centrais ao discurso, com sujeitos já introduzidos previamente. Em resumo, os dois marcadores *ja* e *logu* parecem ajudar na recuperação da referência do sujeito.

No caso dos marcadores \emptyset e *ta*, os resultados registrados podem refletir uma certa opacidade de funções aspectuais e temporais que não estariam tão diretamente associados a verbos centrais ao discurso. Efetivamente, esses marcadores representam valores aspecto-

temporais geralmente associados ao BACKGROUND do discurso (BARDOVI-HARLIG, 2000); AYOUN e SALABERRY, 2005).

A ausência do marcador de TMA numa oração em kristang permite duas leituras aspectuais do verbo: perfectiva e habitual/contínua. Além disso, a leitura habitual/contínua é transparente para o tempo, cabendo em contextos de passado ou presente. Por sua parte, o marcador *ta* é transparente para os tempos presente e passado.

5.3 VARIÁVEL EXLINGUÍSTICA

5.3.1 Faixa etária do falante

A variável faixa etária mostra a possibilidade de realizar um estudo em tempo aparente para perceber se na comunidade há variação estável ou uma mudança em curso, por isso ela tem um espaço importante nas análises sociolinguísticas. A variável faixa etária do falante mostra que o kristang pode ter sido mais orientado para NS no passado, embora esses resultados tenham se mostrado timidamente.

Observando os resultados, a ausência do pronome sujeito parece diminuir em relação direta à idade do falante onde se pode observar que os informantes da faixa 3 (faixa dos mais velhos) apresentam peso relativo de 0.524 para o apagamento do sujeito, informantes da faixa 2 apresentaram peso relativo de 0.506 e os informantes da faixa 1 apresentaram peso relativo de 0.470. O que se pode verificar é que a medida que se vai decrescendo para as faixas mais jovens o uso do sujeito nulo tende a diminuir, embora de forma bem leve.

A análise quantitativa dos dados pode ser vista na tabela 10:

Tabela 10 - Efeito da faixa etária sobre o sujeito nulo

Faixa etária	Sujeito Nulo	Peso Relativo
1	664/1800 36.9%	0.470
2	657/1800 36.5%	0.506
3	791/1800 43.9%	0.524

Log likelihood = -2711.909 Significance = 0.033

Pode haver boas razões sociolinguísticas para essa diferença: a comunidade atual, onde residem apenas crioulos, foi constituída na década de 1930, para abrigar membros pobres da comunidade que viviam principalmente em casas precárias nas áreas à beira-mar de Banda Hilir, mas também em locais espalhados pela cidade. Na área de Banda Hilir, os crioulos viviam em uma situação etnicamente mista, ao lado de chineses baba (principalmente) e malaios. A comunidade chinesa falou Hokkien e Baba Malay, a sua própria variedade de malaios (TAN, 1980; LEE, 2014). Além disso, desde o século XVIII, houve uma incorporação notável de elementos chineses (Baba) na comunidade crioula por meio da conversão ao cristianismo (os convertidos recebendo nomes e sobrenomes em português) e do casamento. O declínio no sujeito nulo indicado nos resultados também pode estar relacionado ao processo de ‘encolhimento’ o qual a língua vem passando – a transmissão geracional está falhando e a língua malaia e o inglês estão penetrando cada vez mais no sociocultural dos crioulos, o inglês, língua não *pro-drop*, passando a ser a língua dominante no seu repertório linguístico (BAXTER, 2005, 2012). Essa situação gera efeitos de diluição e enfraquecimento no que diz respeito à integridade gramatical do kristang.

5.4 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARBX COMO ESTATISTICAMENTE RELEVANTES PARA O APAGAMENTO DO SUJEITO EM KRISTANG

Embora essas variáveis não tenham sido selecionadas pelo programa, elas apresentaram aspectos relevantes a serem comentados.

5.4.1 Pessoa do discurso

A variável independente **pessoa do discurso**, embora tenha sido rejeitada revela perfil interessante. Na análise dessa variável foram considerados cinco fatores, os quais podem ser melhor visualizados a seguir:

i) 1ª pessoa singular

(31) *Yo ja achá ngua sibrisu na municipal* [LOWM46]

P1 AP encontrar NUM serviço PREP Prefeitura

‘Eu encontrei um serviço na Prefeitura.’

ii) 2ª pessoa singular

(32) *Bo(s) nggé fai sibisu.* [ASTM61]

P2 querer fazer serviço

‘Você quer fazer serviço.’

iii) 3ª pessoa singular

(33) *Eli ja bai mar.* [DANM45]

P3 AP ir mar

‘Ele ia no mar.’

iv) 1ª pessoa plural

(34) *Nus bringka tapolu* [SILF39]

P4 brincar esconde-esconde

‘Nós brincamos de esconde-esconde.’

v) 3ª pessoa plural

(35) *(olo)tu ta lemrá sà tradisang.*[LAZM27]

P6 PROG lembrar POSS tradição

‘Eles lembravam suas tradições.’

A tabela 11 apresenta os resultados registrados quando o efeito da variável é testado independentemente:

Tabela 11 - Efeito da pessoa do discurso sobre o sujeito nulo – variável não selecionada

Pessoas do Discurso	Sujeito Nulo	Frequência	Peso Relativo
P1	746/1854	40.2%	0.513
P6	255 /721	35.4 %	0.461
P3	581/ 1285	45.2 %	0.563
P4	454/ 1237	36.7%	0.475
P2	75/ 294	25.5%	0.349
P5	-	-	-

Log likelihood = -3587.755 Significance = 0.000 no nível 1 do STEPUP

O fator com maior frequência ao sujeito nulo é P3. O perfil sugere que ele tenha uma frequência moderadamente favorável ao nulo - se houver um sujeito nulo, as chances são de que ele será de P3. P1 e P2 são os principais participantes da conversa e o uso do pronome nulo é fortemente sustentado de forma pragmática com frequências de 40.2% e 25.5% respectivamente. P4 e P6 apresentam frequências de apagamento bem próximas, mas ocorrem principalmente com o pronome fonético. A distância entre os pesos dos pronomes singulares, por um lado, e P4 e P6 pode sugerir que, para expressar o plural, um pronome sujeito explícito é provável. P6 apresenta uma das menores frequências quanto ao apagamento do sujeito. Isso vai contra uma das afirmações de Neeleman e Srendöi (2015) que propõem que uma língua só permite *pro-drop* radical se seus pronomes pessoais manifestam aglutinação morfológica, para caso ou alguma outra característica nominal. Portanto, nas línguas que não têm um paradigma pronominal aglutinante, a omissão de pronomes é possível, mas mediante uma concordância verbal rica. O kristang apresenta um grau de aglutinação no pronome, no contraste entre o pronome singular e plural de terceira pessoa – *eli* ‘ele/ela’ e *olotu* (*elo t(r)u*) ‘eles/elas’ (>*eli+otru*). Dessa forma esperava-se, de acordo Neeleman e Srendöi (2015), que a P6 apresentasse maior frequência quanto ao apagamento do sujeito.

5.4.2 Referência anterior por turno

Na análise dessa variável foram considerados dois fatores, os quais podem ser melhor visualizados a seguir:

i) Mesmo turno

(36) *Yo beng di skola mídia, Ø bai bendê kukis ati atadi.* [PAUM63]

P1 ir PREP escola ADV, P1 ir vender bolo PREP ADV

‘Eu chegava da escola meio dia e ia vender biscoitos até a tarde.’

ii) Em outro turno

(37) E: *Bos sà mai kantu sà idadi?*

E: P2 POSS mãe ADV POSS idade

‘Qual a idade da sua mãe?’

I: *Eli ja muré.* [FELF41]

I: P3 AP morrer

‘Ela já morreu.

A tabela 12 apresenta os resultados obtidos quanto o efeito da referência anterior por turno.

Tabela 12 - Efeito da referência anterior por turno sobre o sujeito nulo – variável não selecionada

Referência anterior por turno	Sujeito Nulo	Frequência	Peso Relativo
Mesmo turno	1734/3105	55.8%	0.505
Outro turno	166/328	50.6%	0.453

Log likelihood = -3427.992 Significance = 0.000 no nível 1 do STEPUP

De acordo com Cruz, Furest e Sánchez (2016) a mudança de turno é um motivador para preencher a posição do sujeito, enquanto que a continuação do discurso do mesmo falante tende a favorecer ao apagamento do sujeito. Os resultados obtidos no corpus, embora tímidos, seguem a tendência defendida por Cruz, Furest e Sánchez (2016), com referências no mesmo turno manifestando uma frequência de 55.8%, enquanto que a mudança de turno apresenta frequência de 50.6%.

5.4.3 Sexo do falante

A variável sexo tem mostrado nos diversos estudos sociolinguísticos que homens e mulheres apresentam comportamentos linguísticos diferenciados. Para avaliar tais comportamentos faz-se necessário considerar a comunidade de fala em estudo, pois o que determinará o comportamento linguístico e social de homens e mulheres é o contexto sociolinguístico-cultural e os papéis desempenhados por esses na comunidade de fala que vivem. A análise quantitativa dos dados registrou uma frequência de 42.0% de apagamento do sujeito por mulheres e 36.3% para homens. Esses resultados nos levam a perceber uma maior frequência das mulheres em apagar o sujeito como pode ser melhor visualizado na tabela 13:

Tabela 13 - Efeito do sexo do falante sobre o sujeito nulo – variável não selecionada

Sexo	Sujeito Nulo	Frequência	Peso Relativo
Feminino	1133/2700	42.0%	0.530
Masculino	979/2700	36.3%	0.470

Log likelihood = -3604.683 Significance = 0.000 no nível 1 do STEPUP

Os estudos sociolinguísticos das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, por exemplo, apontam para a liderança dos homens em relação a mudança (LUCCHESI, 2009, p. 181). Se observarmos os resultados obtidos na variável faixa etária do falante, iremos perceber que a medida que a faixa etária decresce, o uso do apagamento do sujeito tende a diminuir. Portanto, esses resultados poderiam indicar que os homens estão a frente das mulheres no que tange a questão da mudança. Por outro lado, o resultado registrado aqui pode estar relacionado à natureza da variável dependente, um fenômeno que não parece estar estigmatizado socialmente.

5.5 SÍNTESE

Os resultados da análise do condicionamento da variável em estudo revelaram que o sujeito nulo em kristang é orientado por diversos fatores que ajudam na identificação do referente do sujeito. A forma da menção prévia em termos do que se poderia chamar de proeminência, medida pela frequência de menções prévias, a forma morfossintática da referência prévia e a localização estrutural do *pro*-nulo relativamente ao seu sujeito antecedente. Além disso, a função discursiva da frase é significativa em orientar a identificação do referente, conforme a natureza do sujeito tópico, se é informação já compartilhada com o interlocutor ou se é informação nova, um tópico novo. Outros fatores orientadores do sujeito nulo foram o marcador TMA, que ajuda na identificação dos eventos associados ao sujeito que ocorre em sequências de eventos na narrativa, e o próprio tipo de verbo. Relativamente às variáveis independentes extralinguísticas propostas como potenciais condicionadores do sujeito nulo, apenas a faixa etária se revelou significativa, apontando para o possível declínio do uso do sujeito nulo na faixa etária jovem, e levantando a hipótese da influência do inglês nesse cenário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, buscou-se investigar e descrever as condições estruturais, discursivas (pragmáticas) e extralinguísticas que permitam pronomes sujeitos nulos no kristang. Os resultados obtidos na análise do corpus contemplado demonstraram uma preferência pelo uso do sujeito realizado, sem dispensar totalmente o uso do sujeito nulo. Esses resultados contradizem a postura de Nicolis (2008), em relação ao *pro-drop* em línguas crioulas, de que a ausência de morfologia de concordância verbal sustenta a ideia de que uma língua crioula não deve permitir sujeitos nulos referenciais, uma vez que o pronome referencial não pode ser licenciado para identificação. O kristang não tem rica flexão verbal, uma das características fundamentais de línguas de sujeito nulo propostas por Rizzi (1986) e não admite inversão livre de sujeito e verbo. Por outro lado, o kristang tem sujeitos nulos referenciais, tem pronomes expletivos obrigatoriamente nulos e permite extração do sujeito da cláusula incorporada (ausência do efeito That-T), embora a extração ocorra mais frequentemente sem a presença do complementador.

Portanto os resultados apontam para um sistema de *pro-drop* parcial. Em kristang, a identificação do referente do sujeito é recuperada por vários meios. Esse resgate depende da possibilidade de rastrear a primeira menção do sujeito, por meio da frequência de menções prévias, pela forma da menção prévia, pela localização estrutural do antecedente relativamente ao *pro*-nulo em foco, e pela função discursiva da sentença.

Regra geral, pode-se dizer que se entende o *pro*-nulo como representante de continuidade de tópico. Ou seja, assume-se que não houve mudança de sujeito. Por isso, não há lugar para ambiguidade de interpretação. Se se contempla a perspectiva do interlocutor, o ouvinte vai se servindo de uma referência anterior que introduziu o sujeito, bem identificado, e os casos subsequentes, nulos, vão sendo associados a essa primeira referência. Sendo assim, quando se trata de uma primeira menção é esperado que o sujeito esteja realizado para que o interlocutor possa identificar a referência do novo tópico plenamente.

Contudo, observou-se nas análises que a referência do sujeito não depende unicamente dos traços semântico-sintático do Tópico-A, porque há a possibilidade de o referente do sujeito ter desempenhado outros papéis temáticos no discurso anterior além daquele de sujeito. Essa consideração será importante para futuras pesquisas, pois a identidade do referente do sujeito pode ser recuperada de outros elementos no discurso. Nesse sentido, chama-se a atenção para o papel do tipo de verbo, pois por exemplo um verbo transitivo poderia, por meio de um complemento que contém um SN que se refere a uma entidade

associada normalmente ou naturalmente ao sujeito da predicação, poderia orientar a identificação do sujeito. Também se viu nos resultados o efeito do marcador TMA, que condicionou o *pro*-nulo, um fato que foi explicado pela relação entre os eventos centrais no discurso que avançam a narrativa, o foreground, eventos que estão associados à topicalidade. A relação entre o aspecto perfectivo e a proeminência dos eventos verbais no discurso é amplamente observada e confirmada em diversos estudos.

Os resultados revelam para o kristang a importância da interpretação do sujeito baseada na estrutura informacional do discurso, já que essa língua não possui mecanismos morfológicos associados ao nome ou ao verbo que facilitem o rastreamento. Nesse sentido, os fatos observados se ajustariam às perspectivas de Frascarelli e Casentini (2019) e Saito (2007) e sublinham a ideia de que o *pro-drop* no kristang, embora *pro-drop* parcial, tem características do *pro-drop* radical.

A maior preferência pelo uso do sujeito preenchido por falantes das faixas mais jovens (nesta amostra) que parece estar relacionada ao processo de ‘encolhimento’ que a língua vem exibindo, uma vez que a transmissão geracional está falhando e os crioulos estão assumindo o inglês, língua não *pro-drop*, como língua dominante e emblemática da identidade eurásiana (BAXTER, 2005, 2012).

A partir do presente estudo identificou-se a necessidade de realizar futuras pesquisas para explorar mais ainda o tema do sujeito nulo no kristang. Nesse sentido, salienta-se a necessidade de incorporar na configuração da análise fatores que digam respeito a diversos elementos da estrutura informacional do discurso, como por exemplo uma classificação dos verbos em termos de classe semântica contemplando o aktionsart (aspecto lexical), a extensão da noção de SN referente precedente para SNs em outras funções temáticas, a inclusão de SNs que representam entidades associadas tipicamente ao sujeito em foco, e a avaliação do efeito do root clause proposto por Frascarelli e Casentini (2019).

REFERÊNCIAS

ABOH, E.; DEGRAFF, M. A Null Theory of Creole Formation. In: ROBERTS, I (ed). *The Oxford Handbook of Universal Grammar*. Oxford University Press, p.1-67, 2017.

ADELAAR, A. K.; PRENTICE, D. J. Malay: its history, role and spread. In WURM, S. A.; MÜHLHÄUSLER, P.; TRYON, D. T. (Eds.) *Atlas of languages of intercultural communication in the Pacific, Asia and the Americas*. Stuttgart: Geocenter, p.673-693, 1996.

ALTAMIMI, Mansour Ibrahim. *Arabic pro-drop*. Dissertação de Mestrado, Eastern Michigan University, 614 p., 2015.

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. Primacy of aspect in first and second language acquisition: The pidgin/creole connection. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. (Eds.). *Handbook of second language acquisition*. San Diego, CA: Academic Press, v.2. 1996.

ARENDS, Jacques. The sócio-historical background of creoles. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter e SMITH, Norval (Ed.). *Pidgins and Creoles: na introduction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, p.15-24, 1995.

AYOUN, Dalila; Salaberry, Rafael. *Tense and Aspect in Romance Languages : Theoretical and Applied Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

AZUAGA, Luíza. Morfologia. In: Faria, Isabel Hub et al. (Orgs). *Introdução à lingüística geral portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.215-244, 1996.

BAKKER, P.; DAVAL-MARKUSSEN, A.; PARKVALL, M.; PLAG, I. Creoles are typologically distinct from non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, n. 26, v. 1, p. 5-42, 2011.

BAPTISTA, Marlyse. On the nature of the morpheme e in Cape Verdean Creole: To be or not to be. In: ZIMMERMANN, Klaus. *Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa*. Madrid: Biblioteca Ibero-Americana 66; Frankfurt: Vervuert, p.25-47, 1999.

BAPTISTA, Marlyse. *The syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

BAPTISTA, Marlyse. Cape Verdean Creole of Brava structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.
Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/31](http://apics-online.info/contributions/31). Acesso em: 10 out. 2020.

BARDOVI-HARLIG, K. *Tense and Aspect in Second Language Acquisition: Form, Meaning and Use*. Oxford: Blackwell, 2000.

BAXTER, Alan N. Creole Universals and Kristang (Malacca Creole Portuguese). *Papers in Pidgin and Creole Linguistics*, n.3, p.143-160, 1983.

BAXTER, Alan N. *A Grammar of Kristang: Malacca Creole Portuguese*. Canberra: Pacific Linguistics, 1988.

BAXTER, A.N. *Some observations on verb serialization in Malacca Creole Portuguese*. Lisboa: Boletim de Filologia, p.84-161, 1990.

BAXTER, Alan N. Um importante sincretismo no português crioulo de Malaca: a preposição multifuncional *ku*. In: CUNHA, Celine (ed.), *Miscelânea Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.15–33, 1995.

BAXTER, A. N. Portuguese in the Pacific and Pacific Rim. In: S.A. Wurm and P. Mühlhäusler (eds.), *Atlas of languages of intercultural communication in the Pacific, Asia and the Americas*. Stuttgart: Geocenter, p.299-338, 1996.

BAXTER, A. N. e SILVA, P. de. *A Dictionary of Kristang: Malacca Creole Portuguese – English*. Canberra: Pacific Linguistics, 2004.

BAXTER, A. N. Kristang (Malacca Creole Portuguese) – A long-time survivor seriously endangered language. *Estudios de Sociolingüística*, Santiago de Compostela, v.6, p.1-37, 2005.

BAXTER, Alan N. O português em Macau: contato e assimilação. In: CARVALHO, Ana M. (org.) *Português em contato*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, p.277-312, 2009.

BAXTER, A.N. Vestiges of etymological gender in Malacca Creole Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.25. n.1. p.120-154, 2010.

BAXTER, Alan. N. The Creole Portuguese Language of Malacca: a delicate ecology. In: JARNAGIN, Laura. *Portuguese and Luso-Asian legacies in Southeast Asia*. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, p.115-142, 2012.

BAXTER, Alan N.; BASTOS, Augusta. A closer look at the post-nominal genitive determiner in Asian Creole Portuguese. In: CARDOSO, Hugo C.; BAXTER, Alan, N.; NUNES, Mário Pinharanda (Eds.), *Ibero-Asian Creoles: Comparative Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 47-79, 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.1075/cil.46.03bax>.

BAXTER, Alan N. Kristang - Malacca Creole Portuguese. In: MICHAELIS, Susanne; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Survey of Pidgin and Creole Languages. Volume II - Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*. Oxford: Oxford University Press, p.122-130, 2012.

BAXTER, Alan. N. Malacca Creole Portuguese in the 19th century: Evidence of a wider lectal range? *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.33. n.2. p.147-279, 2018.

BAYLEY, R; PEASE-ALVAREZ, R. Null pronoun variation in Mexican-descent children's narrative discourse. *Language Variation and Change*, v. 9. p. 349–371, 1997.

- BIANCHI, Valentina; FRASCARELLI, Mara. Is topic a root phenomenon? *Iberia: An International Journal of Theoretical Linguistics*, v.2. n.1. p.43–88, 2010.
- BICKERTON, D. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. *Behavioural and Brain Sciences*, n.7. p.173-203, 1984.
- BICKERTON, D. Creole languages and the Bioprogram. In: NEWMeyer, F. (Ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. Cambridge: Cambridge University Press, v.2. p.268-284, 1988.
- BIZZARRI, C. Russian as a Partial Pro-Drop Language Data and Analysis from a New Study. *Annali di Ca' Foscari. Serie occidentale*, v. 49, p.335-362, 2015.
- BORSCHBERG, P. Ethnicity, Language and Culture in Melaka and the Transition from Portuguese to Dutch Rule (Seventeenth Century). *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v.83, n.2, p.93–117, 2010.
- CARDOSO, Hugo. *The Indo-Portuguese Language of Diu*. Utrecht: LOT, 2009.
- CADOSO, Hugo; BAXTER, Alan.N; NUNES, Mário. *Ibero-Asian Creoles: Comparative perspectives*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.
- CARDOSO, Hugo C.; HAGEMEIJER, Tjerk; ALEXANDRE, Nélia. Crioulos de base lexical portuguesa. In: ILIESCU, Maria ; ROEGIST, Eugeen (Eds.). *Manuel des anthologies, corpus et textes romans*. Berlin: Mouton de Gruyter, p.670-692, 2015.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. Estructura sociolingüística e innovación lingüística. In: *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, p.115-136, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CLEMENTS, J. Clancy. *The Genesis of a Language: The Formation and Development of Korlai Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996.
- CLEMENTS, J. C. Evidência para a existência de um pidgin português asiático. In: *Crioulos de Base Portuguesa*, ed. E. d' Andrade, M. A. Mota and D. Pereira, Braga: Associação Portuguesa de Linguística, p.185-200, 2000.
- CLEMENTS, J. C. *The Linguistic Legacy of Spanish and Portuguese: Colonial Expansion and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- CLEMENTS, J. Clancy. Speech communities, language varieties, and typology: What does acquisition have to do with it? *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 33:2, p. 411–432, 2018.
- CLEMENTS, J. Clancy. Speech communities, language varieties, and typology - Acquisitional history and pidgin and creole typology. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 34:2, p. 377–390, 2019.

CRUZ, Antonio Manjón-Cabeza; FUREST, Francisca Pose; SÁNCHEZ, Francisco Garcia. Factores determinantes en la expresión del sujeto pronominal en el corpus PRESEEA de Granada. *Boletín de Filología*, vol.51, n.2, p.181-207, 2016.

CYRINO, S.M.L; Reich, U. Uma visão integrada do objeto nulo no português brasileiro. *Romanistisches Jahrbuch*, Berlin , n.52, p.360-361, 2002.

DAHL, O. Temporal distance: Remoteness distinctions in tense-aspect systems. In: B. Butterworth, B. Comrie; O. Dahl (Eds.). *Explanations for language universals*. Berlin: Mouton, p.105–122, 1984.

D’ALESSANDRO, Roberta. *The Null Subject Parameter - Where are we and where are we headed?* MS. Leiden University Centre for Linguistics, July, 2014.

D’ALESSANDRO, Roberta. Null subjects. In: FABREGAS, Antonio; MATEU, Jaume; PUTNAM, Michael. *Contemporary Linguistic Parameters*. New York: Bloomsbury, p.201-226, 2015.

DAVID, M.K.; NOOR, Mohd Noor. Language Maintenance or Language Shift in the portuguese settlement os Malacca in Malaysia? *Migracijske teme*, v.15, p.417-549, 1999.

DEGRAFF, M. Against Creole Exceptionalism. *Language*, n. 79, v. 2, p. 391– 410, 2003.

DEPRAETERE, I. Foregrounding in English relative clauses. *Linguistics*, n.34, p.699–731, 1996.

DRY, H. The movement of narrative time. *The Journal of Literary Semantics*, v.12, n.2, p.19-54, 1983.

DUARTE, M. Eugênia L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1995.

DUARTE, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia? As relações de força entre o Crioulo e o Português na sociedade Cabo-verdiana*. Praia: Spleen Edições, 2003.

DUARTE, Maria E. L. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C. ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiros de castro; 7 Letras, p.123-131, 2003.

FERRAZ, L. I. Portuguese Creoles of West Africa and Asia. In Gilbert, G. G. (Ed.) *Pidgin and Creole Languages - Essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, p.337-360, 1987.

FRASCARELLI, Mara. Subjects, topics and the interpretation of referential pro: An interface approach to the linking of (null) pronouns. *Natural Language and Linguistic Theory*, v.25. n.4. p.691-734, 2007.

FRASCARELLI, Mara. The interpretation of pro in consistent and partial NS languages: A comparative interface analysis. In: COGNOLA, Federica; CASALICCHIO, Jan (eds.). *Null-*

subjects in generative grammar: A synchronic and diachronic perspective. Oxford, New York: Oxford University Press, p.211–239, 2018.

FRASCARELLI, M.; CASENTINI, M. The Interpretation of Null Subjects in a Radical Pro-drop Language: Topic Chains and Discourse-semantic Requirements in Chinese. *Studies in Chinese Linguistics*, v.40. n.1. p.1-45, 2019.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. *O texto na sala de aula.* Cascavel: Assoeste, p.39-46, 1984.

GILLIGAN, G. M. *A Cross Linguistic Approach to the Pro-drop Parameter.* Doctoral diss., Los Angeles: University of Southern California, 1987.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: An introduction. In: GIVÓN, Talmy (ed.). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p.5-41, 1983.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise.* São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GROENEBOER, Kees. *Gateway to the West - The Dutch Language in Colonial Indonesia 1600-1950 - A History of Language Policy.* Amsterdam: Amsterdam University Press, 1998.

HAGEMEIJER, Tjerk. Aspects of discontinuous negation in Santome. In: CYFFER, Norbert; EBERMANN, Erwin; ZIEGELMEYER, Georg (eds.). *Negation patterns in West African languages and beyond.* Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.139-165, 2009b.

HAGEMEIJER, Tjerk. Creole languages and pro-drop. ACBLPE annual conference, Humboldt-Universität zu Berlin, October 27, 2009.

HAGEMEIJER, Tjerk. The Gulf of Guinea creoles: Genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.26. n. 1. p.111–154, 2011.

HAGEMEIJER, Tjerk. Santome structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online.* Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/35](http://apics-online.info/contributions/35). Acesso em: 10 mar. 2020.

HANCOCK, Ian F. Malacca Creole Portuguese: a brief transformational account. *Te Reo*, p.23-44, 1973.

HASPELMATH, Martin; MICHAELIS, Susanne and the APiCS Consortium. Instrument relative clauses. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures.* Oxford: Oxford University Press, 2013.

Disponível em: [Https://apics-online.info/parameters/94.chapter.html](https://apics-online.info/parameters/94.chapter.html). Acesso em: 10 mar. 2020.

HASPELMATH, Martin and the APiCS Consortium. Special dependent person forms for subject and object. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013a.

Disponível em: <https://apics-online.info/parameters/17.chapter.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HASPELMATH, Martin and the APiCS Consortium. Marking of patient noun phrases. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013b.

Disponível em: <https://apics-online.info/parameters/57.chapter.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HASPELMATH, Martin and the APiCS Consortium. Marking of pronominal possessors. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013c.

Disponível em: <https://apics-online.info/parameters/37.chapter.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HASPELMATH, Martin and the APiCS Consortium. Marking of possessor noun phrases. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013d.

Disponível em: <https://apics-online.info/parameters/38.chapter.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HOLM, John. *Pidgins and creoles - Vol II Reference Survey*: Cambridge University Press, 1988.

HOLM, John. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOLMBERG, A; NIKANNE, U. Expletives, Subjects and Topics in Finnish. In: SVENONIUS, P. *Subjects, Expletives and the EPP*. Oxford: Oxford University Press, p.71-105, 2002.

HOLMBERG, Anders; NAYADU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63. p.59–97, 2009.

HOLMBERG, Anders. Null Subject Parameters. In: BIBERAUER, Theresa et al. (edd.). *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, p.88–124, 2010.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: *Syntax and Semantics* vol. 12 *Discourse and Syntax*, ed. Talmy Givón. New York: Academic Press, p.213-241, 1979.

HUANG, C-T. James. *On the distribution and reference of empty pronouns*. *Linguistic Inquiry*, v.15. n.4. p.531-573, 1984.

HUBER, Magnus and the APiCS Consortium. Order of subject, object, and verb. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The atlas of pidgin and creole language structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Disponível em: <https://apics-online.info/parameters/1.chapter.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

JACOBS, Bart. Upper Guinea creole: Evidence in favor of a Santiago birth origins of Papiamentu: Linguistic and historical evidence. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.25. n.2. p.289–343, 2010.

JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Ken. *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, p.1-44, 1989.

JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Ángel L. When discourse met null subjects. *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 5. n.2. p.173–189, 2016.

KATO, Mary A. *A evolução da noção de parâmetros*. *DELTA*, v.18. n.2. p.309-337, 2002.

KOUWENBERG, Silvia. Complementizer pa, the finiteness of its complements, and some remarks on empty categories in Papiamentu. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5. n.1. p.39-51, 1990.

KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor. Introduction. In: *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. 1 ed. Wiley-Blackwell Publishing, 2008. Introdução, p. 1-16.

KOUWENBERG, Silvia; SCOTT, Jodianne. Null subjects in Papiamentu: a reassessment. In: *Crossing Shifting Boundaries: Language and Changing Political Status in Aruba, Bonaire, and Curaçao*, ed. by FARACLAS, Nicholas; SEVERING, Ronald; WEIJER, Christa; ECHELD, Elisabeth. Willemstad, Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma, p.75-86, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p.355-399, 1972.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEE, E. *Language shift and revitalization in the Kristang community, Portuguese Settlement, Malacca*. PhD dissertation, Department of English Language and Linguistics, University of Sheffield. (Unpublished), 2004.

LEE, Nala Huiying. *A Grammar of Baba Malay with sociophonetic considerations*. PhD in Linguistics, University of Hawaii, Manoa, 2014.

LEFEBVRE, C. Relexification in creole genesis and effects on the development of the creole. In: SMITH, N.; VEENSTRA, T. (Eds). *Creolization and Contact*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

LEFÈBVRE, Claire. *Creoles, their substrates and Language Typology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

LIGHTFOOT, David. *How new languages emerge*. New York: Cambridge University Press, 2006.

LOBO, Maria. Sujeitos nulos: gramática do adulto, aquisição de L1 e variação dialetal. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina. *Manual de linguística portuguesa*. Berlim: De Gruyter, p. 558-580, 2016.

LUCCHESI, D. A realização do sujeito pronominal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p.167-183, 2009.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p.101-124, 2009.

LUMSDEN, John S. Language acquisition and creolization. In: DEGRAFF, M. (Ed.) *Language Creation and language change - creolization, diachrony and development*. Massachusetts: MIT Press, p.129-157, 1999.

MARINS, Juliana Esposito. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, p.90, 2009.

MAURER, Philippe. Batavia Creole structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013a

Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/43](http://apics-online.info/contributions/43). Acesso em: 10 mar. 2020.

MAURER, Philippe and the APiCS Consortium. Negation and tense, aspect, and mood marking. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013b.

Disponível em: [Https://apics-online.info/parameters/50#2/30.4/10.2](https://apics-online.info/parameters/50#2/30.4/10.2). Acesso em: 10 mar 2020.

MAURER, Philippe and the APiCS Consortium. Present reference of stative verbs and past perfective reference of dynamic verbs. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013c.

Disponível em: [Https://apics-online.info/parameters/51.chapter.html](https://apics-online.info/parameters/51.chapter.html). Acesso em: 10 mar. 2020.

McWHORTER, John. *Language interrupted: signs of non-native acquisition in Standard Language Grammars*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Uso do pronome sujeito de primeira pessoa no português do Brasil*. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 14. n. 28-29. p. 157-177, 2002.

MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MOSELEY, Christopher (ed.). *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing, 2010. Online
Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MUFWENE, Salikoko. *Competition and Selection in Language Evolution*. In *Selections*. Chicago, 2002.

MUFWENE, S. *Language evolution. Contact, competition and change*. London: Continuum, 2008.

NEELEMAN, A.; SZENDRŐI, Kriszta. Pro Drop and Pronouns. In: John Alderete et al (eds.) *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, p.299-307, 2005.

NEELEMAN, A; SZENDRŐI, Kriszta. Radical Pro-drop and the Morphology of Pronouns. *Linguistic Inquiry*, v.38, p.671–714, 2006.

NICOLIS, Marco. *The null subject parameter and correlating properties: the case of creole Languages*. Theresa Biberauer (ed.) *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.271–294, 2008.

NOONAN, Lawrence A. The portuguese in Malacca. *STVDIA*, n. 23, p.33-104, 1968.

NUNES, M.P. By how many speakers, by whom, with whom, and for what purposes, is kristang still used in the Portuguese Settlement of Malacca? CIEC conference (Colloque International d'Études créoles), Guadalupe, May, 1996.

OROZCO, R. Subject pronoun expression in Mexican Spanish: *¿Qué pasa em Xalapa?* *ProcLingSocAmer*, v. 1, Article 7. p.1-15, 2016.

OTHEGUY, Ricardo; ZENTELLA, Ana Celia; LIVERT, David. Language contact in Spanish in New York toward the formation of a speech community. *Language*, v. 83 n.4. p.770–802, 2007.

OTHEGUY, Ricardo; ZENTELLA, Ana C. *Spanish in New York: Language contact, dialectal leveling, and structural continuity*. New York: Oxford University Press, 2012.

PEŠKOVÁ, Andrea. La omisión y la expresión del pronombre sujeto vos en el español porteño [Omission and expression of subject pronoun vos in Porteño Spanish]. In: DI TULLIO, Ángela; KAILUWEIT, Rolf (eds.). *El español rioplatense*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert Verlag, p.49–76, 2011.

PEŠKOVÁ, Andrea. Experimenting With Pro-drop in Spanish. *SKY Journal of Linguistics*, v.26. p.117-149, 2013.

PIRES, Tomé. *The Suma Oriental of Tomé Pires – na account of the East, from the Red Sea to Japan, written in Malacca and India in 1512-1515*. Edited by A. Cortesão. London: The Hakluyt Society, 1944.

POST, Marike. Fa d'Ambô structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/38](http://apics-online.info/contributions/38). Acesso em: 10 mar. 2020.

PUGLIELLI, Annarita; FRASCARELLI; Mara. Position, function and interpretation of topics in Somali. In: MEREU: Lunella (ed.). *Information structure and its interfaces*. Berlin: Mouton de Gruyter, p.325–348, 2009.

RIZZI, L. Negation, wh-movement and the null subject parameter. In: _____. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, The Netherlands: Foris, p.117-184, 1982.

RIZZI, Luigi. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, v.17. p. 501-557, 1986.

RIZZI, L. 1997. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*, ed. L. Haegeman. Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, p.281–337, 1997.

ROBERTS, I. G. “A Deletion Analysis of Null Subjects.” In: T. Biberauer et al. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, p.58–87, 2010.

SAITO, Mamom. Notes on East Asian Argument Ellipsis. *Language Research*, v.43. n.2. p.203-227, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 9. n. 1. p. 1-14, 1993.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Language contact and change: Spanish in Los Angeles*. New York: Oxford University Press. 1996.

SILVA, Wilma; FACCIO, Luíza. O pronome pessoal na norma urbana culta de São Paulo. *Estudos lingüísticos* (Anais Sem. do GEL), Araraquara, v.4, p.198- 221, 1981.

SINGHO, M. G.; SINGHO, A. S.; SANTA MARIA, S. F.; PINTO, D.; PILLAI, S.; KAJITA, A.; PHILLIP, A. *Beng prende portugues Malaká (Papiá Cristang)*. Kuala Lumpur: University of Malaya Press, 2016.

SINGLER, J. V. The social context of Creole Genesis. In: KOUWENBERG, S.; SINGLER, J. V. (Eds.) *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell, p.332-357, 2008.

SIMPSON, Andrew. Pro drop patterns and analyticity. *LSA.222 Syntactic Analyticity, July/August*, 2005.

SMITH, Ian R. *Sri Lanka creole portuguese phonology*. PhD dissertation, Cornell University, Ithaca, New York, 1977.

SMITH, Ian R. Sri Lanka Portuguese structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/41](http://apics-online.info/contributions/41). Acesso em: 10 mar. 2020.

SOARES DA SILVA, H. Sobre o alcance da sociolinguística no estudo da mudança paramétrica: uma perspectiva interlinguística. *Work. Pap. Linguíst*, Florianópolis, v.1, p.47-65, 2013.

SUDESH, N. *Language maintenance and shift among the Portuguese - Eurasians in the Portuguese Settlement*. Masters thesis. Universiti Malaya, 2000.

SWOLKIEN, Dominika. Cape Verdean Creole of São Vicente structure dataset. In: MICHAELIS, Susanne Maria; MAURER, Philippe; HASPELMATH, Martin; HUBER, Magnus (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

Disponível em: [Http://apics-online.info/contributions/32](http://apics-online.info/contributions/32). Acesso em: 10 mar. 2020.

SYEA, Anan. Null subject in Mauritian Creole and the pro-drop parameter. In: BYRNE, Francis; HOLM, John (eds.) *Atlantic meets Pacific. A global view of pidginization and creolization*. Amsterdam: John Benjamins, p.91-102, 1993.

TAN CHEE-BENG. Baba Malay dialect. *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, v. 53. n.1. p.150-166, 1980.

TARALDSEN, K. Tarald. *On the NIC, vacuous application and the that-trace filter*. Ms., MIT, Cambridge, Massachusetts, 1978.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. A. "Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlinguística". Preedição 5. Campinas, SP: Unicamp, 1989.

THURGOOD, E; THURGOOD, G. Aspect, tense, or aktionsart? The particle ja in kristang (Malacca Creole Portuguese). *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.11. p. 45-70, 1996.

TOMIOKA, Satoshi. The semantics of Japanese null pronouns and its cross linguistic implications. *In: SCHWABE, Kerstin; WINKLE, Susanne (eds.). The interfaces: Deriving and interpreting omitted structures.* Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.321-339, 2003.

TRAVIS, Catherine E. Genre effects on subject expression in Spanish: Priming in narrative and conversation. *Language Variation and Change*, v. 19. p. 101–135, 2007.

TRAVIS, Catherine E.; TORRES CACOULLOS, Rena. What do subject pronouns do in discourse? Cognitive, mechanical and constructional factors in variation. *Cognitive Linguistics*, v. 23. n.4. p. 711-748, 2012.

VEENSTRA, Tonjes. The impact of the language bioprogram hypothesis. *In: KOUWENBERG, S.; SINGLER, J. V. (Eds.). The Handbook of Pidgin and Creole Studies.* Oxford: Wiley-Blackwell, p.219-241, 2008.

VEENSTRA, Tonjes. Syntax pur: Expletive in papiamentu. *In: MENSCHIG, Guido; REMBERGER, Eva. Romanatische Syntax – minimalistisch.* Tübingen: Gunter Narr, p.61-81, 2009.

VELUPILLAI, V. *Pidgins, Creoles and Mixed Languages. An Introduction.* Amsterdam, Philadelphia John Benjamins Publishing Company, 2015.

VERÍSSIMO, Victor. *A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. Entrepalavras: Fortaleza*, v.7, p.76-90, jan./jun, 2017.

VOVÔ DO ILÊ. Entrevista concedida a Larissa de Santana Silva. Salvador, 7 abr. 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

WINFORD, Donald. *An introduction to contact linguistics.* Oxford: Blackwell, 2003.

**APÊNDICE A – TABULAÇÃO CRUZADA ENTRE OS FATORES VERBOS
MODAIS E RESPOSTAS A PERGUNTAS DIRETAS**

CLASSE VERBAL		FUNÇÃO DISCURSIVA DA FRASE											
		Interrogação		Afirmativa		Resposta pergunta QU- ^a		Resposta pergunta do tipo SIM/NÃO ^a		Negativa		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Σ	%
MODAL	Ø:	3	21	187	46	5	42	22	73	81	51	298	48
	<i>Pro:</i>	11	79	222	54	7	58	8	27	78	49	326	52
	Σ:	14		409		12		30		159		624	